

## SANTA TERESA DO MENINO JESUS (1873-1897)

Teresa Martin nasceu em Alençon, França, a 2 de janeiro de 1873, filha de Luís Martin e Zélia Guérin, canonizados em 2015. Após a morte da mãe, ocorrida a 28 de agosto de 1877, Teresa mudou-se com toda a família para a cidade de Lisieux. Algumas graças extraordinárias acompanharam o amadurecimento humano e espiritual de Teresa, permitindo-lhe crescer na consciência da infinita Misericórdia divina que espera ser reconhecida e acolhida por cada ser humano. No dia de Pentecostes de 1883 teve a graça singular da cura de uma grave doença, por intercessão de Nossa Senhora das Vitórias; em 1884 recebeu a Primeira Comunhão e experimentou a graça da união íntima com Cristo.

O grande desejo de seguir as irmãs Paulina e Maria, ingressando no Carmelo de Lisieux, optando pela vida contemplativa, levou-a a implorar ousadamente ao Papa Leão XIII – aproveitando uma peregrinação a Itália e a audiência que o Papa concedeu aos fiéis da diocese de Lisieux – que lhe fosse concedida autorização para entrar no Carmelo contando apenas quinze anos. Tendo-lhe sido concedida, atravessou o limiar do mosteiro em 1888 e professou os seus votos a 8 de setembro de 1890.

O caminho de santidade de Teresa foi reforçado pela sua confiança em Deus nos momentos de maior prova, como testemunhou através dos seus *Manuscritos*, *Cartas* e *Orações*. A sua doutrina também se dá a conhecer através de poesias e de pequenas representações teatrais escritas para os recreios com as Irmãs. Como colaboradora na formação das noviças, empenhou-se em transmitir as suas experiências espirituais condensadas no *Pequeno caminho da infância espiritual*. Além disso, foi incumbida de acompanhar,

mediante o sacrifício e a oração, dois “irmãos missionários”, oportunidade para consolidar a vocação apostólica e missionária que a impelia a arrastar todos consigo, ao encontro do Senhor sedento de almas.

A 3 de abril de 1896, durante a noite de Quinta para Sexta-feira Santa, teve uma primeira manifestação da doença que a levaria à morte. Esse período foi determinante para reconhecer, de modo definitivo, a sua vocação no interior da Igreja, como coração pulsante que é amado, que ama e que faz amar. Transferida para a enfermaria devido ao agravamento da sua saúde, morreu a 30 de setembro de 1897, contando apenas vinte e quatro anos. Como ela própria afirma na sua noite escura da fé, «eu não morro, entro na vida», pronunciando as palavras: «Meu Deus, amo-Te.»

Canonizada por Pio XI a 17 de maio de 1925, dois anos mais tarde foi proclamada padroeira universal das missões, juntamente com São Francisco Xavier. A 19 de outubro de 1997, São João Paulo II proclamou-a Doutora da Igreja. A sua festa litúrgica celebra-se a 1 de outubro.

Na *História de uma alma: Manuscrito C*, escrito autobiográfico de Santa Teresa, aparece descrita a força com a qual Deus a atrai para o vórtice da união com Ele: «Senhor, eu compreendo, quando uma alma se deixou cativar pelo odor inebriante dos teus perfumes, que não seria capaz de correr sozinha, e todas as almas que ama são arrastadas no seu seguimento; isso acontece sem constrição, sem esforço, é uma consequência natural da sua atração por Ti. À semelhança de uma torrente que se lança, impetuosa, no oceano, e que leva atrás de si tudo o que encontrou pelo caminho, também a alma que mergulha, meu Jesus, no oceano do teu amor, arrasta consigo todos os tesouros que possui... Senhor, Tu o sabes: não tenho outros tesouros além das almas que Te aprovou unir à minha.» (*História de uma alma: Manuscrito C*, 334-335).

O ardor de Santa Teresa do Menino Jesus da Santa Face é ateadado e alimentado pela vida de união com o seu Senhor através da oração incessante, da meditação da sua Palavra, da vida sacramental e da fraternidade vividas no mosteiro. A contemplação é uma via de amadurecimento de uma mais

profunda compaixão por todas as realidades. Quem se torna propriedade absoluta de Deus também se transforma em dom de Deus para todos, e a sua existência, inteiramente entregue ao serviço do louvor divino na gratuidade, proclama e difunde por si mesma o primado de Deus e a transcendência da pessoa humana, criada à sua imagem e semelhança. O ardor desta pequena grande santa exprime-se na sua confiança total em Deus e no seu desejo de estender a sua própria experiência de encontro com Ele a todos os irmãos, num abraço universal de comunhão. Ela vê na confiança em Deus um poderoso meio de conversão, vivendo para responder ao desejo de Jesus de ser amado. Deseja amá-l'O e fazê-l'O amar, dar-Lhe amor em troca de Amor. O maior desejo de Teresa, a santidade, é inseparável do desejo de salvação para todos os seus irmãos, com particular solicitude pelos mais pobres. O apostolado especial, que uma contemplativa vive entre as quatro paredes que delimitam um espaço reservado exclusivamente ao Senhor, está ligado ao coração do corpo místico de Cristo, um coração que ama e que transmite amor, permitindo a cada um viver o carisma específico, a própria missão, a própria identidade, o serviço pelo Reino.

Uma vida oferecida a Deus, unida ao sacrifício do Calvário, obtém a graça de O poder servir com fidelidade, criatividade e energia gastas em favor dos irmãos: é esta a parte fundamental em que se radicam o cuidado pastoral das almas e o trabalho missionário. Uma fusão de vida ativa e contemplativa que tem lugar no coração de quem responde à chamada do Senhor e se desenvolve no corpo místico de Cristo, no qual os diversos membros desempenham, em harmonia, a sua missão específica, sustentando-se e fecundando-se reciprocamente. É assim que também um lugar reservado exclusivamente ao louvor do Senhor, o mosteiro de clausura, se torna adequado para a obra missionária, enquanto lugar de intercessão e de participação orante e fraterna nos trabalhos missionários.

«Gostaria, ao mesmo tempo, de anunciar o Evangelho nas cinco partes do mundo e até nas ilhas mais remotas. Gostaria de ser missionária, não só por alguns anos, mas gostaria de o ter sido desde a criação do mundo e de

o ser até à consumação dos séculos. Mas gostaria sobretudo, meu amado Salvador, gostaria de derramar o meu sangue por Ti, até à última gota... O martírio, é esse o sonho da minha juventude [...] pois não me saberia limitar a desejar um único martírio. Para me satisfazer, gostaria de passar por todos [...]. Jesus, se eu quisesse pôr por escrito todos os meus desejos, teria de pegar no teu livro da vida, onde estão narradas as ações de todos os santos, desejando ter sido eu a praticar todas essas ações por Ti.» (*História de uma alma: Manuscrito B, 251-252*)

Teresa oferecia de bom grado os seus sofrimentos para apoiar a vocação e a obra dos missionários, e explicava-o às Irmãs que observavam os seus esforços sem compreenderem as fortes motivações que a impeliam a enviá-los. Teresa não se poupou a si própria durante a vida, mas o seu grande zelo levou-a a exprimir o desejo de nem sequer depois da morte repousar, a fim de continuar a viver a sua missão pelos irmãos conduzindo-os ao Amor, com uma determinação ainda maior na sua condição de alma profundamente unida ao seu Senhor.

Na relação epistolar com os missionários, seus irmãos espirituais, sublinha que as armas apostólicas que lhes foram dadas pelo Senhor Jesus são usadas com maior desenvoltura em virtude da oração e do amor postas à disposição deles por Teresa. Ela insiste na beleza do Pequeno Caminho por si percorrido para chegar ao Coração do Senhor, a fim de conduzir a Ele todos os missionários e as almas que lhes foram confiadas. Numa sua oração particularmente carregada de referências às Escrituras, Teresa dirige-se a Deus da seguinte forma:

«Ó meu Jesus, eu Te dou graças por satisfazeres um dos meus maiores desejos: o de ter um irmão sacerdote e apóstolo [...]. Tu bem sabes, Senhor: a minha única ambição é dar-Te a conhecer e a amar, e agora o meu desejo será realizado. Eu não posso deixar de rezar e de sofrer, mas a alma à qual Te dignas unir-me pelos doces vínculos da caridade irá combater na planície para conquistar corações para Ti, e eu, na montanha do Carmelo, suplicar-Te-ei que lhe dê a vitória.

Divino Jesus, escuta a oração que Te dirijo por quem quer ser teu missionário: guarda-o no meio dos perigos do mundo; fá-lo sentir cada vez mais o nada e a vaidade das coisas passageiras e a felicidade de as saber desprezar por teu amor. Que o seu sublime apostolado se exercite desde já sobre aqueles que o rodeiam, que ele seja um apóstolo, digno do teu Sagrado Coração.»  
(*Oração de 1895*)



Outubro  
2019

## SÃO FRANCISCO XAVIER (1506-1552)

Francisco Xavier é conhecido como o maior santo missionário da época moderna, a ponto de Bento XV, na sua encíclica missionária *Maximum Illud* (1919), o ter comparado aos apóstolos. Francisco Xavier nasceu a 7 de abril de 1506 no castelo de Xavier, em Navarra (Espanha), e morreu a 3 de dezembro de 1552, na ilha de Sanchoão, na China. Foi um dos primeiros companheiros de Inácio de Loyola; com ele, com Teresa de Ávila e com Filipe Néri, foi canonizado por Gregório XV em 1622, no mesmo ano em que o pontífice erigia a Sagrada Congregação da *Propaganda Fide*. Mais tarde foi «declarado padroeiro do Oriente pelo Papa Bento XIV, em 1748, e depois, em 1904, foi nomeado padroeiro para a propagação da Fé por Pio X. Finamente, em 1927, com Santa Teresa do Menino Jesus, foi proclamado padroeiro de todas as missões por Pio X)» (*San Francesco Saverio. Le lettere e altri documenti*, organizado por Caboni, Adriana, Roma, Città Nuova, 1991, p. 35). Ele é, portanto, um dos mais significativos representantes daquela Igreja tridentina definida como «uma Igreja para as almas».

A vida e a obra de Francisco Xavier enquadram-se, com efeito, naquele período caracterizado pela reforma da Igreja, pela luta contra o Protestantismo e também pela missão *ad gentes*, inaugurada na esteira das grandes viagens oceânicas dos séculos XV e XVI e da consequente nova compreensão da geografia mundial, primavera missionária no início da Idade Moderna. Nesse contexto, Francisco Xavier desenvolveu uma tal obra de evangelização que mereceu o título de «apóstolo da Índia e do Japão», título que só se pode compreender devidamente à luz das condições de vida da época, bem como das condições relativas às viagens, às distâncias e ao tempo que

duravam as deslocações (entre 1541 e 1552, por exemplo, Xavier percorreu 63 000 km por mar).

A vida de Francisco Xavier desenvolveu-se em duas etapas: a europeia, de 1506 a 1541, marcada pelo encontro em Paris com Inácio, o qual, repetindo constantemente a frase de Jesus, «com efeito, que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro se perder a sua vida?» (Mt 16,26), “conquistava” Xavier como um dos seus primeiros companheiros daquela aventura que viria a receber o nome de Companhia de Jesus, e da aventura missionária asiática, de 1541 a 1552, caracterizada pelo apostolado *ad gentes*, que teve como metas principais a Índia (1541-1545), as ilhas Molucas (1545-1549) e o Japão (1549-1552), até à sua morte, na ilha de Sanchoão. Através dele, o “espetáculo da santidade” chegava a terras e a povos até então desconhecidos da Igreja, que podiam agora escutar o anúncio do Evangelho e acolher a salvação universal pela fé em Jesus Cristo ressuscitado.

A relação com Inácio e a experiência de amizade em Cristo entre os primeiros membros da Companhia de Jesus são dois elementos iniciais e permanentes da fisionomia espiritual de Xavier. A centralidade permanente da Pessoa de Jesus Cristo pode ser apreendida desde a origem da própria Companhia de Jesus, assim chamada porque não havia ninguém a dirigir os seus membros, a não ser Jesus Cristo, único a quem queriam servir. Disso derivava, sem interrupção, a pertença ao Corpo de Cristo na história: embora, no seu conjunto, a Igreja fosse guiada pelo Papa enquanto sucessor de Pedro, tratava-se, de modo particular, da pertença à Companhia de Jesus como lugar da familiaridade com Jesus ressuscitado, vivo e presente no meio daqueles que se tinham tornado seus amigos e companheiros.

A espiritualidade e a ação missionária de Xavier tinham, portanto, por fundamento, a consciência expressa por São Paulo: «O amor de Cristo é que nos impulsiona, quando consideramos que um só morreu por todos e, conseqüentemente, todos morreram. Ora, Cristo morreu por todos, e assim, aqueles que vivem, já não vivem para si, mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou. Por isso, doravante não conhecemos mais ninguém pelas

aparências. Mesmo que tenhamos conhecido Cristo segundo as aparências, agora já não O conhecemos assim.» (2COR 5,14-16)

Naturalmente, tudo isto se verificava no contexto concreto em que Francisco vivia e desenvolvia o seu apostolado. Das cartas é possível extrair indicações significativas, como no caso da carta dirigida a Inácio a 28 de outubro de 1542 e da carta dirigida aos companheiros de Roma, de 15 de janeiro de 1544, da qual se transcrevem algumas passagens: «Quando eu chegava a esses lugares, batizava todas as crianças ainda não batizadas, de tal modo que administrava o sacramento a uma grande multidão de bebês que não sabem distinguir a mão direita da esquerda. Mal chegava às aldeias, as crianças nem sequer me deixavam recitar o ofício, nem comer nem dormir, sem antes lhes ensinar algumas orações. Comecei então a compreender por que razão delas é o reino dos céus [...]. Conheci entre elas grandes talentos e, se houvesse quem as amestrasse na santa fé, tenho a certeza absoluta de que viriam a ser bons cristãos.» (*San Francesco Saverio. Le lettere e altri documenti*, cit., pp. 102-103).

«Nestes lugares, muitos transcuram de se tornarem cristãos, porque não têm pessoas que se ocupem de coisas tão pijs e santas. Muitas vezes sou dominado pelo pensamento avassalador de ir às universidades e daí, gritando como um homem que tivesse perdido o juízo, e sobretudo à Universidade de Paris, dizendo a todos os que frequentam a Sorbona, que têm mais ciência do que vontade de fazê-la frutificar: “Quantas almas não poderiam ir para o paraíso e vão para o inferno pela vossa negligência!”» (*San Francesco Saverio. Le lettere e altri documenti*, cit., pp. 110-111)

Depreende-se destes textos que a espiritualidade de Francisco Xavier está em relação constante com o apostolado para salvação das almas: apostolado feito de movimento itinerante, de pregação kerigmática, de instrução catequética basilar, de conhecimento e partilha do ambiente desde as suas condições de extrema pobreza. A propósito do apostolado, este era caracterizado por uma «maneira afável e cheia de compreensão e respeito por todas as pessoas de quem se aproximava, [que] era certamente um dos seus dotes humanos mais belos e atraentes, mas que certamente servia para esconder, sob um véu de

discrição e do melhor dos modos, aquela vida espiritual intensíssima e aquela união íntima com Deus que lhe ardiam no coração.» (*San Francesco Saverio. Le lettere e altri documenti*, cit. p. 38)

A estes elementos devia somar-se a experiência do sacrifício e da prova, como Francisco escrevia a Inácio a 9 de abril de 1552, em virtude daquilo que tinha vivido no Japão: «Pela experiência que tenho do Japão, aos padres que lá forem para fazer frutificar as almas, sobretudo àqueles que forem às Universidades, são necessárias duas coisas: a primeira é que tenham sido postos muito à prova e que tenham sido perseguidos no mundo, e que tenham grande experiência e muito conhecimento interior de si mesmos, visto que no Japão talvez venham a ser mais perseguidos do que jamais o foram na Europa. É uma terra fria e com pouca roupa. Não dormem em camas, porque não as há. Os alimentos escasseiam. Desprezam os estrangeiros, sobretudo aqueles que vão para pregar a lei de Deus, e isto até começarem a saborear Deus. Os sacerdotes do Japão persegui-os-ão sempre, e aqueles que forem às universidades, não creio que possam levar as coisas necessárias para dizer missa por causa dos inúmeros ladrões que se encontram nos lugares aonde forem. Entre tantas penas e tribulações, há também a falta da consolação da Missa e das forças espirituais concedidas às pessoas que tomam o Senhor: veja vossa santa Caridade que virtude se requer dos Padres que tiverem de ir às universidades do Japão.» (*San Francesco Saverio. Le lettere e altri documenti*, cit., p. 422)

As penas, as renúncias e as provas, porém, eram vividas por Xavier com confiança, paz e alegria que lhe advinham das graças que, como ele próprio testemunha nos seus escritos, recebia de Deus. Além disso, era ajudado pelo testemunho de autêntica e fiel amizade que experimentava ao receber as inúmeras e tão esperadas cartas de Inácio e dos seus amigos. O amor de Cristo, que se lhe tinha manifestado em Paris no encontro com Inácio, era a experiência que acompanhava Francisco e que se manifestava através da sua pessoa e da sua vida, dedicada ao anúncio do Evangelho e à salvação dos homens e das mulheres que encontrou no Extremo Oriente da primeira metade do século XVI.

## SÃO FRANCISCO DE ASSIS (1182-1226)

**E**m 1206, Francisco Bernardone, filho de um rico mercador de Assis, iniciou o seu caminho de profunda conversão e mudou radicalmente o seu estilo de vida. De rapaz despreocupado e vaidoso, enveredou por uma sincera e apaixonada busca de Deus. Cerca de dois anos mais tarde, na sua igreja predileta de Santa Maria dos Anjos, ficou profundamente impressionado ao escutar a passagem do Evangelho sobre o envio dos discípulos de Jesus. Quando ouviu que os apóstolos não deviam possuir ouro, nem prata, nem dinheiro, mas apenas pregar o Reino de Deus e a penitência, exclamou, cheio de alegria: «É isto que eu quero, é isto que eu peço, é isto que anseio fazer de todo o coração.» (*Vita Prima di Tommaso da Celano*, 22: *Fonti Francescane* [FF], 356) O Evangelho indicou-lhe o caminho, impelindo-o para a missão.

A sua conversão amadureceu quando, na igreja de São Damião, ouviu o crucifixo revelar-lhe a vontade divina: devia reparar a Casa do Senhor que estava em ruínas. A imagem do crucifixo tornou-se para ele no espelho em que se refletiam os rostos de todos os homens crucificados. Francisco pôs literalmente em prática as palavras do Evangelho, despojando-se de todos os bens, inclusive das suas próprias vestes. Num gesto simbólico, foi coberto pelo manto episcopal, na praça de Assis: a partir desse momento, ficaria sob a proteção do bispo Guido.

Mal se formou o primeiro grupo de oito companheiros, Francisco enviou-os aos quatro cantos do mundo a anunciar a palavra de Deus. Tinha consciência de que Deus confiara à sua comunidade uma missão universal e procurava o reconhecimento do Sumo Pontífice. Essa sua sensibilidade evangelizadora global também se apreende no colóquio entre Francisco e o

cardeal Hugolino. Contrário à rápida e caótica expansão da Ordem, Francisco afirmou: «Não penseis, meu senhor, que Deus tenha enviado os frades apenas para bem destas regiões. Digo-vos, na verdade, que Deus escolheu e enviou os frades para proveito espiritual e salvação das almas dos homens do mundo inteiro; eles serão recebidos não só nas terras dos cristãos, mas também nas terras dos infiéis.» (*Leggenda perugina*, 82: *Fonti Francescane* [FF], 1638)

O anúncio do Evangelho era uma consequência natural da total adesão de Francisco a Jesus Cristo. O critério cristológico foi decisivo para o *Poverello* nos momentos de dúvida e de perplexidade. A *sequela Christi* implicava não só a pobreza, a itinerância e a fraternidade, mas também o empenho missionário. Francisco desejava ardentemente dedicar-se ao trabalho apostólico até ao sacrifício de si próprio, à maneira de Jesus. O anseio de chegar à conformidade com o Senhor suscitou nele a ideia de levar a Boa Nova aos infiéis.

Após duas tentativas falhadas de chegar à Terra Santa e a Marrocos (1212-1215), e depois de ter enviado frei Egídio à Tunísia e frei Elias à Palestina, em 1219 Francisco juntou-se à expedição dos cruzados e chegou ao Egito. No acampamento cristão, junto da cidade de Damietta, no delta do Nilo, desempenhou o papel de assistente espiritual, tomando a seu cargo os soldados feridos. Durante um armistício, Francisco e frei Iluminado chegaram ao acampamento muçulmano e pediram audiência ao sultão al-Malik al-Kamil. «Aos sarracenos que o tinham feito prisioneiro, repetia durante o trajeto: “Sou cristão, conduzi-me ao vosso senhor.” Quando chegou à presença do sultão, essa besta cruel, observando o aspeto daquele homem de Deus, sentiu-se transformada em homem manso, e durante muitos dias escutou-o com muita atenção, enquanto Francisco pregava Cristo diante dele e dos seus.» (Giacomo da Vitry, *Historia Occidentalis* 14: FF 2227) Al-Malik al-Kamil, que, segundo o juízo unânime das fontes era um homem sábio e generoso, acolheu os irmãos com cortesia e benevolência. Francisco não se limitou a trocar palavras de cortesia, mas, com simplicidade, franqueza

e força, professou a fé cristã, anunciando o *kerygma* da salvação em Cristo. Ao contrário dos discursos de muitos cristãos da época e até das alocuções papais, o *Poverello* não usou uma linguagem ofensiva em relação à fé islâmica nem feriu a sensibilidade religiosa do seu interlocutor. O objetivo da sua missão, porém, manteve-se bem definido: converter o sultão e – seguindo a linha dos missionários medievais –, em seguida converter também o povo que lhe estava sujeito. Algumas fontes narram que, como a sua ardente pregação não tivesse obtido os resultados esperados, Francisco recorreu a outro estratagema, propondo a ordália – a prova de fogo – como última comprovação e confirmação das suas palavras. Ao ver o pânico e a cólera dos seus conselheiros, o sultão não aceitou o desafio, mas ficou profundamente impressionado com a fé e a coragem do frade. A sua presença e os seus discursos espirituais revelavam um rosto diferente da cristandade, pondo em destaque uma viva e sincera experiência de Deus. A viagem de Francisco ao Oriente revelou-se aparentemente infrutífera: o frade não converteu o sultão nem obteve a palma do martírio. Todavia, o *Poverello* conquistou um amigo e confiou à sua Ordem o encargo de continuar a missão e o diálogo pacífico com o mundo islâmico. A experiência por ele vivida permitiu-lhe, depois de regressar à pátria, elaborar um projeto missionário para a sua Ordem, prestando particular atenção aos irmãos muçulmanos.

A ausência de Francisco de Itália provocou uma crise no governo da comunidade dos frades: a Ordem nascente, de carácter internacional, tinha uma necessidade urgente de uma regra jurídica precisa e eficaz. Francisco é o primeiro fundador de uma Ordem religiosa que insere na sua legislação uma secção inteira dedicada às missões. O capítulo XVI da *Regola non bollata*, redigida em 1221, é um verdadeiro “tratado de metodologia missionária” e, juntamente com o capítulo XII da *Regola bollata*, aprovada em 1223 pelo Papa Honório II, traça um programa válido para todos os irmãos. Pela primeira vez, o anúncio do Evangelho não é apenas um encargo de personagens carismáticas individuais, mas toda a Ordem franciscana é incentivada a seguir linhas de atuação concretas para desempenhar essa missão.

A novidade do plano missionário concebido por Francisco manifesta-se no título do capítulo XVI da *Regola non bollata*: «Daqueles que se dirigem aos sarracenos e a outros infiéis». Com efeito, enquanto naquela época os cruzados investiam “contra” (*contra*) os muçulmanos, o *Poverello* envia os seus frades não só “a” (*ad*) eles, mas envia-os até “entre” (*inter*), para o meio deles. A criação de uma colónia ocidental é completamente estranha ao espírito franciscano. Os pressupostos para uma eficaz atividade missionária são a solidariedade e a amizade com a gente local e o conhecimento do ambiente islâmico. Seguidamente, Francisco apresentou duas modalidades de comportamento dos missionários no território muçulmano: «Um modo é que não provoquem litígios ou disputas, mas que se submetam a toda a criatura humana por amor a Deus e confessem que são cristãos. O outro modo é que, quando virem que isso agrada ao Senhor, anunciem a palavra de Deus para que eles creiam em Deus onipotente, Pai e Filho e Espírito Santo, Criador de todas as coisas, e no seu Filho Redentor e Salvador, sejam batizados e se façam cristãos.» (*Regra non Bollata* cap. XVI, 7-10: FF 43)

Nesta passagem vê-se uma nova e original estratégia missionária de Francisco. Em primeiro lugar, destaca-se o testemunho da vida animada pelo amor de Deus. A própria presença deve ser significativa e eloquente. O exemplo de fraternidade constitui o método mais eficaz e credível da evangelização. Os frades devem renunciar, portanto, a toda a pretensão de superioridade e de domínio, respeitar os diversos costumes e inserir-se, como cristãos, no contexto local. Mediante a prática das virtudes cristãs, as testemunhas silenciosas do Evangelho são chamadas a confessar com coragem e humildade a sua fé. A segunda atitude é o anúncio explícito da palavra de Deus, que só poderá ocorrer depois de uma ponderada avaliação das circunstâncias e após uma paciente espera do momento oportuno. O missionário não poderá, então, apropriar-se da Palavra, não poderá ser o usurpador impetuoso da Boa Nova, mas deverá mergulhar na escuta de Deus e perceber a sua vontade. Francisco não perde de vista o objetivo principal da missão, ou seja, a conversão dos infiéis. A adesão à fé deve ser uma escolha pessoal e

não precipitada, ou antes, deve ser vista como a eficácia do testemunho e do anúncio dos frades.

A viagem missionária do *Poverello* ao Oriente deixou marcas na sua espiritualidade, levando-o a assimilar algumas formas de piedade e oração que encontrou no ambiente islâmico, como se lê em algumas das suas cartas. Na *Carta aos governantes dos povos* (Cgp), Francisco sugere que se crie, nos países cristãos, o cargo de animador público que – à maneira de um muezim – pudesse reunir as pessoas para a oração: «E deveis dar ao Senhor tanta honra entre o povo que vos foi confiado, que todas as tardes um pregoeiro, ou outro sinal, apele a que sejam elevados louvores e ações de graças ao Todo-poderoso, Senhor Deus de todo o povo.» (Cgp 9: FF 213) Um eco remoto da proposta de Francisco foi a iniciativa de frei Bento de Arezzo, então ministro provincial na Terra Santa, a quem se deve o uso do sino durante a recitação do *Angelus*, prática que foi imediatamente acolhida e difundida pela Ordem franciscana através de toda a cristandade.

A ideia da missão está presente na vida de Francisco desde o início da sua conversão. Deriva do desejo de viver o Evangelho e de seguir as pegadas do Divino Mestre. A invenção do presépio para o Natal de 1223, em Greccio, e o dom dos estigmas, manifestam a sua profunda identificação espiritual e corporal com Jesus Cristo, fonte e razão da sua fé e da sua missão. Doente e debilitado pela sua vida de privações, extinguiu-se em Assis, na tarde do dia 3 de outubro de 1226.

Outubro  
2019

## BEATO PAULO MANNA (1872-1952)

«No padre Paulo Manna, apreendemos um reflexo especial da glória de Deus. Gastou toda a sua existência pela causa missionária. De todas as páginas dos seus escritos emerge, viva, a pessoa de Jesus, centro da vida e razão de ser da missão.»

Estas palavras de São João Paulo II (*Homilia* da beatificação de Paulo Manna, 4 de novembro de 2001) reproduzem, sinteticamente, a fisionomia espiritual deste grande apóstolo da evangelização *ad gentes*, considerado pelos estudiosos precursor do Concílio Vaticano II.

Paulo António Manna nasceu em Avellino, a 16 de janeiro de 1872, sendo o quinto de seis filhos. Após os estudos elementares e técnicos em Avellino e Nápoles, prosseguiu os seus estudos em Roma. Enquanto tirava o curso de Filosofia na Universidade Gregoriana, sentiu a chamada do Senhor para a vida missionária e entrou no seminário do Instituto para as Missões Estrangeiras em Milão, a fim de estudar Teologia. Foi ordenado sacerdote a 19 de maio de 1894, na catedral de Milão.

Destinado pelos superiores à Birmânia (hoje Myanmar), partiu a 27 de setembro de 1895 para a missão de Toungoo. Embora condicionado por uma saúde precária, dedicou-se com incansável solicitude à evangelização<sup>1</sup> e à promoção humana dos Carianos (em particular dos *Ghekhù*, sobre os quais escreveria mais tarde uma apreciada monografia). Os esforços das viagens,

<sup>1</sup> Os pais do primeiro beato nativo da Birmânia (atual Myanmar), Isidoro Ngei Ko Lat, catequista, martirizado com o padre Mario Vergara, IPME, também foram evangelizados pelo padre Manna. Ambos, tanto o missionário como o catequista, foram beatificados a 24 de maio de 2014, na catedral de Aversa (diocese homónima, província de Caserta).

as febres maláricas e uma tuberculose incipiente forçaram-no à repatriação definitiva a 7 de julho de 1907.

Em Itália, o padre Paulo lançou-se de cabeça numa atividade intensa e diversificada de animação missionária, pondo a render os seus dotes de observador perspicaz da realidade eclesial a nível global, de conferencista, publicista e culto escritor. «Toda a Igreja para todo o mundo» viria a tornar-se no seu lema. «Alma de fogo»<sup>2</sup>, transferiu para os seus livros a sua ardente visão de fé sobre os múltiplos e complexos problemas da missão *ad gentes*. Desenvolveu, nesse sentido, uma análise audaz e penetrante, com intuições muitas vezes consideradas “proféticas” pelos especialistas.

Em 1909, foi nomeado diretor da revista *Le Missioni Cattoliche*, que recebeu novo impulso sob a sua orientação experiente e dinâmica. Publicou opúsculos e livros e escreveu artigos sobre os temas de cariz missionário que tomava mais a peito. Lançou várias iniciativas de cooperação missionária: adoções, bolsas de estudo, folhetos de orações pelas missões... Fundou novos periódicos, como *Propaganda missionaria*, para as famílias, *Italia missionaria*, para os jovens, e, mais tarde, *Venga il Tuo Regno*, também para as famílias, sobretudo do Sul.

Em 1915 o padre Manna deu os primeiros passos em vista da fundação da União Missionária do Clero (hoje Pontifícia União Missionária): «a pedra preciosa da sua vida», como a definiria Pio XII. Um apoio decisivo para realizar esse seu projeto veio-lhe de Dom Guido Maria Conforti, bispo de Parma, fundador dos Missionários Saverianos (canonizado em 2011). Os estatutos da União, apresentados ao Papa pelo próprio Conforti, foram aprovados a 31 de outubro de 1916. Na Encíclica *Maximum Illud* (1919), Bento XV exaltou a União Missionária do Clero, manifestando o seu desejo de que esta fosse «instituída em todas as dioceses do orbe católico».

A ideia de base, plenamente partilhada por Dom Conforti, era a necessidade de partir do clero para colocar em estado de missão todo o povo de Deus. O padre Manna estava convencido que «cada sacerdote é missionário, por

<sup>2</sup> Assim o definiu o padre Gian Battista Tragella (1885-1968), insigne missiólogo, historiador do IPME, grande amigo e colaborador do padre Manna, bem como seu primeiro biógrafo.

natureza e por definição», mas tem constantemente necessidade de reavivar a chama do zelo apostólico no seu próprio coração. «O missionário é, por excelência, o homem da fé: nasce da fé, vive da fé, por esta de bom grado trabalha, padece e morre. [...] Sem a fé, o missionário não se compreende, não existe; e, se existe, não é o verdadeiro missionário de Jesus Cristo.» (Paulo Manna, *Virtù Apostoliche – Lettere ai missionari*, EMI, Bologna, 1997, p. 89)

Em 1924 foi-lhe confiada uma nova responsabilidade, particularmente exigente, a de guiar, como superior-geral, o Instituto das Missões Estrangeiras de Milão, que em 1926 passaria a ser Instituto Pontifício das Missões Estrangeiras (IPME), por vontade de Pio XI, que o uniu ao análogo Seminário Missionário dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo de Roma. Nos seus dez anos de governo, a paixão missionária de Manna revelou-se sobretudo nas “conversas em família”: cartas-meditações dirigidas aos seus confrades e publicadas no boletim intitulado *Il Vincolo*, instrumento de animação, informação e ligação entre os membros do IPME espalhados pelo mundo. Reunidos mais tarde num volume intitulado *Virtù Apostoliche*, esses escritos constituem um clássico da espiritualidade missionária.

Estava profundamente convencido do papel fundamental da oração na vida do missionário. «Sede homens de vida interior, homens de oração. [...] É importante saber pregar, mas é muito mais importante saber rezar. O missionário que domina bem a língua e que sabe pregar, mas que reza pouco, exporá na perfeição a verdade da nossa santa religião, mas deixará as almas frias. O missionário que tem muita intimidade com Deus na oração, mesmo que não seja feliz na sua exposição, terá sempre o dom de instilar o espírito de Jesus Cristo nas almas, que, aliás, é aquilo que a pregação deve conseguir, em primeiro lugar. O primeiro ensinará Jesus Cristo, o outro torná-lo-á visível. Entendeis a diferença? “Se aquele que ensina não é homem de vida interior, a sua língua dirá coisas vazias” (São Gregório).» (Paulo Manna, *Virtù Apostoliche – Lettere ai missionari*, EMI, Bologna, 1997, p. 100)

O pensamento do padre Manna tornou-se mais rico e mais preciso na sequência de uma longa viagem missionária ao Oriente, que durou cerca de

dois anos (1927-1929). Da observação das inúmeras realidades ambientais, culturais e eclesiais, e dos encontros tidos com numerosas personalidades e com os missionários em campo, nasceu o *Pro-memoria Osservazioni sul metodo moderno di evangelizzazione*, umas noventa páginas com notas, comentários e propostas audazes e inovadoras. Esse escrito, enviado à *Propaganda Fide*, permanecerá inédito até 1977.

Em 1934, terminado o seu mandato como superior-geral do Instituto, outra grande obra, por ele iniciada e preparada com cuidado, será levada a cabo, por ordem da Assembleia Geral do IPME, pelo seu sucessor à frente do Instituto, Dom Lorenzo Maria Balconi: a fundação das Missionárias da Imaculada (Milão, 8 de dezembro de 1936). Esta nova congregação feminina reconhece no padre Manna o “inspirador” do seu próprio carisma missionário.

De 1937 a 1941, o padre Manna foi secretário internacional da União Missionária do Clero. Estabeleceu uma rede de relações com núncios, bispos e sacerdotes de todo o mundo. Continuou a escrever cartas, livros e artigos. Particularmente sensível aos problemas levantados pela divisão entre os cristãos, tornou-se “profeta do ecumenismo”. Em 1941, publicou *I fratelli separati e noi*, com várias traduções no estrangeiro. Esta obra foi bem acolhida entre os cristãos não-católicos, tanto no Oriente como no Ocidente, embora as posições respetivas tenham permanecido distantes. Em 1950 escreveu *Le nostre Chiese e la propagazione del Vangelo*; as ideias contidas nesta obra serão retomadas por Pio XII na encíclica *Fidei Donum*.

O padre Paulo Manna morreu em Nápoles, a 15 de setembro de 1952. Os seus restos mortais repousam em Ducenta. Foi beatificado por João Paulo II, a 4 de novembro de 2001.

## VENERÁVEL PAULINA MARIA JARICOT (1799-1862)

Paulina Maria Jaricot nasceu numa família de fiéis católicos, a 22 de julho de 1799, imediatamente a seguir à Revolução Francesa. Era a sétima e última filha de Antoine e Jeanne Jaricot, comerciantes de seda de Lyon, cidade cujas raízes cristãs remontam ao século II e que se orgulha de ter tido o Padre da Igreja Santo Ireneu como seu segundo bispo.

Paulina foi batizada no dia do seu nascimento. Os seus pais tinham pedido a um sacerdote fiel ao Papa que batizasse a sua última filha na casa de família, porque o seu pároco de San Nizir tinha prestado o juramento exigido pelo Governo revolucionário, um juramento que minava a autoridade da Igreja em França. Portanto, foi num clima de instabilidade civil e durante um período de profundas mudanças sociais que Paulina viveu neste mundo e levou ao seu termo um trabalho que viria a ser crucial para a atividade da evangelização.

De todos os relatos se depreende que foi uma criança feliz e muito viva, determinada e até obstinada. Na sua autobiografia – que deve ser lida com ponderação, visto que Paulina era muito severa consigo mesma – escreve: «Nasci com uma imaginação ardente, uma atitude superficial e um carácter violento e preguiçoso. Seria capaz de me deixar dominar completamente por outras coisas... [mas] Deus deu-me um coração fiel, que se abandonava facilmente à devoção.» Era muito afeiçoada ao seu irmão Phileas, dois anos mais velho do que ela, que estava decidido a tornar-se missionário na China. Quando Phileas anunciou o seu propósito, Paulina comunicou de imediato a sua intenção de o acompanhar para se ocupar dos pobres e dos doentes e para arranjar as flores na igreja.

Durante a sua adolescência e os primeiros anos da sua idade adulta, era inconstante na devoção: alternava momentos de oração intensa, em que brotava dela o desejo de passar longos períodos na igreja diante do Santíssimo Sacramento a rezar, por intercessão da Virgem Maria, com outras ocasiões em que sentia um desejo profundo de participar em eventos mundanos, envergando roupas elegantes e sendo admirada e cortejada por rapazes sobre os quais fantasiava idílicos e possíveis casamentos. A 16 de abril de 1812, aos treze anos de idade, após uma séria e fervorosa preparação, recebeu a Primeira Comunhão com enorme devoção.

A sua vida, porém, sofreria uma mudança drástica aos quinze anos de idade, após um acidente doméstico. Estava a fazer limpezas quando caiu de um escadote, embatendo violentamente no chão. A queda abalou gravemente o seu sistema nervoso, afetando-lhe os movimentos dos membros e a fala. Embora os médicos tivessem experimentado várias terapias, mostravam-se pessimistas sobre a possibilidade de encontrar um remédio. A mãe, muito preocupada com a saúde de Paulina, também adoeceu, e a sua doença agravou-se ainda mais com a notícia da morte inesperada do seu primogénito Narcisse, aos vinte e um anos de idade. Antoine Jaricot decidiu enviar a sua filha para uma pequena aldeia fora de Lyon, na esperança de que, separando mãe e filha, pudesse acelerar a cura de ambas. Infelizmente, porém, a 29 de novembro de 1814, Jeanne Jaricot morreu. Por medo de que se agravasse ainda mais a saúde de Paulina, a família decidiu não a informar da morte da mãe.

O pároco local convidou Paulina a retomar a prática religiosa, e ela decidiu pedir livremente o Sacramento da Reconciliação e da Eucaristia. A experiência do perdão e do alimento espiritual exerceu um efeito profundo sobre ela. A partir desse momento, começou a recuperar o uso dos membros e, quando finalmente lhe foi anunciada a morte da mãe, admitiu que já o tinha suspeitado. Mal conseguiu caminhar, pediu que a acompanhassem à Basílica de Notre-Dame de Fourvière, em Lyon, para poder rezar diante da magnífica imagem de Nossa Senhora, que apresenta o Menino Jesus ao mundo.

A partir de então, Paulina decidiu dedicar a sua vida exclusivamente ao serviço dos pobres e dos doentes, visitando diariamente os hospitais e as pessoas incuráveis, ligando as suas feridas e dirigindo-lhes palavras de conforto. A ajuda aos necessitados era acompanhada por uma vida de intensa oração, recebendo diariamente a Eucaristia e intercedendo pela conversão dos pecadores e pela evangelização do mundo. Aumentou muito nela a devoção ao Sagrado Coração, e ingressou na Associação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria. Isso levou-a a criar uma nova associação chamada *Réparation*, convidando a associar-se à mesma muitas mulheres de Lyon que trabalhavam quase como escravas nas fábricas de seda da cidade. As suas meditações diante do sacrário inspiraram-na a escrever e publicar o livro *O Amor infinito na Divina Eucaristia*, uma fonte de consolação e de alimento espiritual para muitos.

Nessa época, o seu irmão Phileas estava no seminário, em Paris; informou Paulina de que a Sociedade para as Missões dessa cidade queria enviar sacerdotes para a Ásia, e de que as igrejas deveriam encontrar uma forma de angariar fundos suficientes para garantir o êxito do empreendimento. Foi então que Paulina teve uma ideia que mudaria a história: decidiu convidar cada membro da Associação *Réparation* a encontrar dez novos membros que rezassem e oferecessem um cêntimo de franco por semana para a evangelização do mundo, ou, como se dizia no tempo de Paulina, para a propagação da Fé. À frente de cada grupo de dez membros colocou um *dizeneire* (capitão de dez), à frente de cada grupo de cem membros, um *centenaire* (capitão de cem) e, por cada grupo de mil membros, um *millenaire* (capitão de mil).

A ideia era simples: rezar pessoalmente e angariar os fundos, criando uma rede de relações pessoais. O capitão de dez encontrar-se-ia com os respetivos membros e recolheria os cêntimos todas as semanas, o capitão de cem recolhê-los-ia dos capitães de dez e, por fim, o capitão de mil recolheria os cêntimos dos capitães de cem. Os consistentes fundos recolhidos eram repartidos e enviados para todo o mundo. A ideia difundiu-se e assim foi fundada a Sociedade para a Propagação da Fé, que pouco depois começaria

a estender-se para fora de França, transformando-se num fenómeno mundial. A 22 de maio de 1922, por decisão do Papa Pio XI, foi transformada na Pontifícia Obra da Propagação da Fé. Desse modo, o Santo Padre queria expressar a sua paternal solicitude para com as Igrejas locais nascidas da atividade missionária.

A sua reputação de mulher devota e resoluta na fé granjeou a Paulina um grande respeito por parte do Santo Padre, dos cardeais, dos bispos e de vários santos seus contemporâneos, alguns dos quais lhe pediam ajuda e se aconselhavam com ela. O fundador da Sociedade para a Santa Infância (hoje conhecida como Pontifícia Obra da Infância Missionária ou da Santa Infância), consultou-a, tentando encontrar a melhor forma de recolher fundos para as crianças das missões dos vários países. Mais tarde, quando a sua saúde começou a piorar, Paulina decidiu fazer uma peregrinação a Roma, mas adoeceu. Enquanto estava confinada ao leito num convento próximo da igreja da Santíssima Trinità dei Monti, no alto da escada conhecida como escadaria da praça de Espanha, o Santo Padre visitou-a, animando-a e abençoando-a.

Apesar de todos estes enormes êxitos espirituais e missionários, a vida de Paulina foi marcada por inúmeros sofrimentos físicos, emocionais e espirituais. Paulina nunca tinha pensado na vocação religiosa, estando convencida de que fora chamada por Deus como mulher leiga para dedicar a sua humilde existência a ajudar os pobres e as missões. Tendo caído na miséria, foi forçada a inscrever-se na lista dos pobres de Lyon, a fim de poder receber qualquer coisa que comer. O seu amor a Deus, à Virgem e às missões nunca vacilou. Morreu em paz, a 9 de janeiro de 1862, e foi proclamada Venerável pelo Papa João XXIII. A sua causa de beatificação está a ser analisada pela Congregação para as Causas dos Santos, e rezamos para que em breve seja reconhecida como Beata.

Vale a pena recordar outra sua preciosa iniciativa missionária de oração. Em 1826, animada pelo êxito da sua abordagem pessoal à organização da Igreja Missionária através da criação de pequenos grupos, Paulina seguiu o mesmo critério para iniciar e propor o *Rosário Vivo*. Começou por organizar

os seus amigos e colaboradores por grupos de quinze pessoas, baseando-se no número dos Mistérios do Rosário. Pediu a cada membro que se compromettesse a rezar diariamente uma dezena do Rosário e a meditar sobre um Mistério por dia, durante um mês inteiro. Desse modo, o Rosário era recitado diariamente na íntegra, sendo meditados os seus quinze Mistérios por cada grupo. No início do mês, o responsável do grupo redistribuía pessoalmente os Mistérios pelos membros, assegurando-se de que cada um recebia um Mistério diferente para meditar durante a oração da dezena do Rosário, nas quatro semanas seguintes. Em cada mês, a vida inteira de Cristo era assim meditada pelo grupo. Recorrendo à intercessão da Virgem Maria, rezava-se a Deus, transformando a oração do Rosário numa realidade “viva” de apoio à Missão da Igreja, tendo em vista, de modo particular, a proclamação do Evangelho àqueles que ainda não o tinham recebido.

O sonho de Paulina relativamente ao *Rosário Vivo* transformou-se em muito pouco tempo num fenómeno a nível mundial. Em 1831, escrevia ela: «Os grupos de quinze continuam a multiplicar-se a uma velocidade incrível em Itália, na Suíça, na Bélgica, em Inglaterra e em várias partes da América. O Rosário espalhou as suas raízes até à Índia e sobretudo ao Canadá.» A esperança de Paulina era que o *Rosário Vivo* unisse as pessoas, espalhadas pelo mundo, em fervorosa oração pela Missão da Igreja.

Assim, a iniciativa do *Rosário Vivo* teve tanto êxito que, após a morte de Paulina, no ano de 1862, havia mais de cento e cinquenta mil grupos, com dois milhões e duzentos e cinquenta mil membros só em França! Atualmente, o Rosário vivo ainda é rezado em muitas partes do mundo, e os grupos de quinze deram lugar a grupos de vinte, devido à inclusão dos novos mistérios luminosos, estabelecidos pelo Santo Padre João Paulo II.

## CARLOS DE FORBIN-JANSON (1785-1844)

Carlos de Forbin-Janson nasceu em Paris no ano de 1785, no seio de uma nobre família militar. Apenas quatro anos mais tarde, a Revolução Francesa obrigou os seus pais a exilar-se na Alemanha, o que o fez experimentar, desde criança e na sua própria pele, a vida de refugiado, a perseguição, a insegurança, o medo e a pobreza. É esse um dos inúmeros “detalhes” significativos que, desde o início, vão traçar a sua biografia em torno de dois polos: a impotência da infância e a missão como paradigma de apostolado.

Após o regresso à pátria e depois da Primeira Comunhão, o adolescente Forbin-Janson revelou a sua caridosa sensibilidade, inscrevendo-se numa associação que ajudava os mais desfavorecidos nas prisões e nos hospitais. Na capela do Seminário das Missões Estrangeiras, em Paris, onde tinham lugar os encontros, teve a oportunidade de ouvir notícias da missão na China. Discretamente, a dimensão missionária foi-lhe assim apresentada de modo explícito. Carlos tinha à sua frente uma carreira promissora quando Napoleão o nomeou supervisor do Conselho de Estado. Todavia, apercebendo-se da chamada de Deus, não se deixou seduzir por tal perspectiva e, em 1808, ingressou no Seminário de Saint Sulpice, em Paris. Ordenado sacerdote em 1811, e depois de outros destinos iniciais, acabaria por regressar a Paris, onde se ocupou, com alegria, da formação cristã das crianças da sua paróquia.

A apaixonada obra de apostolado que então desenvolveu manifestou-se de modo especial através da sua dedicação às “missões populares”, para reavivar a fé na descristianizada França pós-revolucionária. Assim se destacaram os seus dotes de eloquência, bem como o seu amor e a sua generosidade, que o

levavam até a renunciar ao seu próprio vestuário para dá-lo aos mais necessitados. Esta fase terminou com a sua partida para a Terra Santa, em 1817.

Em 1824, De Forbin-Janson foi consagrado bispo de Nancy-Toul, no nordeste de França. Nessa época, manteve um contacto muito próximo com os missionários que lhe escreviam, pedindo-lhe ajuda. Não só tinha conhecimento da situação das missões na China, mas ele próprio tinha acaalentado, desde muito cedo, a ideia de ser missionário. Com efeito, quando a nova revolução de 1830 o forçou a deixar a sua diocese, foi ter com o Papa pedindo-lhe que o enviasse para o Extremo Oriente. Embora Pio VIII tenha acedido ao seu pedido, o seu desejo nunca se pôde concretizar.

Dom Carlos de Forbin-Janson continuou a desenvolver uma grande atividade no campo da caridade e da assistência, até um novo acontecimento providencial lhe ter permitido seguir livremente a sua inclinação para a evangelização *ad gentes*: tendo sido convidado pelos bispos missionários, partiu para a América do Norte, onde permaneceu de 1839 a 1841. No Canadá, tendo por cenário uma natureza assombrosa, desenvolveu a sua pregação dirigindo-a às tribos nómadas; em seguida, também visitou os Estados Unidos. Entretanto, brotou nele o desejo de criar uma fundação em favor das missões.

Ao regressar a França, continuaram a impressioná-lo as notícias sobre muitas crianças – sobretudo meninas – da China que, sendo abandonadas ou friamente mortas, morriam sem sequer poderem receber o Batismo. Os angustiosos pedidos de ajuda lançados pelos sacerdotes daquela Sociedade das Missões Estrangeiras de Paris na qual ele próprio tinha pensado ingressar. Ia sendo forjada a ideia de salvar a inocência das crianças das terras de missão através da inocência das crianças cristãs. Os dois polos da sua vida entraram definitivamente em contacto: infância e missão.

Com tais preocupações, no verão de 1842, Dom Carlos de Forbin-Janson foi a Lyon para falar com Paulina Jaricot, a jovem leiga que, vinte anos antes, tinha lançado as bases da Pontifícia Obra da Propagação da Fé. A partir desse diálogo decisivo, começou a entrever a modalidade a seguir na organização

da ajuda às crianças da China, que acabaria por se concretizar num “duplo gesto” das crianças da sua diocese: a recitação diária da Ave-Maria, acrescida de uma breve oração pelas crianças da missão, e a oferenda de uma moedinha por mês.

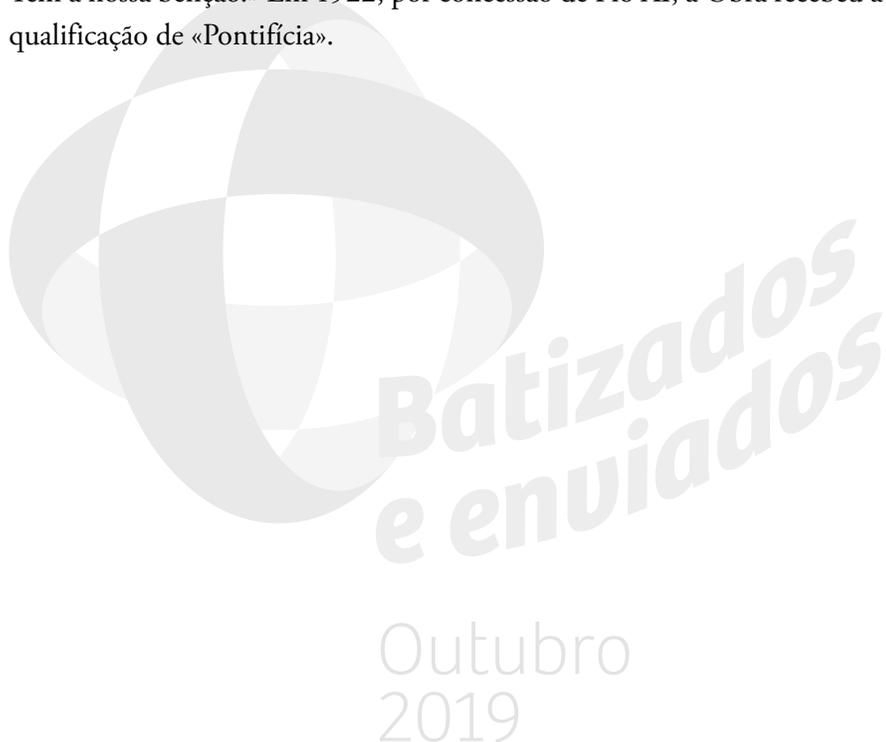
O bispo consagrou-se a este projeto destinado a mobilizar as crianças cristãs em favor dos seus irmãos das terras de missão, uma obra que, dando pelo nome de Santa Infância – em referência à infância de Jesus –, foi fundada a 19 de maio de 1843. Era a resposta à sua inquietação que durara quase quarenta anos! Para difundir a sua iniciativa, viajou até à sua pátria e chegou à Bélgica, onde recebeu o apoio dos reis e do nuncio, Dom Gioacchino Pecci, futuro Papa Leão XIII. A Santa Infância seria imediatamente muito bem acolhida em França, granjeando adeptos em todo o mundo, embora também tenha tido de superar algumas resistências. Ao contrário do que temiam os mais desconfiados, a nova Obra não se debilitou, pelo contrário, reforçou a obra da Propagação da Fé e, além disso, antecipou a Obra de São Pedro Apóstolo – fundada em 1889 –, cobrindo aspetos vocacionais que, mais tarde, viriam a ser assumidos por esta última.

Na contemplação da infância do Senhor, De Forbin-Janson descobriu uma forma excepcional de aceder ao Mistério da Encarnação, de se fazer um com Cristo e de partilhar o seu amor salvífico. Nos episódios do Evangelho em que Jesus se refere às crianças, encontrou «uma nova linguagem cheia de ensinamentos e exemplos» da qual transparece «a sua vontade formal de restituir à infância os seus direitos desprezados e de aumentar os seus privilégios».

Para explicar o significado da Obra e organizar o seu funcionamento, quatro meses antes da sua morte anunciou a criação – que teria lugar mais tarde, em 1846 –, dos *Anais da Santa Infância*, uma espécie de correspondência entre as crianças das Igrejas mais consolidadas e as crianças das missões.

Exausto, Dom Carlos de Forbin-Janson morreu perto de Marselha, em julho de 1844, quando a Santa Infância ainda não contava um ano e meio de vida. Não pôde realizar o seu sonho de partir para a China depois de iniciada a Obra, nem chegou a assistir às expedições das religiosas que, a

partir de 1847, e em linha com outra das suas intuições, se ocupariam matematicamente das necessidades das crianças desfavorecidas, na missão. A sua iniciativa foi imediatamente apoiada pelos Sumos Pontífices, apoio esse que dura há cento e setenta e cinco anos e que ainda hoje pode ser resumido com as palavras de encorajamento que Gregório XVI dirigiu ao bispo, no princípio: «Continue a fundar a Obra. Na verdade, é uma Obra de Deus. Tem a nossa bênção.» Em 1922, por concessão de Pio XI, a Obra recebeu a qualificação de «Pontificia».



## JOANA BIGARD (1859-1934)

Joana Bigard nasceu a 2 de dezembro de 1859 em Coutances, cidadezinha da Baixa Normandia, em França. A sua mãe, Stéphanie Cottin, era uma mulher de carácter forte e de amor possessivo. Entre mãe e filha desenvolveu-se uma tal simbiose de sentimentos e de ideais, que quase as tornava indispensáveis uma à outra.

A idade escolar foi passada por Joana, de saúde precária, confinada à sua casa de Caen, cidade para onde o seu pai, magistrado, tinha sido transferido por razões de trabalho. A instrução que lhe foi dada em casa era certamente superior à recebida pelas meninas da sua época, tendo em conta o alto nível cultural da família Bigard, mas não lhe permitia desfrutar da liberdade, da despreocupação, das brincadeiras e do calor da amizade.

A juventude de Joana desenrolou-se na época do pleno desenvolvimento daquela rede de cooperação missionária dos tempos modernos que teve as suas raízes na França pré-napoleónica. O Instituto das Missões Estrangeiras de Paris tornar-se-ia no fulcro do despertar missionário e no centro propulsor de algumas associações missionárias que, mediante a oração e as ajudas espontâneas, se propunham apoiar os missionários enviados para o Extremo Oriente e para a América do Norte.

Por iniciativa de várias pessoas, em particular de Paulina Jaricot (1799-1862), tinha surgido, em Lyon, a Obra da Propagação da Fé (1822). No espaço dos primeiros trinta anos, esta obra conseguiu difundir-se por muitos Estados europeus, incluindo Itália, suscitando o interesse popular pelas missões, sobretudo através de publicações de carácter edificante, como os *Anais da Propagação da Fé*, que permitiam divulgar as arrojadas e benéficas

experiências dos missionários, mas também os diversos problemas daqueles povos.

Através de tais leituras, Stéphanie e Joana Bigard, já em estreita relação com as Missões Estrangeiras de Paris, travariam conhecimento com alguns sacerdotes missionários que trabalhavam no Extremo Oriente, dos quais se viriam a tornar confidentes e apoiantes. Ao mesmo tempo que se iam multiplicando as forças missionárias, na Europa advertia-se, precisamente, da necessidade urgente de instaurar nos territórios de missão uma hierarquia local, livre de qualquer pressão política e autónoma em termos de exercício pastoral. As duas Bigard, graças aos seus contactos já habituais com os missionários, intuíram o problema e começaram a elaborar mentalmente uma resposta adequada. A Sociedade das Missões Estrangeiras de Paris, que frequentavam habitualmente, já tinha inserido há algum tempo, no seu programa, a constituição imediata da Igreja local com uma hierarquia formada por elementos nativos. Não era fácil implementar tal programa.

A Congregação romana *de Propaganda Fide* começou a abordar com insistência o problema do clero local, baseando-se na célebre Instrução de 1659<sup>3</sup>, pela qual se exortavam os missionários a usar da máxima solicitude na formação do clero local. Com a Instrução de 1845<sup>4</sup>, convidavam-se os vigários apostólicos, diretamente ligados à *Propaganda Fide*, a passar para as mãos dos sacerdotes nativos a responsabilidade pelas missões e a não ter medo de subordinar aos mesmos os próprios missionários europeus. As perseguições, com a possibilidade de uma expulsão em massa dos missionários estrangeiros, aconselhavam, como solução urgente, a criação de um clero nativo. Para poder garantir o crescimento das Igrejas locais nos territórios de missão, a questão central a resolver continuaria a ser, durante muitos anos, a formação do clero nativo. Nisso se concentraram as duas mulheres Bigard.

O ponto de partida seria uma carta que lhes foi endereçada a 1 de junho de 1889 pelo bispo de Nagasaki, Dom Giulio Alfonso Cousin, das Missões

<sup>3</sup> CONGREGAÇÃO DE PROPAGANDA FIDE. *Istruzione* 1659, *Collectanea* 1 (1622-1866), n. 135, 42-43.

<sup>4</sup> CONGREGAÇÃO DE PROPAGANDA FIDE. *Collectanea* 1 (1622-1866), n. 1002, 541-545.

Estrangeiras de Paris. Preocupado por terem de mandar de volta para as respetivas famílias (apenas por falta de fundos) «alguns rapazes que poderiam vir a ser excelentes seminaristas e, mais tarde, bons sacerdotes»<sup>5</sup>, pediu a Joana e Stéphanie Bigard que ajudassem o seu seminário, tornando-se suas patrocinadoras. Sugeriu ainda a «adoção de um seminarista que, mais tarde, levará diariamente ao santo altar a recordação dos seus pais adotivos, tanto ao longo da sua vida, como depois da sua morte»<sup>6</sup>. Para Joana e Stéphanie, aquela carta soou como uma chamada. O clero nativo viria a ser a vocação à qual poderiam dedicar, sem reservas, toda a sua vida. Dedicaram-se imediatamente à angariação de fundos para os seminaristas de Nagasaki e, ao mesmo tempo, recolheram informações dos bispos e dos vigários apostólicos das Missões Estrangeiras de Paris sobre o estado do clero local nos seus países.

O caminho empreendido teria resolvido o problema central da Missão, garantindo a presença do clero local. A fundação da Obra de São Pedro Apóstolo passou por várias fases: num primeiro momento, para satisfazer os pedidos de Dom Cousin e de outros missionários, conseguiu várias bolsas de estudo para seminaristas e foram confeccionados paramentos litúrgicos para as missões. Joana compreendia que a sua Obra deveria volver o olhar para as missões do universo<sup>7</sup>, porque todo o mundo missionário tinha necessidade de sacerdotes.

Em perspetiva, a Obra queria estar aberta às pessoas que, em todo o mundo, contribuíam ou teriam contribuído, segundo as suas possibilidades, para apoiar:

1. a criação de bolsas perpétuas;
2. a adoção de um seminarista;
3. a oração, as oferendas e o trabalho.

No entanto, para garantir um lançamento seguro, eram necessárias duas condições imprescindíveis: a graça de Deus e a bênção do Papa. Será o pró-

<sup>5</sup> P. LESOURD-A. OLICHON. *Jeanne Bigard. Fondatrice della Pontificia Opera di S. Pietro Apostolo per il Clero Indigeno* (trad. e reelaboração a cargo de P.F. Casadei), Ed. PP.OO.MM., Roma 1979 (abrev. JB), 32

<sup>6</sup> JB 32.

<sup>7</sup> JB 38.

prio Leão XIII a proporcionar uma oportunidade nesse sentido, com a sua Encíclica *Ad Extremas Orientis*<sup>8</sup>, com a qual declarou a urgência da formação dos sacerdotes nativos.

Os missionários que ignoravam a língua e os costumes do lugar eram considerados estrangeiros, ao passo que os sacerdotes nativos seriam ajudados no seu ministério. Devia, portanto, ter-se presente que o número dos missionários estrangeiros não conseguiria acompanhar o ritmo do aumento das conversões.

A Obra de São Pedro Apóstolo já tinha no seu ativo mil associados e uma longa lista de bolsas de estudo, no valor de cem mil francos, destinadas a seminaristas asiáticos e africanos. Era lícito esperar um sinal de aprovação vindo de Roma. A bênção do Papa chegou em 1895, quando o episcopado francês também concedeu o *nihil obstat* à Obra de São Pedro Apóstolo para o Clero indígena das Missões, que assim passou a pertencer plenamente à Igreja universal. A *Propaganda Fide* garantiu o seu pleno apoio à Obra através dos seus prefeitos, os cardeais Ledochowski e Jacobini. Este último antecipou, por carta, a inserção da mesma nas Obras Missionárias Pontifícias, ocorrida a 3 de maio de 1922, por vontade de Pio XI.

A solidão e o abandono que experimentam muitos fundadores e fundadoras também impressionaram Joana. A 5 de janeiro de 1903, à cabeceira da mãe Stéphanie, moribunda, está só ela, Joana Bigard, que ofereceu a Deus o seu sofrimento e o amor daqueles que a tinham ajudado e seguido. Temia a escuridão espiritual, e rezava a Jesus, pedindo-Lhe que fosse o seu companheiro de viagem «até ao dia em que me perderei no vosso amor»<sup>9</sup>. Estava preocupada com a continuidade da obra que, no fim, confiaria à Congregação Religiosa das Franciscanas Missionárias de Maria<sup>10</sup>.

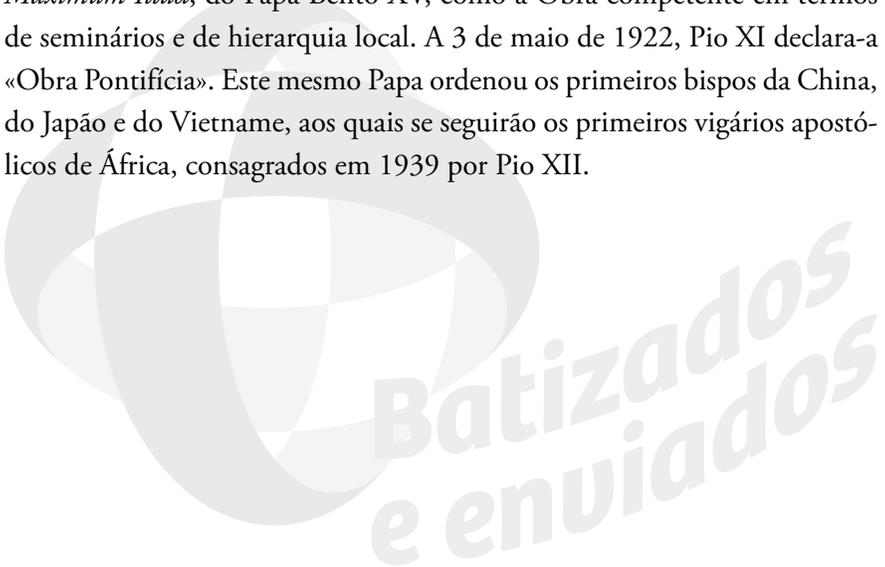
<sup>8</sup> LEÃO XIII. Enc. *Ad Extremas Orientis* (24/6/1893), *Acta Leonis XIII*, 13 (1894), 190-197.

<sup>9</sup> JB 88.

<sup>10</sup> O Instituto das Franciscanas Missionárias de Maria foi fundado por Helena Chappotin de Neuville (1839-1904), que, como religiosa, tomou o nome de Maria da Paixão. Aprovado a 17 de julho de 1890, o Instituto, dado o seu carácter essencialmente missionário, obteve a aprovação das suas constituições pela Congregação *de Propaganda Fide* a 8 de julho de 1922.

A longa doença que a conduzirá à morte, ocorrida a 28 de abril de 1934, revela a lógica misteriosa das obras de Deus, que muitas vezes concede a abundância dos seus dons como resposta a pessoas que sabem entregar completamente a sua própria vida até à cruz.

A Obra de São Pedro Apóstolo já fazia plenamente parte da vida da Igreja. Apareceu pela primeira vez num documento solene do magistério, a *Maximum Illud*, do Papa Bento XV, como a Obra competente em termos de seminários e de hierarquia local. A 3 de maio de 1922, Pio XI declara-a «Obra Pontifícia». Este mesmo Papa ordenou os primeiros bispos da China, do Japão e do Vietname, aos quais se seguirão os primeiros vigários apostólicos de África, consagrados em 1939 por Pio XII.



Batizados  
e enviados

Outubro  
2019

## ANA DENGEL (1892-1980)

**A**na Dengel nasceu em Steeg, na região do Tirol, na Áustria, a 16 de março de 1892. Na sequência da morte prematura da sua mãe (ocorrida quando Ana contava apenas nove anos), ela e os seus irmãos foram criados pelo pai que, depois de se ter voltado a casar, teve mais quatro filhos. Ana ficou profundamente afetada pela perda da mãe, e esse acontecimento influenciou o seu trabalho e, sobretudo, a solicitude com que viria a cuidar das mulheres e das mães. A sua família era abastada, e o pai dedicou-se profundamente à educação dos filhos.

Terminados os seus estudos em Hall e Innsbruck, contando apenas 17 anos, Ana começou a trabalhar como professora de alemão em Lião. Nesse período teve conhecimento de uma escola de enfermagem feminina, onde trabalhava uma das primeiras mulheres formadas em Medicina, Agnes McLaren. O objetivo principal desta médica era prestar assistência clínica às mulheres indianas e, sobretudo, às mulheres muçulmanas que não podiam ser assistidas devido às leis islâmicas. Aos setenta e dois anos de idade, e com a bênção do Papa Pio X, a médica McLaren partiu para a Índia onde, em 1910, fundou o hospital de St. Catherine para tratar mulheres e crianças.

Inicialmente a médica tentou persuadir as ordens religiosas para que prestassem assistência clínica nos territórios de missão, mas os seus intentos falharam devido a um decreto eclesiástico do século XII que proibia as irmãs de estudar e de praticar Medicina. A Dra. McLaren começou então a procurar mulheres jovens europeias e americanas que quisessem aprender a profissão e que estivessem dispostas a mudar-se para a Índia a fim de levarem por diante a missão. Ao saber disso, Ana Dengel, que então contava cerca de

vinte anos, pensou imediatamente que essa opção seria perfeita para ela, por isso escreveu-lhe uma carta: «Eis a resposta ao meu maior sonho e profundo desejo: ser uma missionária com um objetivo específico, desempenhar uma missão tão urgente, que só uma mulher pode levar a cabo. É este o meu sonho de infância.»

A correspondência entre Ana e a Dra. McLaren revelou-se complicada desde o início, visto que a médica não falava alemão e Dengel não sabia inglês. A médica incentivou a jovem tirolesa a estudar Medicina em Cork, na Irlanda, pois era necessário obter uma qualificação em inglês para trabalhar na Índia, que então ainda era colônia inglesa. Infelizmente, as duas mulheres nunca se chegaram a encontrar, porque a Dra. McLaren morreu em 1913.

Ana conseguiu terminar os seus estudos em Cork no ano de 1919. Em dezembro desse ano chegou a Rawalpindi (no atual Paquistão) e começou a trabalhar no hospital de St. Catherine. A sua rotina, entre o trabalho no hospital, o estudo da língua, as visitas às casas e os problemas da vida quotidiana, esgotava toda a sua energia. Todos os dias, pelo menos cento e cinquenta pacientes dirigiam-se ao hospital em busca de assistência e de tratamentos. Passados cerca de três anos, Ana foi acometida por uma certa inquietação interior. Um sacerdote apercebeu-se que Ana tinha sentido a chamada, e aconselhou-a a ingressar na ordem missionária. Ana, porém, encontrava-se frente ao mesmo problema que atormentara a Dra. McLaren: se tivesse feito os votos, teria tido de renunciar à sua carreira médica.

Em 1924, Ana confiou a gestão da clínica a um médico indiano e regressou a Innsbruck para fazer um retiro. Aí cresceu dentro de si o desejo de fundar uma ordem religiosa de médicos, projeto apoiado, por sua vez, pelo sacerdote que conduzia o retiro. Dirigiu-se, portanto, aos Estados Unidos por seis meses, a fim de angariar fundos e de procurar mulheres que acolhessem a ideia do seu projeto. Em breve se uniram a ela uma médica e duas enfermeiras. Assim, a 30 de setembro de 1925, nasceram em Washington as Irmãs Missionárias Médicas. Como as religiosas ainda estavam proibidas de praticar Medicina, a comunidade foi fundada como uma *pia societas* sem votos.

Ana Dengel trabalhou muitos anos em prol de uma mudança na lei canónica e de acabar com a proibição de as irmãs religiosas praticarem Medicina. Em 1936, o Papa Pio XI publicou o decreto *Constans ac Sedula* que revogava essa proibição e, em 1941, as irmãs das Irmãs Missionárias Médicas tornaram-se, finalmente, numa congregação religiosa com votos; mais tarde, em 1959, receberam o decreto da Santa Sé que fazia delas uma congregação de direito pontifício.

Tendo começado com apenas quatro irmãs originais, a congregação conta agora com mais de quinhentos membros que trabalham em África, Ásia, Europa e América. Muitos dos primeiros hospitais fundados passariam a ser mais tarde geridos pela população local, precisamente como as irmãs fundadoras desejariam. Hoje, já não está centrada apenas nos serviços médicos ou cirúrgicos, mas no trabalho em prol do bem-estar integral da pessoa e da sua salvação em Cristo.

A aluna da Dra. Ana Dengel mais famosa de entre as Irmãs Missionárias Médicas é, sem dúvida, Santa Teresa de Calcutá. As duas mulheres não se encontraram pessoalmente até quase ao fim da vida de Ana Dengel e, embora não tendo sempre a mesma linha de pensamento, partilhavam o empenho e o amor pela caridade para com os mais pobres. Ambas fundaram congregações, e o seu zelo conseguiu mudar para sempre a Igreja e o mundo.

Em 1973, a Dra. Ana Dengel passou a direção das Irmãs Missionárias Médicas para a geração seguinte com estas palavras: «O futuro pertence-vos. Tentai compreender as dificuldades do vosso tempo tal como eu compreendi as dificuldades do meu.» Na primavera de 1976, teve um AVC que a deixou parcialmente paralisada. Ainda se encontrava no hospital de Roma quando a Madre Teresa a foi visitar. A Dra. Dengel reconheceu-a e pediu-lhe que lhe impusesse as mãos, gesto habitual na Índia, como símbolo de herança e de bênção espiritual. Morreu em Roma, a 17 de abril de 1980, e foi sepultada no Cemitério Teutónico.

## BEATO BENEDICT DASWA (1946-1990)

No seu decreto de beatificação, o Papa Francisco descreveu-o como «catequista diligente, professor dedicado e testemunha do Evangelho até ao derramamento de sangue». Tshimangadzo Samuel Daswa nasceu a 16 de junho de 1946, na aldeia de Mbahe, província do Limpopo, diocese de Tzaneen, na África do Sul; morreu mártir pela fé a 2 de fevereiro de 1990 e foi beatificado a 13 de setembro de 2015.

Quando Benedict se tornou católico, compreendeu que havia aspetos da cultura africana, como a prática difusa da bruxaria, da magia e do homicídio ritual, que não podia continuar a aceitar. A sua posição contra esses problemas profundos e obscuros da sua cultura levou-o a pagar o preço último do martírio. A sua morte brutal por lapidação e espancamento fez dele um herói para todos os cristãos de África e de qualquer outro lugar em que se lute pela libertação da escravidão da bruxaria. Benedict Daswa viveu a sua vocação cristã com satisfação e entusiasmo, mas, ao mesmo tempo, com modéstia e humildade, como o demonstra o seu testemunho cristão nas várias áreas da sua vida. Após o seu Batismo, e em particular depois do seu casamento pela Igreja, em 1974, com Shadi Eveline Monyai, Benedict tornou-se num guia para os jovens, passando com eles muitas horas e fins de semana, catequizando-os e instruindo-os.

Quando se formou o primeiro Conselho Pastoral Paroquial, foi eleito presidente. Ajudou, ensinando o catecismo a crianças e adultos, conduzindo a celebração dominical na ausência do sacerdote, visitando os doentes e os não-praticantes e ajudando os pobres e os necessitados. Na igreja, colaborou na criação de um jardim de infância. De vez em quando, a pequena comunidade

cristã reunia-se em sua casa e, durante esses encontros, rezava-se o terço e partilhava-se a Palavra de Deus.

Em família, Benedict era um verdadeiro modelo de referência como marido e pai, sendo completamente dedicado ao ideal da família como “Igreja doméstica”. Nas aulas, não só se preocupava em transmitir aos alunos um bom nível de instrução, mas transmitia-lhes sobretudo os valores morais fundamentais para a formação da sua personalidade. Sendo um desportista hábil e motivado, Benedict inculcou nos jovens os valores do trabalho árduo, da disciplina, da honestidade e do espírito de equipa. Como diretor da escola, muito respeitado e escrupuloso, motivou e formou o seu pessoal para que desse a melhor instrução possível aos alunos, envolvendo os pais como colaboradores de todo o processo educativo.

Na esfera pública, Benedict não fez segredo da sua posição contra a bruxaria, a magia e o homicídio ritual, que ainda hoje têm poder para impedir o desenvolvimento e o progresso da sociedade. As acusações de bruxaria são muitas vezes movidas por ciúmes, medo e suspeitas contra aqueles que parecem estar mais empenhados e ter êxito nos seus empreendimentos. Benedict deu-se conta da necessidade de libertar os indivíduos desses efeitos paralisantes, a fim de lhes permitir assumir a responsabilidade pessoal das próprias vidas e tornarem-se adultos maduros.

Assim, o seu papel na ajuda que dava às pessoas para alcançarem a verdadeira liberdade interior foi importante não só para a Igreja, mas para toda a sociedade. Tanto na comunidade local, como conselheiro e consultor do chefe da aldeia, como na comunidade eclesial, enquanto catequista e responsável pela oração, Benedict demonstrou um espírito de genuíno amor cristão, respeito, generosidade, honestidade e liberdade. Benedict era um homem de oração cuja vida espiritual era constantemente alimentada pelos Sacramentos, de modo especial pela Eucaristia, e pela Palavra de Deus. Este grande mistério de fé e amor significava tudo para ele: era o centro da sua vida.

Nunca se envergonhou de admitir a sua grande fé em Deus: era Deus que lhe dava força. As pessoas que o conheciam muito bem têm testemunhado

que o crescimento na sua relação com Deus era claramente visível, tal como a fidelidade com que vivia os valores que tinha abraçado pelo Batismo. Queria que as pessoas sentissem orgulho na sua fé católica e assumissem uma verdadeira responsabilidade para com a Igreja que ele tanto amava. Isso significava trabalhar a nível local pelas vocações sacerdotais e pela vida religiosa, serem ativas na Igreja e apoiá-la financeiramente.

A sua posição contra a bruxaria não era muito popular por se opor a uma realidade profundamente arraigada na cultura local. Havia outros que, tal como Benedict, consideravam o mundo da bruxaria fruto do mal, do medo, da desconfiança, da inimizade, da injustiça e da violência, que, em seu entender, as pessoas deveriam abandonar, tornando-se livres. Esses, porém, entre os quais os ministros religiosos, calavam-se por medo de represálias. Benedict era diferente. Falava aberta e fortemente em público, opondo-se às pessoas que recorriam à bruxaria. Benedict Daswa nunca fez pactos desonestos. Sempre aderiu à sua fé cristã.

Defendia as pessoas que se recusavam a pagar para consultar o *sangoma* (o xamã), pois não queria que as pessoas pagassem por uma coisa que não existia. Acima de tudo, Benedict não queria que nenhum inocente fosse morto ou banido da aldeia como suposto bruxo. Normalmente, devido aos boatos, mexericos e intrigas, apontava-se alguém a dedo, muitas vezes alguma mulher idosa ou qualquer outra pessoa vulnerável. As pessoas não procuravam provas de culpa, mas dirigiam-se a um *sangoma* que habitualmente confirmava as suas suspeitas. O imputado não tinha qualquer possibilidade de se defender.

Entre novembro de 1989 e janeiro de 1990, abateu-se um temporal sobre a aldeia onde Benedict morava com a sua família. A 25 de janeiro de 1990, durante uma tempestade, os telhados de algumas cabanas foram atingidos pelos raios e incendiaram-se. Era opinião comum entre os habitantes locais que se um raio atingia uma casa, isso fora provocado por alguém que, no entender do povo, praticava bruxaria. Segundo a cultura tradicional, os bruxos deviam ser capturados e mortos, bem como aqueles que os tivessem

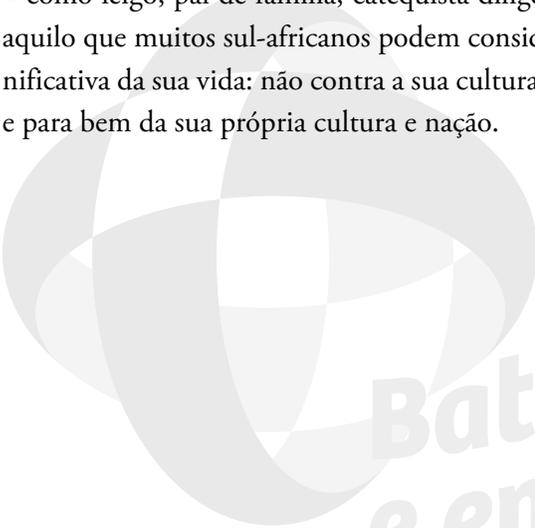
protegido, visto representarem uma ameaça para a sociedade. Era esta a cultura tradicional. Benedict estava consciente da crescente pressão contra ele.

Assim, no domingo seguinte, o chefe da aldeia convocou uma reunião do conselho para abordar essa questão. Benedict ainda não tinha chegado quando foi decidido que alguns membros da comunidade deveriam dirigir-se a um *sangoma* para descobrir o bruxo que tinha enviado os raios. Antes disso, porém, teriam de juntar o dinheiro necessário para lhe pagar. Quando Benedict chegou, tentou imediatamente fazê-los mudar de ideias, sublinhando que a sua decisão provocaria a morte de vários inocentes. O encontro terminou com o reforço da decisão do conselho e a recusa de Benedict em colaborar. Os seus inimigos reuniram um grupo de jovens e adultos para o matar. Aquela sexta-feira, 2 de fevereiro de 1990, Festa da Apresentação do Senhor no Templo, tornou-se no dia de festa da entrada de Benedict Daswa no paraíso.

O aspeto mais significativo do testemunho de Benedict tem que ver com a sua capacidade de abraçar criticamente aquilo que havia de bom na sua cultura, embora desafiando com coragem aqueles elementos culturais que impediam a realização da vida na sua plenitude. Benedict acreditava firmemente que o matrimónio era uma relação entre pares, para toda a vida, uma fiel associação de vida e de amor. Numa comunidade rural, patriarcal e tradicional africana, na África do Sul do *apartheid*, Benedict deu testemunho profético de uma atitude respeitadora da igualdade das mulheres. Acreditava no matrimónio fiel e monogâmico que encontra no sacramento cristão o seu pleno sentido. Como foi testemunhado pelos seus filhos, nunca se envergonhou de ajudar Eveline, sua mulher, na lide doméstica, geralmente reservada às mulheres. Rezava todos os dias com a sua família e animava todos os pais a rezar com os seus filhos. Organizava reuniões de família regulares e servia de mediador e consultor aos casais em dificuldades. Por fim, Benedict foi um fervoroso professor e educador, chegando a diretor da Escola Primária de Nweli, onde ensinou durante muitos anos. E talvez, acima de tudo, como foi sublinhado por aqueles que o conheciam, era um homem profundamente

humilde, que recorria sempre à força do diálogo, que lhe vinha da sua fé e amizade com Jesus.

Nunca renegou a sua cultura africana, mas abraçou os seus melhores aspetos, purificados e amadurecidos pela fé. A sua história reflete o empenho sincero nos valores da ética ubuntu, um empenho em prol do bem comum e do serviço à vida. O exemplo que oferece com a sua atitude quotidiana – como leigo, pai de família, catequista diligente e professor dedicado – é aquilo que muitos sul-africanos podem considerar hoje a herança mais significativa da sua vida: não contra a sua cultura, mas para bem de si mesmos e para bem da sua própria cultura e nação.



Batizados  
e enviados

Outubro  
2019

## CATARINA ZECCHINI (1877-1948)

**A** Madre Catarina Zecchini nasceu em Veneza, a 24 de maio de 1877, e morreu na mesma cidade, a 17 de outubro de 1948. Não conhecemos muito da sua juventude: batizada a 3 de junho de 1877 na igreja de San Giacomo dell’Orio, crismada na igreja de São Jeremias e Santa Lúcia, a 25 de maio de 1885, era dotada de um carácter exuberante, vivo e espirituoso, mas muito sensível. Terminou a escola primária depois dos dez anos de idade, tendo começado a trabalhar em casa, ajudando o pai, comerciante de vinhos, na contabilidade. Dela foi brotando uma solicitude cada vez mais forte para com os pobres, sobretudo para com as crianças que encontrava nas ruas da sua paróquia e que muitas vezes levava para sua casa para lhes matar a fome e as vestir.

Esta caridade que ia germinando no seu coração parece ter sido destinada, com a graça de Deus, a crescer no tempo até já não se poder limitar àqueles pobres ocasionais, manifestando-se na necessidade de trabalhar com todas as suas forças pela difusão do Reino de Deus sobre toda a terra, ao serviço daqueles a quem Catarina chamará os verdadeiros pobres: os que ainda não conhecem Deus. Em 1905, Catarina teve um encontro fundamental para a sua vida espiritual: o encontro com o padre dominicano Giocondo Pio Lorgna, que, durante mais de vinte e cinco anos, até morrer, foi seu diretor espiritual, tendo-a feito crescer no amor à Cruz e à Eucaristia.

O encontro eucarístico era para Catarina o encontro com uma pessoa real, com o Deus que ela denominava «aniquilado, escondido», mas que sabia ser o único poderoso e capaz de transformar a vida do homem. Depois de ter recebido a Eucaristia, sentia um desejo cada vez maior de perfeição e

de união com Deus; se, por um lado, a contemplação eucarística a levou a um autêntico conhecimento de si mesma e do seu próprio nada, por outro, também lhe deu forças para estender as asas e lançar o olhar mais além, onde tantos irmãos esperavam a sua ajuda.

A comunhão com Cristo gerou a missão, que se manifestou em sentimentos de comoção e de amor e naquela sede que ela equiparava à sede de almas de Cristo: «Tenho sentido uma grande sede de almas [...] dá-me muitas dessas almas, Jesus, quero reconduzi-las aos teus pés, belas e purificadas.» (16 de setembro de 1912) Contemplando Cristo na sua paixão, sob o rosto do Crucificado e na presença eucarística, partilhando a sua ânsia de amor, Catarina não podia deixar de desejar como meio principal para saciar essa sede o meio escolhido pelo próprio Cristo: o sofrimento. Nasceu assim o desejo de se oferecer com Cristo e em Cristo como vítima pelos irmãos. O ato de Oblação ao Amor Misericordioso, de 8 de dezembro de 1920, constitui uma síntese desse caminho, dessas intuições que se fundam num único e grande ideal: «Sinto em mim desejos imensos. Gostaria de ser apóstola do teu amor, ó grande Deus! Morrer mártir da caridade, gastar cada instante da minha vida para que o Amor seja conhecido, para glória de Deus e para bem das almas.»

Sob a luz eucarística, compreendem-se as diversas atividades missionárias empreendidas por Catarina. A difusão da «Pequena Pagela Apostólica», por ela composta em 1915, consiste num dia por mês de oração e de oferta do trabalho a favor das missões, para obter vocações missionárias, todas as ajudas espirituais e materiais que lhes são necessárias e a conversão daqueles que ainda não conhecem Cristo. Na Hora de Adoração, diante de Jesus, convidava as pessoas a rezar pelas missões do mundo inteiro. A União Missionária Santa Catarina de Sena era um grupo de mulheres, ligadas por votos privados, que se encontravam uma vez por mês para oferecer algumas horas de trabalho para as missões e a adoração com o mesmo objetivo, sendo acompanhadas ainda por um sacerdote num caminho de formação missionária.

O duplo movimento de trabalho e adoração também marcou outra iniciativa de Catarina: o laboratório missionário, que, num segundo momento, dará vida ao laboratório missionário diocesano: «Só a oração e o trabalho teriam sido capazes de alcançar o objetivo que Catarina Zecchini tinha proposto a si própria entre os fiéis, para os infieis.» Por fim, a instituição dos Pequenos Apóstolos da Santa Infância e de uma Companhia Filodramática, com as suas récitas, cujo produto era encaminhado para as missões.

O chamamento particular de Catarina a ser “mártir”, a sua sede cada vez maior de oração, o progressivo aniquilamento de si própria diante de Deus, são apenas um sinal de uma vocação que não se limita a uma só pessoa, mas que se alarga à comunidade com a fundação de um instituto religioso. A intuição da Obra ocorre-lhe, mais uma vez, diante de Jesus Eucaristia. Estamos em 1912, em Castel di Godego, quando lhe surgiu claramente a ideia de uma comunidade religiosa, toda ela dedicada à missão universal da Igreja. Contudo, seriam necessários muitos anos de interiorização, de caminho de fé, de busca apurada da vontade de Deus e de discernimento, com a ajuda de alguns sacerdotes, para que essa ideia se tornasse realidade.

Obrigada a refugiar-se em Novara por causa da guerra, Catarina conheceu, no início de outubro de 1918, na igreja de Santa Maria das Graças, o padre Luigi Fizzotti, passionista. Na confissão subsequente, sem que Catarina lhe tivesse manifestado fosse o que fosse, ele incitou-a a iniciar a Obra sem hesitações, visto ser essa a vontade do Senhor. O padre Luigi manteve-se sempre ao lado de Catarina, apoiando-a no seu papel de fundadora, tentando aplanar-lhe o caminho através de cartas e recomendações e, quando foi necessário dar um rosto institucional à Obra, tornando-se no seu principal garante.

Assim, Catarina, à qual já se tinham agregado espiritualmente algumas companheiras, pediu ao cardeal-patriarca de Veneza, Pietro La Fontaine, que abençoasse a Obra por ela iniciada. A 10 de novembro de 1922, foi assinado o decreto de ereção como Pia União por parte do cardeal, mas apenas a 30 de maio de 1923, Catarina Zecchini, com as duas primeiras

companheiras, deu início ao primeiro cenáculo de vida comunitária, emitindo no dia seguinte, Festa do Corpo de Deus, o Ato de Consagração por meio do padre Lorgna. A primeira etapa durou desde 1923 a 1933: dez anos de longo e intenso trabalho, de oração e sacrifício, antes da esperada ereção como instituto diocesano.

Após várias dificuldades, divergências e obstáculos de todo o tipo, a 20 de abril de 1933 seriam finalmente constituídas as Servas Missionárias do Santíssimo Sacramento. «Foi decidido pelo sim», lê-se no diário do patriarca, que quis datar o decreto com o dia de Sexta-feira Santa. Data certamente apropriada porque – como também se lê no decreto –, «estamos no décimo nono centenário da Redenção; é o dia em que o Senhor derramou o seu sangue pelos homens. E a nova Congregação, além do fim comum a todos os institutos religiosos, impõe às suas filhas este detalhe: trabalhar entre os fiéis pelos infiéis, ajudando as missões católicas mediante obras espirituais e materiais, o que condiz bastante bem com os objetivos da própria Redenção». Para Catarina e para as suas companheiras, foi uma Páscoa antecipada.

Ela própria o tinha expressado assim na primeira Pequena Regra de 1923: «Uma obra toda ela formada no espírito apostólico e no espírito eucarístico, que tenha a missão de conquistar para o coração de Cristo as almas dos pobres infiéis, aumentando assim o número dos seus adoradores.» Catarina estabelece o amor à Igreja, descoberta na sua natureza maternal e missionária, como pedra miliar para o seu instituto. A obra, portanto, deve ter como sua primeira qualidade um carácter apostólico geral (Reg. 1923): «Todas as missões, sem excluir nenhuma, terão o sufrágio das nossas orações, sacrifícios e oferendas.»

A contemplação missionária universal assim vivida suscitou em Catarina uma opção bem determinada. «Queremos desempenhar a nossa missão aqui, no meio dos fiéis, para benefício dos infiéis. Tentaremos, portanto, com a ajuda do Senhor, zelar o mais possível pelo bem espiritual e material das missões católicas e propagar a ideia missionária em todo o tipo de pessoas.» (Patriarca Pietro La Fontaine, 25 de julho de 1922) A vida e a espiritualidade

de Catarina encontraram força e significado na fonte da vida de toda a Igreja: a Eucaristia, fonte da missão.

Catarina sabia que o ideal que a animava só seria exequível através do sofrimento: nunca rejeitou a Cruz, mesmo quando, nos últimos anos de vida, esta a veio visitar sob a forma de uma dolorosa doença e de uma série de incompreensões. Ainda encontrava força e coragem junto do sacrário rezando longamente, inclusive durante a noite, pedindo graças para o Instituto e para que o Reino de Deus se estendesse por toda a terra. Após uma vida completamente dedicada ao ideal eucarístico-missionário, a sua morte, ocorrida a 17 de outubro de 1948, realizou para ela aquilo que tinha escrito havia tantos anos na Pequena Regra do Instituto: «No termo da nossa vida mortal, a última nota de amor que brotará do nosso pobre coração será a do Cristo moribundo, *Consummatum est*: tudo está consumado.»

Batizados  
e enviados

Outubro  
2019

## BEATO CYPRIAN MICHAEL IWENE TANSI (1903-1964)

O Beato Cyprian Michael Iwene Tansi, primeiro beato da Nigéria, nasceu em 1903, em Igboezunu, à beira da floresta, nas proximidades da antiquíssima cidade de Aguleri, na diocese de Onitsha, na zona meridional da Nigéria. Poucos anos antes do seu nascimento, em 1890, os missionários católicos alsacianos tinham levado até lá o primeiro anúncio da fé, e rapidamente lhes tinham sucedido os missionários irlandeses da Congregação do Espírito Santo.

Os seus pais, camponeses, eram pagãos praticantes da “religião tradicional” do povo Igbo. Em 1909, contando apenas seis anos, o pequeno Iwene foi mandado pelos pais para a capital de Aguleri. Aí, na aldeia cristã denominada Nduka, viveu em casa de uma tia materna, cujo filho, Robert Orekie, cristão, era professor na escola da missão. Aos nove anos de idade, foi batizado, tendo-lhe sido dado o nome de Michael. Os jovens da sua idade descrevem-no como um rapaz estudioso e muito exigente consigo mesmo, com um forte ascendente sobre os companheiros, que ficavam fascinados com a sua decidida e precoce personalidade, quer a nível humano quer religioso, e com a sua piedade profunda.

Em 1913, mudou-se para Onitsha, onde se inscreveu na Escola Primária Holy Trinity e, em 1919, obteve o diploma que o habilitava para o ensino. Em 1924, assumiu o cargo de diretor na St. Joseph School. Sentiu a chamada de Deus para a vida sacerdotal e, em 1925, aos vinte e dois anos, vencendo resolutamente a oposição dos seus familiares, entrou no Seminário de St. Paul, de fundação recente, em Igbariam, primeira vocação indígena da zona. Em 1932, era tal a confiança que tinha inspirado aos seus superiores que lhe

foi confiado o cargo de ecónomo do Training College. A 19 de dezembro de 1937, foi ordenado sacerdote pelo bispo missionário Dom Charles Heerey C.S.Sp., na catedral de Onitsha.

Os subsequentes doze anos de sacerdócio revelaram os seus dotes excepcionais, confirmados por muitas pessoas, testemunhas do seu zelo e do seu total abandono a Deus. O primeiro cargo de Michael foi na paróquia de Nnewi. Elisabeth Isichei, no seu livro maravilhoso *Totalmente per Dio. La vita di Michael Iwene Tansi*, resume as suas principais linhas pastorais: «Ascetismo pessoal; grande capacidade de empenho e resistência física; bondade para com os doentes e os pobres; preocupação pela santidade do matrimónio e a formação espiritual das mulheres; carisma pessoal.»

Em 1940, consegui deitar por terra, corajosamente, um mito supersticioso sobre a terra dada aos missionários, definida como «floresta maldita». Pensava-se que quem se atrevesse a entrar nela seria morto ou contrairia alguma doença terrível. A primeira coisa que o padre Michael fez foi percorrê-la, aspergindo-a com água benta; ao vê-lo sair incólume, as pessoas encheram-se de coragem e abateram as árvores da floresta. O passo seguinte foi construir uma igreja e uma escola, um presbitério e casas de acolhimento; eram edifícios muito pobres, mas ele próprio participou nas obras, revelando-se, concretamente, um trabalhador incansável. Ao ver um sacerdote trabalhar tão intensamente, muitos o ajudaram, e o seu exemplo suscitaria empreendimentos de construção semelhantes em toda a região.

No que diz respeito às mulheres, tomava a peito a sua dignidade e a defesa da virgindade; com esse objetivo, tinha organizado nas suas paróquias casas onde acolhia as jovens a fim de prepará-las para o matrimónio e para evitar que fossem viver com o futuro marido antes do casamento. A Legião de Maria, por ele instituída, ajudava-o em cada aldeia da paróquia, informando-o dos doentes que queriam ser batizados, promovendo a moralidade dos habitantes e preparando os catecúmenos. Empenhou-se na construção de escolas e na qualificação dos professores. Construiu também casas para acolher os estudantes das classes mais avançadas, uma para rapazes e outra

para raparigas. Acompanhava muitos órfãos e certificava-se de que todos recebiam uma educação escolar adequada.

Em relação às vocações sacerdotais, parecia ter um dom especial para incentivá-las, a tal ponto que pelo menos setenta sacerdotes saíram das paróquias onde trabalhou o padre Michael. Era um bom pregador. As pessoas sentiam-se tocadas por tudo o que dizia e recordavam o seu ensino. Era duro sobretudo contra alguns usos e superstições dos pagãos e, mesmo quando não os conseguia erradicar completamente, conseguia reduzir os seus efeitos sobre os seus paroquianos.

Nas atividades pastorais, apercebeu-se da beleza da vida contemplativa. Por ocasião de um dia de retiro com o clero, o arcebispo Heerey manifestou o desejo de que alguns dos seus sacerdotes abraçassem a experiência monástica, para poderem levar em seguida para a sua diocese a semente da vida contemplativa. O padre Tansi, sem hesitar, declarou-se disposto a aceitar a proposta do seu bispo, tendo-se-lhe juntado o seu coadjutor, o padre Clement Ulogu. Em julho de 1949, entraram em contacto com a abadia cisterciense de Mount Saint Bernard, em Leicester, Inglaterra, que aceitou acolher os dois sacerdotes. O padre Michael chegou a Mount Saint Bernard a 3 de julho de 1950, acompanhado pelo arcebispo Charles Heerey.

Sob a ação do Espírito, aquele que tinha sido um autêntico pioneiro e “gestor” na recentíssima igreja missionária da diocese de Onitsha, adaptou-se, como monge dócil e humilde, ao seu novo estilo de vida. Abraçou o austero e silencioso dia a dia da vida trapista, onde ninguém a não ser o mestre dos noviços, padre Gregory Wareing, fazia ideia do magnífico trabalho que ele tinha desenvolvido como sacerdote. Uma das recordações partilhadas por quantos o conheceram em Mount Saint Bernard é a imagem dele em oração na capela de Nossa Senhora, com a cabeça inclinada para o lado, como se estivesse à escuta daquilo que o seu Senhor lhe dizia.

A ideia original que levava os dois nigerianos a ingressar na comunidade fora a de receberem formação para a vida monástica, com o objetivo de implantá-la na Nigéria, mas rapidamente se tornou evidente a dificuldade

de criar uma fundação apenas com duas pessoas. Acabaram por pedir, na sua liberdade, para serem admitidos à profissão monástica em Mount Saint Bernard, ficando à espera até que a comunidade estivesse em condições de formar um grupo. Em 1963 foi decidido constituir uma fundação em África, mas nos Camarões e não na Nigéria: tal decisão desagradou ao padre Michael, mas este aceitou-a como vontade de Deus.

Quando foi nomeado o grupo para a fundação nos Camarões, o padre Michael foi escolhido como mestre dos noviços: parecia a pessoa mais indicada para formar as vocações africanas que iam surgindo. Os primeiros quatro fundadores partiram de Mount Saint Bernard a 28 de outubro de 1963, a fim de preparar os edifícios para a chegada do grupo, prevista para a primavera do ano seguinte. Contudo, o projeto de Deus para o padre Michael era outro, e manifestou-se passado muito pouco tempo.

Em janeiro de 1964 foi tomado por dores lancinantes numa perna, que ficou terrivelmente inchada. O médico diagnosticou-lhe uma trombose, propondo o seu internamento no hospital. Internado de urgência na Royal Infirmary de Leicester, foi-lhe diagnosticado um aneurisma na aorta. Durante a noite piorou e, na manhã do dia 20 de janeiro de 1964, na pobreza e no desapego mais total, o padre Cyprian Michael Iwene Tansi transpôs, em silêncio, a meta final do seu longo caminho de fé e de amor.

Quando, a 22 de janeiro de 1986, vinte e dois anos após a sua morte, com grande solenidade e afluência de fiéis vindos de todas as partes da Nigéria, foi aberto, na catedral de Onitsha, o processo de canonização do padre Cyprian Michael Iwene Tansi, a Igreja nigeriana já tinha visto florescer algumas comunidades monásticas de vida contemplativa. Os restos mortais do padre Michael foram exumados em 1988 e restituídos a Onitsha. Durante as exéquias deu-se a cura prodigiosa de uma rapariga de dezassete anos, Philomina Emeka, afetada por um tumor inoperável, a quem o bispo tinha permitido aproximar-se para tocar no féretro do padre Michael Tansi. Este milagre conduziu à beatificação, celebrada pelo Santo Padre João Paulo II a 22 de março de 1998.

## VENERÁVEL DÉLIA TÊTREULT (1865-1941)

«**P**ois Deus amou de tal forma o mundo que entregou o seu Filho único.» (Jo 3,16) No século passado, estas palavras conquistaram o coração de Délia Tétreault. Escreveria ela, em 1916: «Deus deu-nos tudo, inclusive o seu Filho; que meio melhor haverá para retribuir-lhe – na medida em que uma tão débil criatura o pode fazer neste mundo – do que dando-lhe filhos, eleitos, que, também eles, cantarão a sua compaixão pelos séculos dos séculos?»

Maravilhada com a gratuidade do amor de Deus por nós, Délia Tétreault respondeu com reconhecimento a esse amor. Mulher de coração universal, a Madre Maria do Espírito Santo (seu nome de religiosa), foi a fundadora do primeiro instituto missionário feminino do Canadá, tendo desempenhado um papel determinante e inegável para a Igreja missionária. No início do século XX, no Canadá e, em particular, no Quebeque, a Igreja ocupava um lugar de relevo no seio de uma sociedade marcada pelo jansenismo, em que a mulher era pouco reconhecida. Os meios de comunicação eram elementares, e os textos escritos desempenhavam um papel importantíssimo na transmissão das notícias. Nesse contexto socio-ecclesial, Délia Tétreault, inspirada pelo Espírito Santo, será portadora de um vento de frescura. Graças à sua visão audaciosa e à sua ação criativa, contribuirá para a abertura do seu país e da sua Igreja ao mundo.

Délia nasceu a 4 de fevereiro de 1865, em Sainte-Marie de Monnoir, hoje Marieville, Quebeque. De saúde precária e órfã de mãe, aos dois anos de idade foi adotada pela sua tia Julie e pelo seu padrinho Jean Alixe, tendo tido uma infância feliz. Desde os seus primeiros anos, Délia gostava muito

de se refugiar no celeiro para ler os *Anais da Santa Infância e da Propagação da Fé*, que encontrara dentro de uma velha caixa. Os relatos missionários fascinavam-na e já se delineavam os primeiros frutos da sua vocação. Nesse período, teve um sonho significativo: «Eu estava ao lado da cama e, de repente, avistei um campo de trigo maduro que se estendia a perder de vista. Num dado momento, todas aquelas espigas se transformaram em cabeças de criança, e eu compreendi de imediato que estas representavam as almas de bebês “pagãos”.»

A sua visita a alguns missionários do noroeste do Canadá impressionou-a muito: «Embora sentisse uma admiração inexprimível pela vida apostólica, nunca me teria atrevido a enveredar por ela. Aliás, a vida apostólica não me parecia possível, visto não existir no Canadá nenhuma comunidade de religiosas missionárias.» Aos dezoito anos, depois de ter sido rejeitada pelo Carmelo de Montreal, ingressou nas Irmãs da Caridade de São Jacinto, mas uma epidemia forçou-a a voltar para casa. Um acontecimento determinante marcou a sua breve passagem por aquela comunidade: «Uma noite, recorda ela, enquanto me encontrava com algumas postulantes numa pequena divisão, pareceu-me que Nosso Senhor me dizia que eu, mais tarde, deveria fundar uma congregação feminina para as Missões Estrangeiras e trabalhar na fundação de uma sociedade semelhante masculina, de um Seminário das Missões Estrangeiras segundo o modelo de Paris.»

Anos mais tarde, conheceu o padre John Forbes, missionário em África. Délia planeava partir com ele para África, mas adoeceu precisamente na noite da partida. O padre Almiré Pichon, SJ, ajudou-a a fundar «Betânia», projeto dedicado às obras sociais, em Montreal. Cheia de dúvidas, trabalhou aí durante dez anos, mas sentia que o Senhor a chamava a uma coisa muito diferente. Nos últimos tempos em «Betânia», Délia conheceu o padre Gustave Bourassa e o padre A. M. Daigneault, s.j., sacerdote em África, que a apoiaram no seu desejo missionário. Outros homens e mulheres de Deus desempenharam um papel fundamental na sua vocação, de modo particular Dom Paul Bruchési, arcebispo de Montreal.

Um forte espírito missionário perpassava a Igreja no início do século XX. Todavia, o Canadá não era considerado um dos grandes países que contribuíam, a nível universal, tanto para as Obras Missionárias Pontifícias como para as vocações missionárias. Doações e recursos passavam pelas comunidades religiosas estrangeiras ativas no Canadá. Os jovens que aspiravam à vida missionária tinham de se formar no estrangeiro. Em 1902, depois de muitas provas, Délia fundou com duas companheiras, em Montreal, uma escola apostólica destinada à formação de raparigas para as comunidades missionárias.

Em novembro de 1904, estando Dom Bruchési de visita em Roma, o padre Gustave Bourassa, que apoiava a jovem comunidade, morreu num acidente. Tinha pedido a Dom Bruchési que falasse ao Papa em favor daquela comunidade nascente; apesar das suas hesitações, o arcebispo acedeu a esse desejo, falando com o Papa Pio X. E este exclamou: «Fundai, fundai... e todas as bênçãos do céu descerão sobre essa fundação.» A 7 de dezembro, o Papa atribuiu-lhe o nome de Sociedade das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição, apontando o mundo inteiro como campo de apostolado. A 8 de agosto de 1905, Délia fez a profissão perpétua: «Todos os países de missão estão abertos para vós.» Délia só podia dar graças a Deus. O seu sonho missionário tornara-se realidade.

A fundadora intuiu que chegara o momento, para a Igreja do Canadá, de dar o seu contributo ao serviço da missão universal da Igreja. Esforçou-se por despertar e formar a consciência missionária no país, criando um terreno fértil do qual emergiriam as vocações missionárias e onde se encontrariam os recursos necessários para sustentar as missões em outros países. O primeiro pedido chegou-lhe do bispo de Cantão, na China; em 1909, Délia mandou para lá seis jovens irmãs. Abriu, no total, dezanove missões no Oriente. Com base nos pedidos dos bispos, Délia Tétréault favoreceu todas as obras de misericórdia: jardins de infância e orfanatos para crianças abandonadas, leprosas para mulheres, casas para idosos ou para deficientes, a primeira escola para raparigas de Cantão, um hospital para doentes mentais, atividades

de formação para as virgens catequistas e as religiosas locais. Os obstáculos eram numerosos. Como demonstra a sua volumosa correspondência, Délia encorajava as suas filhas à distância, insistindo sobre os valores cristãos.

Embora a sua frágil saúde nunca tenha permitido a Délia deixar o seu país, o Canadá beneficiou do seu zelo apostólico pela missão. Entre as suas obras missionárias preferidas, as da Santa Infância e da Propagação da Fé passaram imediatamente a beneficiar do empenho de Délia e da sua comunidade. Embora já presentes no Canadá, estas duas obras estavam a enlanguescer. Em 1908, Délia e as suas filhas deram a conhecer a Santa Infância em Outremont e em Montreal. Em 1917, Dom Paul Bruchési confiou-lhes oficialmente o relançamento da obra da Santa Infância na sua diocese de Montreal. Fizeram tudo o que estava ao seu alcance para animar as crianças e abrir-lhes o coração para as necessidades das outras crianças do mundo que não conheciam Jesus, visitando todas as paróquias e as escolas do Quebeque e de outras partes do Canadá, com um zelo sem limites. Em 1917, perante o declínio da Propagação da Fé, Délia empenhou-se em tomar a seu cargo esta última. Durante todos esses anos, as Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição colaboraram ativamente com as OMP a todos os níveis, no Canadá, na América do Sul, no Haiti e em Madagáscar. Para favorecer a animação missionária no país e sustentar as missões no estrangeiro, Délia Tétreault aproveitou o poder dos meios de comunicação. Em 1920, lançou a revista missionária *Le Précurseur*, cuja versão inglesa nasceu em 1923. Muitas vocações missionárias nasceram graças à sensibilização promovida por estas obras.

Tentando cumprir a vontade de Deus, Délia perseverou na tentativa de realizar a segunda parte do seu sonho: colaborar na fundação de um seminário de sacerdotes missionários. Tinha até um plano para sustentar essa obra. Discretamente, mas com audácia, visitou os bispos das várias dioceses. Insistia que não se tratava apenas de uma extensão canadiana do Seminário das Missões Estrangeiras de Paris. A 2 de fevereiro de 1921, os bispos do Quebeque fundam a Sociedade das Missões Estrangeiras do Quebeque.

Délia solicitou a colaboração dos leigos no apoio às missões desde o início. Fez deles missionários nos seus âmbitos de vida quotidiana. Inaugurou os retiros espirituais femininos e as escolas apostólicas. Respondeu ainda a uma necessidade evidente de prestar assistência aos imigrantes chineses do seu país. Abriu hospitais, escolas e centros e inaugurou a catequese em chinês: a sua compaixão evangelizava.

Em 1933, Délia Tétreault sofreu um AVC que a deixou parálitica, mas lúcida. Morreu a 1 de outubro de 1941. O Papa São João Paulo II declarou-a Venerável a 18 de dezembro de 1997. A sua causa de beatificação e canonização ainda está em curso.



Batizados  
e enviados

Outubro  
2019

## SERVO DE DEUS EZEQUIEL RAMIN (1953-1985)

A vida missionária e o martírio do padre Ezequiel Ramin podem ser sintetizados por uma frase que ele próprio pronunciou durante a homilia da missa dominical de 17 de fevereiro de 1985, em Cacoal, passados apenas doze meses sobre a sua chegada ao Brasil: «O padre que vos fala recebeu ameaças de morte. Querido irmão, se a minha vida te pertence, pertencer-te-á também a minha morte.»

Ezequiel nasceu em Pádua, a 9 de fevereiro de 1953, filho de Mario Ramin e de Amirabile Rubin. Era o quarto dos seus seis filhos. Os pais, de cultura modesta, conseguiram, com grandes sacrifícios, realizar o seu sonho de pôr todos os filhos a estudar; contudo, o seu primeiro pensamento fora o de lhes dar uma educação humana e cristã sólida, que os preparasse para enfrentar as provas da vida. Passou uma infância e uma adolescência serenas, enraizadas nos valores da fé e da prática religiosa, do estudo e do trabalho, do sacrifício e da sobriedade, do amor e da ajuda mútua, da simplicidade e da honestidade. Uma família moldada sobretudo pela dedicação total da mãe, cuja jornada era iluminada pela Missa quotidiana e pela oração com que muitas vezes acompanhava a lide doméstica.

Ezequiel completou o seu percurso escolar, na convicção de que o estudo era importante para a vida, além de ser o seu “trabalho” daqueles anos. A tomada de consciência da pobreza em que vivia grande parte da Humanidade – então chamada Terceiro Mundo –, induziu-o a procurar formas práticas de solidariedade para com os oprimidos. Aderiu assim, em Pádua, à Associação Mãos Estendidas, empenhando-se como animador dos campos de trabalho de verão, para financiar microprojetos no Terceiro Mundo, mediante a

recolha de material usado: papel, vidro, ferro e trapos. Ezequiel tinha sempre presente a necessidade de abrir os olhos para a marginalização dos pobres presente na nossa própria sociedade.

Numa sua intervenção por ocasião do Dia Mundial das Missões, em outubro de 1971, contando apenas dezoito anos, Ezequiel afirmou: «Cristo vai agora pelas ruas, a caminho de Emaús; é o rosto do irmão pobre, é o velho devorado pela lepra, são os milhões de famintos, são as seiscentas mil crianças malnutridas. O nosso Cristianismo é um forte empenho que, se nós quisermos, pode tornar-se numa palavra de vida para quem está ao nosso lado, porque a Deus nunca ninguém chega sozinho.» A experiência de Mãos Estendidas foi tão intensa e significativa para ele que viria a prosseguir-la também em Florença, em 1973-74, durante um período de prova junto dos missionários combonianos.

No fim do verão, quando os seus pais o interpelaram sobre qual a faculdade universitária em que pretendia inscrever-se, ele convidou-os a entrar no automóvel e levou-os até ao Instituto dos Missionários Combonianos, em Verdara: «Eis a minha faculdade!» disse ele, deixando-os surpreendidos. Ficaram perplexos, como todos aqueles a quem comunicou a sua decisão. Com efeito, nunca tinha falado dela até então: fora uma opção meditada em silêncio, amadurecida no segredo da sua consciência, enquanto fazia o percurso casa-escola, trilhava as sendas no cume das montanhas ou pedalava entre as suas amadas colinas Eugêneas. Não fora uma opção fácil. Revela-o o episódio do seu encontro com um padre comboniano que tinha visitado a turma de Ezequiel para falar da vocação pessoal de cada um. No fim do encontro, o jovem Ramin tinha-lhe confessado: «O senhor falou de Jonas, que tinha medo de ir a Nínive. Esse Jonas cheio de medo sou eu, precisamente.» Teria medo de pretender seguir uma vocação dura como é a vocação missionária? O medo de não corresponder a ela, de não ser fiel até ao fim? Desconhecemos os temores que precederam a sua decisão, porque as suas cartas são datadas a partir de 1972, quando já tinha tomado uma decisão que nunca mais poria em causa. Com efeito, terminado o trabalho da escolha,

sucedera-lhe a serenidade decorrente da certeza de ter correspondido a uma chamada insistente: «Levar Cristo é levar alegria. Eu sigo o caminho do missionário», escrevia ele, «não por minha iniciativa, mas porque Deus me procura e continuamente me pergunta se eu O quero seguir».

Assim, em setembro de 1972, Ezequiel deixou Pádua, a família e os amigos, para iniciar o percurso que o levaria ao sacerdócio. A 26 de maio de 1976, pediu para se consagrar a Deus, assumindo os votos de pobreza, castidade e obediência, e para passar a fazer parte da congregação missionária dos combonianos. Feitos os votos, Ezequiel foi enviado para Inglaterra, a fim de aprender bem a língua inglesa, prevendo-se que viria a ser enviado para o Uganda, onde completaria os estudos teológicos. No entanto, o seu destino não seria o Uganda, devido à precária situação política local e à dificuldade de obter a licença de residência, mas os estudos teológicos, em Chicago, onde permaneceria até junho de 1979. Durante as férias de verão, foi enviado a uma paróquia negra de Richmond (Virgínia), no sul dos Estados Unidos: era a América dos excluídos, dos vencidos, de quem ficava para trás na corrida da competição, precisando de ajuda e, por vezes, pedindo apenas que alguém os escutasse. Falou disso a um dos seus irmãos: «A pobreza estava presente em cada casa [...]. Encontrei pessoas de quarenta anos que recorriam a mim, perguntando-me o que deviam fazer. Estive com alcoólicos, com sem-abrigo, com rapariguinhas grávidas, de treze anos. Tudo gente que pedia apenas para ser escutada, compreendida.» Em suma, Ezequiel demonstrava possuir uma predisposição e uma sensibilidade particulares para apreender as necessidades prementes dos mais pobres e colocar-se a seu lado.

Chegou ao Brasil no dia 20 de janeiro de 1984, após uma permanência de vários meses em Lisboa, para aprender a língua portuguesa. Passou algumas semanas em São Paulo e no Rio de Janeiro. Em março, deslocou-se a Brasília para ter aulas de cultura e pastoral brasileira. Além da situação da Igreja, ia conhecendo, durante as suas deslocações pelo território do país, a condição dramática da população pobre, sobretudo dos camponeses expulsos das suas terras pela invasão prepotente de empresas multinacionais que destinavam

grandes extensões de terreno a pastagens, tendo em vista a criação de gado e a exportação da sua carne para os países ricos. Em finais de junho ficou concluído o período de preparação, e Ezequiel chegou à missão de Cacoal, no estado de Rondônia, na Amazônia.

Dentro deste já difícil contexto geral, o estado da Rondônia estava envolvido, naquela época, em dois processos explosivos: por um lado, um contínuo fluxo migratório, sobretudo a partir do nordeste, por outro, uma invasão das terras habitadas por índios. Na Rondônia, com efeito, vivia mais de metade dos índios de todo o Brasil. Um foco de tensão situava-se, naqueles meses, no limite extremo da paróquia de Cacoal, precisamente na fronteira entre o estado da Rondônia e o estado de Mato Grosso: tratava-se da ocupação de alguns terrenos incultos por um grupo de famílias de camponeses. O padre Ezequiel, que já há algum tempo conhecia a zona do conflito, pertencente à sua jurisdição pastoral, a 22 e 23 de julho tinha-se dirigido ao local para desempenhar o seu ministério religioso, tendo sido acompanhado pelo presidente do sindicato rural de Cacoal. Numa das comunidades visitadas, as mulheres dos colonos tinham suplicado ao sacerdote que se dirigisse aos seus maridos que estavam a desbravar os terrenos no recinto da empresa, dissuadindo-os de prosseguir. A sua permanência ali certamente provocaria um confronto armado com muitos mortos, tanto mais que já tinham recebido ameaças e atos de intimidação por parte dos próprios guardas armados. Segundo aquelas mulheres, só o padre, graças à sua autoridade e credibilidade, granjeadas durante aqueles meses de trabalho pastoral, poderia convencê-los a retirar-se, ficando à espera de tempos melhores. Antes do jantar, o padre Ezequiel apresentou a situação aos seus confrades que viam com ele. Todos concordaram que, dada a extrema gravidade das condições em que viviam aquelas pessoas, na manhã seguinte iriam ter com elas. Foram momentos cruciais: um ou outro discordavam do plano estabelecido, embora Ezequiel sublinhasse repetidamente o enorme perigo que corriam os camponeses e o sentido apelo que as suas mulheres lhe tinham dirigido.

Uma onda de pensamentos e de preocupações angustiosas deve tê-lo assediado durante as horas noturnas, visto que, no dia 24 de julho, de manhã muito cedo, enquanto os seus confrades ainda descansavam, decidiu partir no jipe da comunidade, acompanhado por um amigo sindicalista. Às onze horas chegaram ao município de Aripuanã (Mato Grosso), situado a cerca de cem quilómetros de Cacoal: no lugar de reunião dos trabalhadores encontraram uma dezena destes. A pouca distância ficava o local de encontro dos guardas contratados pelo latifundiário. Ambos falaram aos camponeses, convidando-os a evitar qualquer tipo de violência e provocação, tendo em conta o perigo de incidentes incontroláveis com os guardas armados. O encontro foi breve, confirmando o facto de que o próprio Ezequiel julgava tê-los persuadido a manter a calma e a não recorrer à violência. Enquanto se preparavam para partir, os guardas armados precederam-nos com um veículo todo-o-terreno. Ao fim de poucos quilómetros, Ezequiel e o seu companheiro de viagem depararam com o todo-o-terreno atravessado no meio da estrada: mal tinham intuído o que estava prestes a suceder, deflagra um tiroteio com fogo cruzado. Precipitaram-se ambos para fora do jipe, mas os disparos dos sicários concentraram-se em Ezequiel. Este gritou: «Sou padre! Vamos conversar, minha gente!» Não tiveram piedade: caiu trespassado por setenta e cinco projéteis antes de conseguir refugiar-se sob a densa vegetação da floresta. Foi uma verdadeira execução. Era cerca do meio-dia do dia 24 de julho de 1985. O companheiro do padre Ezequiel, ligeiramente ferido pelos vidros do jipe, ao fim de várias horas de caminho através da floresta, reencontrou os camponeses que se tinham afastado do lugar da reunião. Transportados por um camião com destino a Cacoal, à uma da manhã avistaram os confrades de Ezequiel. Estes partiram imediatamente para avisar a polícia e o bispo, mas a polícia só aceitou levá-los de manhã até ao local do tiroteio. Ezequiel jazia a cinquenta metros do jipe, crivado de balas e de chumbos de espingarda. Não havia dúvida de que tinham querido matar um sacerdote que encarnava a opção da Igreja diocesana a que ele próprio pertencia e que se tinha colocado claramente ao lado dos mais pobres e

oprimidos pela injustiça: camponeses sem terra e indígenas. Aliás, a cruz ao peito da qual nunca se separava e que lhe fora arrancada no momento da execução viria a sofrer uma última afronta: a grande cruz erigida no lugar do seu martírio viria a ser arrancada umas três vezes pelo pessoal da fazenda Catuva. A comunidade batizada com o seu nome substituiu-a agora por uma cruz de cimento.



**Batizados  
e enviados**

Outubro  
2019

## SERVO DE DEUS FÉLIX TANTARDINI (1898-1991)

O Servo de Deus irmão Félix Tantardini, missionário leigo do Instituto Pontifício das Missões Estrangeiras (IPME) na Birmânia (Myanmar), nasceu a 28 de junho de 1898 em Introbio, província de Lecco (Itália), sendo o sexto de oito filhos. Participou na Primeira Guerra Mundial, foi feito prisioneiro pelos austro-húngaros e evadiu-se do campo de concentração. Ingressou no IPME em 1921 e em 1922 partiu para a Birmânia, onde permaneceu até à sua morte (23 de março de 1991), regressando apenas uma vez a Itália, entre abril de 1956 e janeiro de 1957. As vicissitudes da sua vida terrena não foram marcadas por factos particularmente extraordinários. O que mais impressiona e suscita admiração é “o extraordinário no ordinário”, neste homem rico de humanidade e transbordante de fé, que fez da sua própria vida um dom total de si ao serviço do Evangelho e dos irmãos.

A primeira virtude que se destaca do quadro de conjunto da sua vida é a fé. Os critérios que inspiravam as suas palavras, os seus escritos, a sua atuação, as suas relações com as pessoas, derivavam, não de cálculos nem de lógica humana, mas do Evangelho. O seu olhar era um olhar de fé. Bem se pode dizer que ele via e julgava as coisas, os acontecimentos e as pessoas com os olhos e o coração de Jesus, do qual estava profundamente enamorado. No seu percurso de fé, deixou-se “plasmado” docilmente por uma educadora de exceção: a sua «querida Nossa Senhora», que ele invocava continuamente com afeto e ternura filial. A fé do irmão Félix era constantemente alimentada pela Palavra de Deus, pela oração e pelos sacramentos. A estes ia ele buscar luz e força para enfrentar todo o tipo de dificuldades e de provas sem

se lamentar, com um sorriso nos lábios e paz no coração. A esse respeito, eis alguns testemunhos extraídos das declarações constantes do seu processo:

«Tinha uma fé pura e simples. Deus e Nossa Senhora eram tudo para ele.» «Todas as manhãs fazia pelo menos uma hora de meditação e só depois tocava o sino. E repetia-o todas as manhãs, sem nunca se cansar... Também era fiel à adoração eucarística, que fazia sobretudo ao fim da tarde, depois do trabalho.» «Quando rezava, entrava em verdadeiro recolhimento... parecia estar a falar com Deus como se O visse.» «A sua devoção a Nossa Senhora era proverbial: tinha sempre o terço na mão.»

Para compreendermos como e com que espírito trabalhava, vêm em nossa ajuda duas testemunhas. Uma irmã birmanesa declara: «Era um homem cheio de virtudes, completamente dedicado ao seu trabalho... Além disso, nunca perdia tempo. Era um homem todo oração e trabalho, e o seu trabalho era todo para Deus... Preferia trabalhar em silêncio e escondidamente... Era uma maneira de se manter recolhido e completamente dedicado a Deus e ao seu serviço.»

Um sacerdote birmanês atesta: «Recordo-o como um homem muito trabalhador, entusiasmado com o seu trabalho e que conseguia entusiasmar quem trabalhava com ele. Lembro-me que era sempre muito prudente, nunca procurando um trabalho mais difícil ou extenuante do que lhe permitiriam as suas forças... Mostrava-se sempre muito sereno e brincalhão, transmitindo-nos a todos alegria e serenidade enquanto trabalhávamos.» Sintetizando, podemos dizer o seguinte: o irmão Félix gostava muito de trabalhar bem, com alegria, para o Senhor, sabendo educar os outros para o trabalho e, portanto, para a vida. Porque não há vida digna sem trabalho!

«A fé atua mediante a caridade», afirma São Paulo (GL 5,6). Do amor ao «bom Deus» brotava a caridade do irmão Félix para com todos, caridade que se traduzia concretamente no serviço solícito que prestava sobretudo aos mais necessitados: leprosos, deficientes e doentes, sem distinção de religião.

A doação de si próprio também se exprimia na obediência praticada de maneira exemplar. Ia para onde quer que o bispo ou os superiores o mandassem,

sobretudo quando se tratava de ajudar os habitantes da floresta. Dizia que as pessoas da cidade gozavam de um certo bem-estar e tinham operários à sua disposição, ao passo que os habitantes da floresta estavam muitas vezes abandonados e carentes de tudo. Despojava-se de tudo em favor dos pobres, com naturalidade, sem o mostrar, reservando para si apenas o estritamente necessário. Era querido por todos, mas mantinha-se humilde e reservado. Podemos dizer que a humildade fazia parte do seu ser.

Espírito de sacrifício, capacidade de enfrentar com paciência e coragem as dificuldades, as provas e as adversidades da vida, tudo isso faz parte da rica bagagem humana e cristã do missionário Tantardini. Sabemos que não cresceu numa família abastada; depois viera a prova de fogo dos anos passados no serviço militar e da prisão durante a Grande Guerra, que tinham temperado o carácter do jovem Félix. Mais tarde, consagra-se à vida missionária numa terra e numa época repassadas de miséria, fome, conflitos e carestias, e flageladas, durante a Segunda Guerra Mundial, pelos bombardeamentos e pela invasão chinesa e japonesa, com toda a sua carga de lutas e sofrimentos inenarráveis. Sabemos ainda que arriscou a vida sob os bombardeamentos, sempre que se deslocava durante a invasão japonesa, que durou dois anos. No entanto, saiu-se sempre bem, graças à proteção especial do «bom Deus» e da sua «querida Nossa Senhora», como ele dizia, mas também em virtude do seu engenho.

Todavia, os anos passam para todos. As dificuldades, as viagens extenuantes e algumas intervenções cirúrgicas com complicações pós-operatórias iam minando o seu organismo. Não obstante, era raro lamentar-se, tendo sempre a preocupação de não ser um fardo pesado para os outros. Era sustentado em todas as tribulações sobretudo pela sua fé inabalável e pela sua fidelidade à oração. Nunca teria conseguido aguentar tantas tribulações sem fortes motivações interiores e uma especial ajuda do Alto, continuamente implorada com humildade e confiança.

Morreu em missão, com quase noventa e três anos, a 23 de março de 1991, num sábado, dia mariano, como tinha desejado. Certamente ainda

hoje mantém, no paraíso, a sua promessa de continuar a trabalhar como missionário, «já não batendo na bigorna, mas martelando sem cessar no coração do bom Deus», pela salvação daquela gente pobre e humilde a quem tanto tinha amado.



## JEAN CASSAIGNE (1895-1973)

Dom Jean Cassaigne nasceu em Grenade-sur-Adour, no departamento das Landes (França), a 30 de janeiro de 1895. Perdeu prematuramente a mãe e foi enviado pelo pai para Espanha, a fim de seguir os seus estudos num colégio dos Irmãos das Escolas Cristãs, exilados em Lez, perto de San Sebastian. Tendo regressado a França por volta dos dezassete anos, ajudou o pai no seu trabalho, mas sentia-se atraído pelas missões e manifestou o seu desejo de se tornar missionário. Precisamente no momento em que se preparava para entrar no Seminário da Rue du Bac, teve notícia da declaração de guerra entre a França e a Alemanha. Alistou-se então, aos dezanove anos de idade. Passou cinco anos na frente como agente de ligação, participou na batalha de Verdun e foi condecorado com a Cruz de Guerra. Após a desmobilização, em 1920 ingressou no Seminário das Missões Estrangeiras de Paris, foi ordenado sacerdote a 19 de dezembro de 1925 e partiu para a Indochina a 6 de abril de 1926. Primeiro foi mandado para Cai-Mon (Vietname), importante comunidade cristã da província de Ben-Tre, a fim de aprender a língua vietnamita.

Ao chegar à missão, Jean Cassaigne, tal como os outros, dedicou os primeiros meses da sua vida missionária ao estudo da língua e dos costumes locais e foi iniciado na pastoral em ambiente vietnamita, na grande paróquia de Cai-Mon. No ano seguinte, foi enviado pelo seu bispo, Dom Dumortier, para Djiring (Di-linh), situada nos planaltos do Alto Dong Nai, para fundar aí uma nova comunidade cristã junto das populações das montanhas daquela região, habitada pelo povo Sré, também conhecido por Koho. Na época, a região de Djiring era quase exclusivamente habitada por

minorias étnicas, porque os vietnamitas ainda não se tinham estabelecido nos planaltos.

Desde a sua chegada a Djiring, Jean Cassaigne estudou a língua local, muito diferente da língua vietnamita. Estudante empenhado, rapidamente conseguiu compilar um léxico e um manual de conversação. O jovem missionário começou de imediato a entrar em contacto com as populações animistas, que, no entanto, não se fiavam e provavelmente tinham medo daquele estrangeiro barbudo. Era possível que os homens da floresta (conhecidos por *Moïs*, ou seja, “selvagens”) nunca tivessem visto um europeu de pele branca. Pouco a pouco, porém, com o seu sorriso e a sua amabilidade, Jean Cassaigne conseguiu aproximar-se deles.

Descobriu então a miséria daqueles homens, obrigados, por vários acontecimentos, a afastar-se do seu ambiente natural. Forçados a deixar a floresta na qual encontravam habitualmente o seu sustento, subalimentados, sem roupa, eram presa fácil de todo o tipo de doenças. E, entre eles, Jean Cassaigne descobriu os mais doentes, os mais infelizes de todos: os leprosos, expulsos pelas suas famílias, abandonados na floresta, sem abrigo nem cuidados, esperando apenas que a morte viesse pôr termo aos seus sofrimentos. Aquela pobre gente, excluída da sociedade, comoveu profundamente o seu coração de missionário. Foi então que se comprometeu a dedicar todas as suas forças ao seu serviço. Pouco a pouco, os *Moïs* foram aceitando a sua presença e começaram a procurá-lo.

Naquela época, muitos proprietários de plantações franceses, que tinham obtido do governo colonial concessões de terrenos para desbravar no planalto de Djiring, pediram à missão que criasse uma comunidade cristã. As Missões Estrangeiras de Paris acharam a proposta interessante e digna de ser acolhida com benevolência. Dom Dumortier, pelo seu lado, viu nisso uma ocasião providencial para dar início à evangelização naquela região. A missão adquiriu então uma casa, que servia ao mesmo tempo de residência para o missionário e de escola para as crianças das populações das montanhas. Com a ajuda de alguns homens, Jean Cassaigne construiu para eles

a pequena fração de Kala, situada a pouca distância da aldeia de Djiring. Formada por cabanas sobre estacas, como eram habitualmente construídas pelos habitantes da região, foi batizada por Jean Cassaigne «Cidade da Alegria». Mais tarde, pouco a pouco, foi reunindo os leprosos à sua volta. Considerava-os os seus próprios filhos, alimentando-os e cuidando deles todos os dias. Em 1929, a aldeia dos leprosos tinha crescido e já contava com cem doentes.

Em 1930, o padre Cassaigne tinha batizado os seus dois primeiros catecúmenos e várias famílias pediam para se tornarem cristãs. No centro da aldeia havia uma enfermaria onde, três vezes por semana, o missionário passava receitas e distribuía os medicamentos. Ele próprio fazia os curativos aos leprosos e, dando-lhes acesso à instrução religiosa, preparava-os para morrer como cristãos. A um canto da aldeia erguia-se a capela dos leprosos onde, ao domingo, as orações eram recitadas em língua koho e onde tinham lugar as lições de catequese.

Em 1935, Jean Cassaigne, com a ajuda do seu fiel catequista Joseph Braï e a colaboração de cem leprosos, fundou em Kala, perto de Djiring, uma aldeia autónoma para reunir e tratar os *Moïs* leprosos da região. Meses mais tarde, teve a alegria de batizar vinte e seis catecúmenos numa capela completamente nova. Foi o início da primeira comunidade cristã das populações das montanhas, que continuaria a desenvolver-se. Em 1936 já eram duzentos.

Em 1937, a Visitadora das Filhas da Caridade, Irmã Clotilde Durand, tocada pela dedicação do missionário, que medicava pessoalmente os leprosos, prometeu-lhe a ajuda das Irmãs de São Vicente de Paulo. Quatro Filhas da Caridade chegaram à aldeia no mês de fevereiro de 1938 e começaram a tratar dos leprosos.

Em 1941, um telegrama de Roma arrebatou Jean Cassaigne aos seus leprosos. O Papa tinha-o nomeado bispo e responsável pelo Vicariato Apostólico de Saigão. Apesar da sua repugnância pelas honrarias, teve de aceitar “descer” a Saigão. Recebeu a ordenação episcopal durante a festa de São João, a 24

de junho. Uma multidão de três mil pessoas aglomerou-se na catedral de Saigão para a cerimônia, e entre a mesma contava-se uma importante delegação das populações das montanhas em trajes tradicionais, que ocorrera em representação da comunidade cristã de Djiring.

Em Saigão, Dom Cassaigne impôs o seu estilo pessoal. Não faltou, decerto, às suas responsabilidades e respeitou os usos do seu ministério, mas, na vida quotidiana, continuou a ser o padre Cassaigne, homem simples e acolhedor. Deixava sempre a porta aberta: todos podiam ser recebidos sem se fazerem anunciar, pobres e ricos, sem distinção de raça nem de estrato social. Durante quinze anos manteve-se nesse difícil cargo, tendo por isso de enfrentar muitas dificuldades, quer durante a ocupação japonesa quer durante a guerra franco-vietnamita. Durante esse período agitado, colocou as suas energias ao serviço de todos, organizando ajudas e socorros para os mais carenciados, sem preferências nem exceções. Os próprios japoneses prestaram homenagem ao amor ao próximo e à dedicação de que deu provas Dom Cassaigne.

Dom Cassaigne, porém, tinha no coração um único desejo: voltar a viver com a sua querida gente das montanhas. Quando percebeu que ele próprio tinha contraído lepra, fez chegar o seu pedido de demissão do cargo de vigário apostólico de Saigão à Santa Sé. O Papa aceitou-o e ele teve assim a grande alegria de poder voltar, em dezembro de 1955, para junto dos seus leprosos, que nunca mais abandonaria.

De volta a Djiring, a sua única preocupação foi garantir uma adequada assistência material à sua gente e, sobretudo, oferecer-lhe largamente a ajuda espiritual que transformava os seus em seres felizes. Amou-os tanto, estava tão próximo deles, misturou-se tão intimamente com eles que, tendo sido também ele atingido pela lepra, aceitou viver com eles os mesmos sofrimentos. Por fim, no termo da sua vida, embora no meio de dores e confinado ao leito pela doença, manteve sempre a alegria, uma alegria radiosa e comunicativa, que um dia lhe fez dizer aos seus amigos: «O bom Deus ama-me pois escolheu para mim a melhor oração, o sofrimento, que Ele reserva para os seus amigos.»

Dom Cassaigne morreu a 31 de outubro de 1973 e, segundo o seu desejo, foi sepultado no pequeno cemitério da leprosaria, ali onde ele próprio tinha cavado a sepultura para o seu primeiro convertido. A gratidão dos leprosos para com Dom Cassaigne foi expressa de modo comovente no dia da sua sepultura por um dos leprosos, que, tomando a palavra em nome dos seus irmãos doentes, lhe dirigiu esta mensagem:

«Ó pai, tu mostraste-nos o verdadeiro caminho para o céu, e esta leprosaria é obra tua. Graças a ti, não nos tem faltado nada: alimentos, roupa, medicamentos, tudo isso ias buscar para nós... Queridíssimo pai, embora carentes de tudo, não podemos deixar de te agradecer e de rezar ao Senhor por ti. Hoje queremos viver o teu ensinamento, manter vivo no meio de nós o vínculo da caridade e o modo como nos amaste, sofrer na nossa carne de dor, como tu nos ensinaste a sofrer enquanto viveste no meio de nós. Pai, quando estavas vivo, quiseste identificar-te connosco, desejaste contrair a lepra como nós, sofrer de malária, sofrer no teu corpo de carne como nós e morrer no meio dos teus filhos. Eis a nossa última súplica, e é a ti que a dirigimos: reza por nós, para que um dia o Senhor também nos considere dignos de nos encontrarmos contigo no seu paraíso, no Paraíso da unidade.»

Outubro  
2019

## BEATO JUSTO TAKAYAMA UKON (1552-1615)

Entre os muitos santos da história da Igreja no país do Sol Nascente (quarenta e dois santos e trezentos e noventa e três beatos, incluindo missionários europeus), todos os mártires mortos *in odium fidei* durante diversas vagas de perseguições, a história de Takayama é especial. Trata-se, com efeito, de um leigo, um político, um militar (era senhor feudal e samurai), que chegou à glória dos altares sem ter sido morto, mas por ter escolhido viver seguindo Cristo, pobre, obediente e crucificado. Ukon renunciou a uma posição social de alto nível, à nobreza e às riquezas, para permanecer fiel a Cristo e ao Evangelho.

Ao nascer, entre 1552 e 1553, no castelo de Takayama, nas proximidades de Nara, recebeu o nome de Hikogoro Shigetomo; era filho de Takayama Zusho, que viria a tornar-se senhor do castelo de Sawa. Takayama é o nome de família, derivado do território da sua propriedade feudal. A sua casa pertencia à classe da nobreza, ou seja, dos *daimyō*, senhores de um castelo com as suas respetivas propriedades. Vinham imediatamente a seguir aos *shogun* (senhores de mais territórios, dos quais os vários *daimyō* eram fiéis aliados, colocando à sua disposição um exército e combatentes profissionais, os samurai) que muitas vezes entravam em guerra entre si para alargar as suas áreas de influência.

Em 1563, o pai fora incumbido pelo seu *shogun* de julgar um missionário jesuíta, o padre Gaspar Videla, que anunciava o Evangelho precisamente em Quioto, futura cidade imperial. O Evangelho tinha sido introduzido no Japão pelo jesuíta Francisco Xavier, em 1549, e tinha-se espalhado rapidamente. Escutando-o, o pai de Justo ficara tão impressionado que se quisera

fazer cristão, pedindo o Batismo e tomando o nome de Dario. Tendo regressado ao seu castelo acompanhado por um catequista, mandou catequizar e batizar muitos dos seus soldados, a sua mulher e os seus filhos, entre os quais também Justo, o primogénito, que nessa época contava cerca de doze anos. A partir desse momento, o seu pai tornou-se protetor dos cristãos. Para ele, filho e herdeiro de um importante *daimyō*, era uma vocação natural tornar-se samurai, guerreiro sempre pronto a defender a família, a lei e o *shogun*, seu senhor. Devido à frequência dos conflitos entre os *daimyō*, participou nas guerras e nos combates, distinguindo-se pela sua coragem. A sua convalescença forçada, devido a um ferimento recebido em duelo, foi para ele um tempo providencial e, em 1571, contando então vinte anos, convenceu-se de que, mesmo continuando a ser samurai, deveria colocar a sua perícia no manejo das armas ao serviço dos mais débeis, dos órfãos e das viúvas. Em 1573, a sua família recebeu um novo feudo, e Justo tornou-se no seu *daimyō*, devido à idade demasiado avançada do seu pai. Dois anos mais tarde tomou por mulher Justa, uma cristã, e teve três filhos (dois dos quais morreram ainda pequenos) e uma filha. Mandou construir uma igreja na própria cidade imperial de Quioto e um seminário em Azuchi, sobre o lago Biwa, para formação de missionários e de catequistas japoneses. A maioria dos seminaristas provinha das famílias do seu feudo.

Justo utilizou a típica cerimónia japonesa do chá, em que se reforçam as relações entre os participantes e se aprofundam os laços de amizade, para evangelizar, transformando-a numa ocasião de anúncio do Evangelho e de diálogo com outros nobres sobre a fé cristã. No primeiro período do *shogun* Toyotomi Hideyoshi, que subiu ao poder em 1583, a sua influência foi aumentando entre os nobres, vários dos quais aceitaram tornar-se cristãos. Toyotomi, porém, tendo-se tornado tão poderoso que conseguiu unificar todo o Japão sob a sua autoridade, começou a temer os cristãos e, em 1587, promulgou um édito que proibia a sua religião no país e continha a ordem de expulsão dos missionários estrangeiros e o exílio para os catequistas nativos.

Todos os grandes senhores feudais aceitaram a disposição, entre os quais Justo, que preferiu renunciar ao seu feudo e sofrer o exílio de preferência a abjurar. Após a morte inesperada de Toyotomi, o seu sucessor revelou-se pior do que ele. A perseguição contra os cristãos foi alargada e intensa, com o objetivo de erradicar aquilo a que chamavam «a erva daninha» ou «a religião perversa». A 14 de fevereiro de 1614, Justo Takayama e os seus familiares foram presos e transferidos para Nagasaki, enquanto esperavam o próprio julgamento juntamente com os missionários que também tinham sido levados para lá. Após vários meses de prisão, a 8 de novembro de 1614, Justo e trezentos dos seus companheiros foram condenados ao exílio e metidos num barco de juncos com destino a Manila, nas Filipinas. Durante o período passado na prisão, ele tinha alimentado a esperança de partilhar a sorte dos mártires de Nagasaki. Estava certo que seria morto e tinha esperado o seu fim com grande serenidade. A expulsão e o lento avanço naquele navio extremamente carregado fizeram Justo progredir ainda mais na sua fé. Embora tenha sido acolhido com todas as honras pelos espanhóis, esgotado pela prisão e pela longa viagem, morreu em Manila a 3 de fevereiro de 1615, quarenta dias depois da sua chegada às Filipinas.

O exemplo de Justo é muito importante e precioso. Levou uma vida cristã autêntica, honesta, sincera e profunda. Foi reconhecido como mártir, apesar de não o terem matado, por ter sido perseguido e ter tido de abandonar todas as suas riquezas e o seu estatuto social. Sentia-se muito feliz por ter recebido de Deus o dom da fé cristã e foi uma testemunha contagiante junto de todos aqueles que encontrava: nobres da sua classe, superiores, súbditos e amigos.

Foi beatificado em Osaka a 7 de fevereiro de 2017, sob o pontificado do Papa Francisco.

## BEATO LUCIEN BOTOVASOA (1908-1947)

Lucien Botovasoa nasceu no ano de 1908 em Vohipeno, pequena aldeia da costa sudeste de Madagáscar, na diocese de Farafangana, a mais de mil quilómetros de Antananarivo, a capital. Os seus pais eram camponeses pobres, como tantos outros da região, sempre dependentes dos riscos associados ao clima. Seguíam a religião tradicional, mas tinham uma mentalidade aberta. Quando os habitantes da aldeia descobriram a fé cristã, muitos deles converteram-se e pediram o Batismo. Entre estes contava-se também Lucien Botovasoa, batizado a 15 de abril de 1922, Sábado Santo, com treze anos de idade, antes dos seus pais, que se converteram à fé cristã muito mais tarde. Lucien Botovasoa foi crismado no ano seguinte, a 2 de abril de 1923. Desde a sua infância, Lucien desejava viver a sua fé com empenho e seriedade.

O ideal de vida de Lucien era ser um bom cristão, apóstolo de Jesus no coração do mundo. Aquilo que mais caracterizou o martírio de Lucien foi o amor pelos seus compatriotas e pelos seus perseguidores. Não foi por acaso que recebeu o cognome de *Rabefihavanana*, «o Reconciliador».

Seguindo o lema dos padres jesuítas, *Ad majorem Dei gloriam*, Lucien Botovasoa estudou em Ambzontany Fianarantsoa, no colégio Saint Joseph, durante quatro anos. Tendo obtido assim o diploma do magistério, que lhe permitiria ensinar, regressou a Vohipeno como vice-diretor da escola paroquial e professor. No terreno, continuava a sentir o desejo de ler e de aprender tudo. Era um pedagogo maravilhoso e um professor excepcional, competente, consciencioso e cheio de zelo na forma de explicar aos seus alunos, com clareza e doçura, todas as matérias escolares. No entanto, também era um mestre cristão, preocupando-se sempre com a educação religiosa das

crianças, às quais ensinava o catecismo quer nas horas escolares quer depois das aulas. Todas as tardes, depois da escola, lia as histórias dos santos àqueles que o desejavam. Aquilo de que mais gostava era das vidas dos mártires: sabia contá-las a quem o escutava com um fervor muito particular, que inflamava os corações.

A 10 de outubro de 1930, Lucien casa-se pela Igreja com Suzanne Soazana. Tiveram oito filhos, dos quais apenas cinco sobreviveram. Lucien amava os seus filhos, educava-os e ensinava-os a rezar. No entanto, também dedicava imenso tempo aos filhos dos outros, visitando os doentes, dando aulas à noite e animando vários grupos aos quais dava catequese: os Cruzados do Coração de Jesus, em que ingressara, a Guarda de Honra do Sagrado Coração de Jesus e os Jovens Católicos Malgaxes. Suzanne gostaria que o marido trocasse o ofício de professor pelo de contabilista. Lucien, porém, continuava o seu serviço de formação na vida cristã com alegria e generosidade. O lugar em que o viam com mais frequência era a igreja: Lucien tocava acordeão e dirigia o coro, não só durante a missa dominical, mas também diariamente, na missa das seis da manhã.

Por volta de 1940, procurando um livro sobre a vida de um santo casado que lhe servisse de modelo, Lucien Botovaso descobriu a Ordem Terceira Franciscana (a partir de 1978, Ordem Franciscana Secular), e estudou a sua Regra. Com Marguerite Kembarakala, que o tinha formado na fé, constituiu uma primeira comunidade de irmãos em Vohipeno. A regra era muito exigente, e Lucien aplicava-a à letra. Lucien Botovaso começou a destacar-se pela sua piedade e pobreza. Levantava-se várias vezes durante a noite, rezando de joelhos aos pés da cama; depois, às seis da manhã, dirigia-se à igreja para fazer uma hora de meditação diante do sacrário. Às quartas e sextas-feiras animava a refeição em família, mas, fiel à Regra, jejuava, para desagrado de Suzanne.

Em outubro de 1945 e em junho de 1946, houve eleições políticas em Madagáscar. Os dois partidos políticos desejavam ter Lucien Botovaso como seu candidato. Lucien, porém, recusou categoricamente o convite de

ambos, denunciando que «a vossa política alimenta-se de mentiras e só poderá acabar em sangue».

No dia 30 de março de 1947, Domingo de Ramos, enquanto Lucien participava na Santa Missa, teve de seguir o seu irmão até à floresta, por ordem do seu pai. Os dois refugiaram-se ali quando os insurretos atacaram a cidade. Os combates duraram até quarta-feira. As matanças às mãos do Partido dos Deserdados de Madagáscar mancharam de sangue a Semana Santa. O resultado foi um massacre total, com dezoito igrejas e cinco escolas incendiadas. Naturalmente, no dia de Páscoa não foi possível celebrar a Eucaristia na igreja paroquial. No segundo domingo da Páscoa, Lucien regressou à cidade depois de ter levado a sua família para um lugar seguro, na floresta. Aí conseguiu reunir os refugiados numa oração comum, na qual participaram católicos, protestantes e muçulmanos. Lucien comentou o Evangelho, exortando todos a reanimar a sua própria fé e a ter coragem para enfrentar o martírio, caso tal fosse necessário. Falava e conduzia os cânticos com uma alegria intensa e um grande júbilo.

A 16 de abril de 1947, o rei Tsimihono, responsável local do Movimento Democrático da Renovação Malgaxe (MDRM), convocou toda a gente com o intuito de expulsar da cidade os inimigos do partido, incluindo Lucien Botovasoa. Na quinta-feira, 17 de abril, o rei propôs um posto muito importante a Lucien Botovasoa: pediu-lhe que se tornasse secretário do MDRM, mas ele recusou. Entretanto, Lucien tinha comunicado à mulher que ia ser condenado. Suzanne desejava que ele se escondesse, mas Lucien recusou e, tirando da parede uma imagem de São Francisco, disse: «Será este o meu guia.»

Após um almoço sereno, em família, e depois da oração, Lucien respondeu sem a mínima hesitação àqueles que tinham vindo para prendê-lo: «Estou pronto.» Entregou-se sem a menor resistência. Sabia que ia ser morto e, quando o chamaram, avançou. Sentado à direita do rei, no lugar de honra, disse em voz alta: «Sei que estais prestes a matar-me e não me posso opor. Se a minha vida pode salvar outras, não hesiteis em matar-me. A única coisa que vos peço é que não toqueis nos meus irmãos.»

Se tivesse aceitado o cargo de secretário do MDRM, teria salvado a sua vida. No entanto, respondia: «Vós matais, queimais as igrejas, proibis a oração, mandais espezinhar os crucifixos e destruir as imagens sagradas, os rosários e os escapulários, quereis profanar a nossa igreja, transformando-a num salão de baile, fazeis um trabalho sujo. Sabeis como a religião é importante para mim: não posso trabalhar para vós.» Uns trinta rapazes de Ambohimananarivo, a maior parte seus antigos alunos, acompanharam-no até ao Matadouro, local onde tinham lugar as execuções, na saída sul da cidade, numa localidade chamada Ambalafary. Lucien pedia: «Dizei à minha família que não chore porque eu estou feliz. É Deus que me leva consigo. Que os vossos corações nunca abandonem o Senhor!» Caminhava como um homem livre, como um vencedor.

O grupo dos rapazes chegou ao lugar da execução. Três homens designados pelo rei já estavam no seu posto. Para lá chegar, o cortejo tinha de atravessar um canal. Antes de o atravessar, Lucien pediu que o deixassem rezar, o que lhe foi concedido. «Ó meu Deus, perdoa aos meus irmãos, que agora têm uma difícil missão a cumprir. Possa o meu sangue ser derramado para salvação da minha pátria!» Lucien repetiu várias vezes estas palavras. Também rezou em latim, e talvez tenha entoado o cântico quaresmal de que tanto gostava: «Poupa, Senhor, poupa o teu povo, faz com que a tua cólera não permaneça para sempre sobre nós!»

Em seguida quiseram ligar-lhe as mãos, mas ele recusou. «Não me ligueis para me matar. Eu ligo-me sozinho.» Cruzou os pulsos um sobre o outro, segurando na mão a cruz do rosário que tinha ao pescoço. Já de joelhos, rezou mais uma vez, repetindo as palavras que já dissera antes: «Ó meu Deus, perdoa aos meus irmãos...» Era o primeiro a perdoar aos verdugos, intercedendo por eles, enquanto estes escarneciam dele: «A tua oração é demasiado longa! Acreditas que te salvará?», e alguns deles, que tinham ficado na outra margem do canal, insultavam-no aos gritos. Lucien, porém, respondia: «Ainda não acabei! Deixai-me mais um momento.» Ergueu as mãos ao céu e prostrou-se três vezes por terra, como Jesus durante a Paixão, depois voltou-se para eles,

dizendo: «Apressai-vos agora, porque o espírito está pronto, mas a carne é fraca.» Enquanto o matavam, os verdugos zombavam da sua vítima: «Agora vai tocar o teu acordeão.» Tendo expirado por amor a Cristo e à sua Igreja, o seu corpo foi lançado ao rio Matitanana. Reconhecendo o seu martírio e o testemunho da sua fé, a Igreja Católica beatificou-o a 15 de abril de 2018, em Vohipeno, no Madagáscar.



## MON FILOMENA YAMAMOTO (1930-2014)

**M**on Filomena Yamamoto, missionária de Maria, saveriana, japonesa, deixou este mundo a 28 de abril de 2014, em Miyazaki. Contava oitenta e três anos.

Cerca de dez anos antes, tinha contado ao pequeno jornal das saverianas o seu encontro com Cristo: «Pensando no ambiente em que cresci e nos acontecimentos que precederam a graça do meu Batismo, vejo claramente a mão amorosa de Deus que me conduziu de modo silencioso e escondido. Nasci numa família budista da corrente Zen. Em casa havia um pequeno altar onde eram veneradas as placas mortuárias dos nossos antepassados. Todas as manhãs oferecíamos uma pequena taça de chá e outra de arroz e detínhamo-nos a rezar de mãos postas. Quando passavam por ali peregrinos com destino a qualquer templo ou apareciam pobres, oferecíamos-lhes arroz e alimento.

Tínhamos uma ligação profunda com o templo. Desde criança que eu o visitava com frequência, escutava os sermões do Bonzo e interrogava-me porque é que o homem nasce e depois morre, por que razão existe o sofrimento e como é possível que, no mundo, quem pratica o bem muitas vezes sofra, ao passo que quem pratica o mal seja bem-sucedido e leve uma vida regalada. Refletia muitas vezes sobre estas coisas, mas não me atrevia a interrogar os adultos, pois tinha a impressão de que estes não me saberiam responder.

Creio que o Senhor me falava através da natureza, com o espetáculo maravilhoso da mudança das estações. Sentia que, acima das divindades das antigas religiões do Japão, devia haver um Deus criador do céu e da terra e que eu devia procurar a verdadeira religião. Rezava, pedindo que me fosse concedido descobri-la, mas não sabia onde procurá-la.

Aos vinte e três anos deixei a minha cidade e fui para Miyazaki. Convidada por uma amiga, comecei a frequentar a Igreja Católica e as aulas de catequese. Ao princípio ofereci uma certa resistência à fé num único Deus, porque a cultura japonesa está impregnada da presença de numerosas divindades que não se excluem umas às outras. Todavia, continuando a estudar o Cristianismo, quando pude escutar a passagem da Paixão e da Ressurreição do Senhor e compreender a obra maravilhosa da redenção, senti dentro de mim a firme convicção de que finalmente tinha encontrado aquilo que procurava há anos.»

Desde o início da sua juventude, Mon desejava uma vida completamente dedicada aos outros, mas só quando conheceu Cristo encontrou a resposta. Ainda catecúmena, fascinava-a a ideia de entregar toda a sua vida à Misericórdia de Deus: «Quando eu ainda era catecúmena, o missionário saveriano padre Sandro Danieli emprestou-me a autobiografia de Santa Teresa de Lisieux, e eu li como ela se oferecera a si própria ao Amor misericordioso. Foi a primeira vez que me confrontei com essa ideia. Mais tarde, tendo entrado para as missionárias saverianas, fiquei surpreendida ao descobrir que o fundador, o padre Giacomo Spagnolo, tinha uma profunda devoção pela onipotência e pela Misericórdia de Deus, e que todas nós, aquando da profissão perpétua, confiávamos a nossa vida à misericordiosa Onipotência do Senhor.»

O amor a Maria contribuiu para orientar a sua escolha. Quando Mon ingressou na congregação das Missionárias de Maria, em 1961, as saverianas estavam no Japão havia apenas dois anos. Recorda uma delas, Madalena: «Mon foi uma irmã fiel à opção da sua vida. Criava harmonia em qualquer comunidade à qual a obediência a tivesse destinado. A sua serenidade, o seu sentido de humor e a sua simplicidade permitiam que cada um se sentisse acolhido. Era uma pessoa “verdadeira”, evangélica, daquelas pessoas que pertencem ao Reino dos céus. Aceitava tudo e vivia o momento presente, oferecendo tudo com Jesus, na oração. Estava em paz e difundia paz.»

«De mentalidade aberta, sabia enfrentar as situações novas e imprevistas de forma magnífica, com um certo sentido de humor», acrescenta outra saveriana do Japão. «Mantinha-se atualizada sobre os problemas mundiais e nacionais,

apresentando-os na oração e partilhando-os connosco e com as pessoas com quem se encontrava. Tinha uma predileção pelas visitas aos doentes, aos idosos e às pessoas sozinhas.»

«Na paróquia, havia muitas pessoas doentes», recorda um padre saveriano que a conheceu no início do seu serviço missionário, «e Mon propôs-me que as fosse visitar e levar-lhes a comunhão juntamente com ela. Era a primeira vez que eu desempenhava esse ministério, e Mon ajudou-me muito. Aprendi com ela a aproximar-me dos doentes, a rezar com eles, a reconfortá-los e a levar Jesus à sua vida. Mon abriu-me o caminho para ser um verdadeiro missionário. Demonstrava uma sensibilidade imensa frente aos sofrimentos físicos dos outros, mas o seu olhar penetrava até aos mais profundos recônditos do seu coração, e Mon desejava prepará-los para acolher a obra salvífica do Médico divino.»

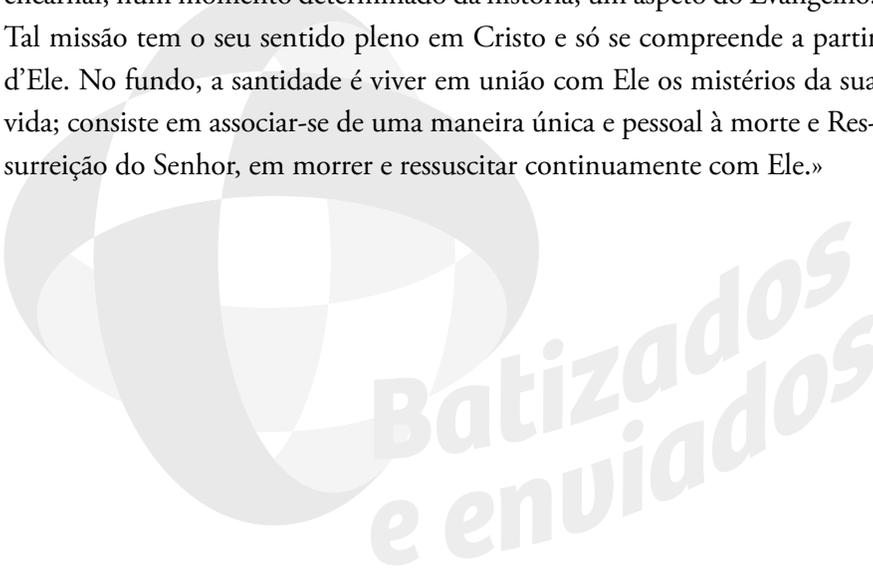
O diretor do Centro de Diálogo Inter-religioso Shinmeizn deixou este testemunho: «Sinto muita gratidão pela irmã Yamamoto Mon, não só porque durante uns bons três anos contribuiu generosamente para a vida e as atividades de Shinmeizan, mas mais ainda pela qualidade da sua presença e pelo seu exemplo de vida religiosa. Sempre serena e jovial, também era muito séria e precisa na observância da vida comunitária e nos outros aspetos da vida religiosa. A oração era muito importante na sua vida. Era sóbria e simples e fugia de mexericos inúteis, sendo laboriosa e muito diligente na execução do trabalho que lhe era confiado.»

Em 2011, foi-lhe diagnosticado um tumor. «Fui visitá-la ao hospital», escreve um amigo, missionário saveriano. «Também recordo ainda a sua preocupação pelos outros. Tinha feito do seu quarto uma “pequena igreja” onde estava na companhia de Jesus.» «Enquanto fazia quimioterapia teve a possibilidade de se preparar para a morte e falava disso com todos os que a iam visitar, deixando atrás de si um testemunho de fé e de serenidade que provinham da sua confiança incondicional em Jesus.»

«Ao vê-la sorridente, as pessoas interrogavam-se se ela estaria verdadeiramente doente. Tinha palavras de agradecimento para com todos: “É graças

às vossas orações...”, dizia sempre. Durante os vários internamentos, a sua serenidade impressionou muita gente: “As pessoas que têm fé são diferentes”, diziam. Nos últimos dias, rezava continuamente: “Senhor, vem buscar-me depressa.”»

«Cada santo», escreveu o Papa Francisco na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* (19-20), «é uma missão; é um projeto do Pai, que visa refletir e encarnar, num momento determinado da história, um aspeto do Evangelho. Tal missão tem o seu sentido pleno em Cristo e só se compreende a partir d’Ele. No fundo, a santidade é viver em união com Ele os mistérios da sua vida; consiste em associar-se de uma maneira única e pessoal à morte e Ressurreição do Senhor, em morrer e ressuscitar continuamente com Ele.»



Batizados  
e enviados

Outubro  
2019

## BEATO PETER TO ROT (1912-1945)

**P**eter To Rot, primeiro beato da Papua Nova Guiné, foi um marido e um pai exemplar, bem como um catequista excepcional. Em 1945, foi morto às mãos dos soldados japoneses em virtude da sua corajosa defesa do matrimónio cristão.

A Nova Guiné está cercada por numerosos arquipélagos habitados por milhares de etnias que falam cerca de oitocentos dialetos diferentes. Os missionários levaram o Evangelho para essa região em 1870, e, em 1882, o primeiro grupo de Missionários do Sagrado Coração de Jesus chegou a Matupit (hoje Nova Bretanha). Para surpresa de todos, o chefe da aldeia de Rakunai, Ângelo To Puia, anunciou que se queria tornar católico, como a maior parte dos habitantes da aldeia. Maria Ia Tumul, mulher de Ângelo, deu à luz o seu filho Peter em 1912; foi o terceiro dos seus seis filhos. Ângelo To Puia fez com que todos eles fossem batizados, e ele próprio ensinou-lhes as verdades fundamentais do catecismo, enquanto Maria os ensinava a rezar.

Desde criança, durante a escola missionária, Peter revelou-se um estudante excepcional e trabalhador, nutrindo particular interesse pela religião. O rapaz tinha uma veia especialmente viva, mas era solícito e disponível. Costumava trepar às árvores para apanhar cocos que oferecia aos habitantes idosos da aldeia, embora, sendo filho de um grande chefe, pudesse ter deixado que fossem os outros a servi-lo.

Em 1930, o pároco disse ao pai de Peter que os seus jovens filhos talvez tivessem vocação para o sacerdócio. To Puia, porém, respondeu sabiamente: «Creio que o tempo não está maduro para que um ou outro dos meus filhos ou qualquer outro homem desta aldeia se torne sacerdote. No entanto, se

quiseres mandar algum para a escola de catequistas de Taliligap, estou de acordo.»

O trabalho missionário a desenvolver na Oceânia era imenso, mas os missionários eram poucos e, por isso, os jovens do lugar eram instruídos para virem a ser catequistas e trabalhar com eles. Peter dedicou-se com alegria à sua nova vida no St. Paul's College: exercícios espirituais, aulas e trabalho manual. A escola tinha uma exploração agrícola que a tornava praticamente autossuficiente. Peter dava o exemplo incentivando os estudantes a participar também no trabalho agrícola. Era um «alegre companheiro», que muitas vezes punha termo aos litígios com as suas frases apaziguadoras. Através da confissão frequente, da comunhão diária e do rosário, ele e os seus companheiros de estudos conseguiram combater as tentações e crescer na fé, tornando-se cristãos e “apóstolos” maduros.

Em 1934, Peter To Rot recebeu do bispo a sua cruz de catequista e foi enviado de volta para a sua aldeia natal a fim de ajudar o pároco, o padre Laufer. Ensinava o catecismo às crianças de Rakunai, instruía os adultos na fé e conduzia encontros de oração. Incentivava a população a participar na Missa dominical, tendo sido um conselheiro fidedigno dos pecadores, ajudando-os a preparar-se para a confissão. Além disso, empenhou-se em combater com zelo a bruxaria, praticada por muita gente, inclusive por alguns que se denominavam cristãos.

Em 1936, Peter casou com Paula Ia Varpit, uma jovem mulher de uma aldeia vizinha. Formavam um casal cristão exemplar. Manifestava grande respeito pela sua mulher e rezava com ela todas as manhãs e todas as noites; além disso, era muito dedicado aos seus filhos, passando muito tempo com eles.

Em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, os japoneses invadiram a Nova Guiné e transferiram de imediato todos os sacerdotes e religiosos para os campos de concentração. Como era leigo, Peter pôde ficar em Rakunai. Depois dessa ocorrência, teve de assumir muitas responsabilidades novas, conduzindo a oração dominical e exortando os fiéis a perseverar, dando testemunho durante os casamentos, batizando os recém-nascidos e presidindo

aos funerais. Conseguiu ainda levar os habitantes da aldeia para a floresta, onde um missionário se tinha refugiado depois de ter conseguido escapar aos japoneses, a fim de que todos pudessem receber os sacramentos em segredo.

Embora inicialmente os japoneses não tivessem proibido por completo o culto católico, rapidamente começaram a saquear e a destruir as igrejas. To Rot teve de construir uma capela de madeira no meio do mato e criou esconderijos subterrâneos para os vasos sagrados; continuou o seu trabalho apostólico com prudência, visitando os cristãos durante a noite por causa dos numerosos espíões que dominavam a região. Viajou muitas vezes até Vunapopé, uma aldeia distante, onde um sacerdote lhe dava o Santíssimo Sacramento. Graças a uma autorização especial do bispo, To Rot levava a comunhão aos doentes e moribundos.

Aproveitando-se das divisões internas entre a população da Nova Guiné, os japoneses reintroduziram a poligamia para conseguirem o apoio dos chefes locais. Implementaram um plano para contrariar a influência “ocidental” sobre a população nativa. Por luxúria ou por medo de represálias, muitos homens tomaram então uma segunda mulher.

O catequista Peter To Rot viu-se forçado a falar: «Nunca falarei o suficiente aos cristãos sobre a dignidade e a grande importância do sacramento do matrimónio.» Chegou mesmo a tomar posição contra o seu irmão Joseph, que defendia publicamente o regresso à prática da poligamia. Além disso, outro dos seus irmãos, Tatamai, voltou a casar-se e denunciou Peter às autoridades japonesas. A sua mulher, Paula, temia que a determinação do marido prejudicasse a sua família, mas Peter respondeu às suas súplicas: «Se tiver de morrer, está tudo bem, porque morrerei pelo Reino de Deus no meio do nosso povo.»

«A comunhão primordial é aquela que se instaura e desenvolve entre os cônjuges: em virtude do pacto de amor conjugal, o homem e a mulher “já não são dois, mas uma só carne” (Mt 19,6; cf. Gn 2,24). [...] A poligamia contradiz radicalmente uma tal comunhão. Nega de facto, diretamente, o plano de Deus como nos foi revelado nas origens, por ser contrária à igual

dignidade pessoal entre o homem e a mulher, que no matrimónio se doam com um amor total e por isso mesmo único e exclusivo.» (*Familiaris Consortio*, 19).

Certo dia de 1945, enquanto Peter To Rot estava a plantar feijão num campo requisitado pelos japoneses, foi preso pelos polícia que tinham acabado de saquear a sua casa, encontrando vários objetos religiosos. Durante o interrogatório subsequente, Peter admitiu que tinha conduzido um encontro de oração na véspera, e o chefe da polícia, Meshida, bateu-lhe. Quando se declarou contrário à bigamia, foi preso. Como disse em seguida à sua família, «para Meshida, era esse o meu principal delito».

Peter foi metido numa pequena cela sem janelas de onde o tiravam de vez em quando apenas para tratar dos porcos. A sua mãe e a sua mulher levavam-lhe comida. Certo dia, Paula levou consigo os seus dois filhos (estava grávida do terceiro) e implorou ao marido que dissesse aos japoneses que deixaria de trabalhar como catequista se o libertassem. «Não tens nada que ver com isso», replicou Peter. Fazendo o sinal da cruz, acrescentou: «Devo glorificar o Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e, assim, ajudar o meu povo.» Pediu, portanto, à sua mulher que lhe levasse a sua cruz de catequista, que manteve consigo até ao fim. Nesse mesmo dia confessou à sua mãe que a polícia tinha chamado um médico japonês que viera medicá-lo, acrescentando: «Eu não estou doente! Volta depressa para casa e reza por mim.» No dia seguinte, um polícia chegou a Rakunai e anunciou: «O vosso catequista morreu.»

O tio de Rot, Tarua, dirigiu-se ao local acompanhado por Meshida para identificar o corpo. Tinham enrolado um cachecol vermelho ao pescoço do mártir, que estava inchado e ferido. Notava-se claramente a marca de uma injeção no seu braço direito. A julgar pelo cheiro, o “médico” tinha injetado nele um composto de cianeto. O veneno tinha atuado lentamente, e os soldados tinham estrangulado e trespassado as costas da vítima com uma espada. Peter To Rot foi sepultado no cemitério de Rakunai, e o seu túmulo tornou-se local de peregrinação. O seu irmão Tatamai arrependeu-se e,

depois da guerra, reconstruiu a igreja de Rakunai com o seu próprio dinheiro, como ato de contrição. Nos cinquenta anos subsequentes à morte de To Rot, a aldeia de Rakunai viu nascer pelo menos uma dúzia de sacerdotes e religiosos para a Igreja Católica.

Durante a sua visita pastoral à Oceânia, em 1995, o Papa João Paulo II beatificou Peter To Rot em Port Moresby. O Papa descreveu assim a sua morte: «Condenado sem processo, sofreu o seu martírio em paz. Seguindo as pegadas do seu Mestre, o “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”, também ele foi “conduzido como cordeiro ao matadouro”. No entanto, este “grão de trigo” caído silenciosamente na terra produziu uma colheita de bênçãos para a Igreja em Papua Nova Guiné! Graças ao Espírito de Deus que habitava nele, proclamou corajosamente a verdade sobre a santidade do matrimónio.»

Batizados  
e enviados

Outubro  
2019

## BEATO PIERRE CLAVERIE (1938-1996)

**E**m janeiro de 2018, o Papa Francisco aprovou a beatificação de «Dom Pierre Claverie e dos seus dezoito companheiros mártires». O homicídio de Pierre Claverie, dominicano, bispo de Oran (Argélia), foi o último de uma série de trágicos assassinatos que lançaram no luto a Igreja da Argélia, entre 1994 e 1996. As outras vítimas foram sete monges trapistas, quatro missionários de África, um frade marista e várias religiosas pertencentes a diversas congregações. A sua morte inscreve-se numa década negra, durante a qual entre cento e cinquenta mil e duzentas mil pessoas foram mortas, quer pela violência quer pela repressão religiosa. É precisamente a sua livre opção de permanecer ali, por amor a Cristo e à Igreja, apesar da referida violência, que nos permite hoje qualificar esses cristãos como «mártires».

Pierre Claverie nasceu em Argel no ano de 1938: era filho da Argélia colonial. Na idade adulta, confessou que tinha vivido toda a sua juventude no meio dos árabes, sem nunca se ter encontrado com eles: «Passei a minha infância em Argel, num bairro popular desta cosmopolita cidade mediterrânica. Ao contrário de outros europeus, nascidos no campo ou em cidades pequenas, nunca tive amigos árabes. Não éramos racistas, apenas indiferentes, ignorando a maior parte da população deste país. Os árabes faziam parte da paisagem dos nossos passeios, do pano de fundo dos nossos encontros e das nossas vidas. Nunca foram nossos companheiros... Sendo cristão e também escuteiro, tive de escutar numerosos sermões sobre o amor ao próximo, mas nunca me tinha apercebido de que os árabes também eram o meu próximo. Foi necessário haver uma guerra para que a bolha rebentasse», diria muito mais tarde, reconhecendo que tinha vivido toda a sua juventude dentro

de uma «bolha colonial». Esta tomada de consciência, que correspondeu ao deflagrar da guerra da Argélia e à proclamação da sua independência, constituiu para ele um verdadeiro ponto de viragem, que o fazia ingressar, em 1958, na vida religiosa e na ordem dominicana.

Estudou em Saulchoir, com os melhores professores, os teólogos dominicanos que prepararam a eclesiologia do Concílio Vaticano II: Yves Congar, Marie-Dominique Chenu e André Liégé. Saiu de lá em 1967, com uma sólida formação intelectual e espiritual, que mais tarde se viria a revelar preciosa. Das cartas que escreveu à sua família emerge a sua precoce maturidade intelectual: «Esta manhã, durante a oração, descobri finalmente o Deus Trindade, que sempre me tinha parecido, até então, uma argúcia de teólogo. Creio que é o essencial do Cristianismo: ainda mais do que a vida de Jesus, do que o seu ensinamento, do que a sua Igreja, Ele revela-nos Deus, não só como um Deus Pai, mas transmitindo-nos a imagem daquilo que somos chamados a ser: aqueles que participam numa corrente de amor que une o Pai ao Filho através do Espírito Santo», escreveria ele em maio de 1959.

Ordenado sacerdote, aceitou com alegria juntar-se à pequena comunidade dominicana de Argel que, orientada pelo cardeal Duval, contribuía para a existência de um novo tipo de Igreja, uma Igreja para um país maioritariamente muçulmano. Por esse motivo, aprendeu tão bem árabe, que mais tarde o pôde ensinar. Mas, acima de tudo, «aprendeu a Argélia», conquistando assim uma magnífica rede de amigos argelinos que seriam muito importantes para ele. O país deu início ao percurso de reconstrução após uma guerra muitíssimo sangrenta (1954-1962): havia muito a fazer em matéria de educação e de formação dos líderes. Pierre Claverie também contribuiu, juntamente com os sacerdotes e as religiosas da Argélia, que se tinham colocado inteiramente ao serviço da formação de cooperantes, empenhados no desenvolvimento do país. Foi um período muito feliz da sua vida. Mais tarde prestaria uma bela homenagem a esses seus amigos, presentes na catedral de Argel, no dia da sua ordenação episcopal: «Irmãos e amigos argelinos, também a vós vos devo o facto de ser aquilo que sou hoje. Também vós me

acolhestes e apoiastes com a vossa amizade. Devo-vos a minha descoberta da Argélia. Embora seja este o meu país, vivi aqui como estrangeiro durante toda a minha juventude. Convosco, aprendendo o árabe, aprendi sobretudo a falar e a compreender a linguagem do coração, a linguagem da amizade fraterna através da qual comunicam entre si os povos e as religiões. A este propósito, tenho a debilidade de acreditar que esta amizade é capaz de resistir ao tempo, à distância e à separação. De facto, creio que ela vem de Deus e a Deus conduz.»

A sua sólida formação levou-o a participar de forma decisiva na reflexão teológica de uma Igreja que devia repensar o sentido da sua presença. Ela não estava ali para fazer proselitismo entre os muçulmanos. Pelo contrário, através do testemunho da fé e da sua ação gratuita ao serviço do país e dos mais humildes, a Igreja podia oferecer uma presença atuante do amor evangélico e contribuir para curar as feridas herdadas do passado colonial e da guerra da libertação. Só a fecundidade do testemunho e a obra do Espírito Santo podem converter os corações e suscitar a liberdade em relação a Cristo e à sua Igreja. Nesse sentido, Pierre Claverie assumiu a direção do centro de estudos diocesano de Argel e colaborou com os bispos na redação de documentos teológicos que tentavam articular o sentido de uma presença cristã num mundo muçulmano.

Em 1981, a sua forte personalidade e o seu carisma pessoal valeram-lhe a nomeação para bispo de Oran, na zona oeste do país. A sua diocese contava com poucos fiéis, mas era internacional: Pierre viria a sentir um grande amor por esse papel de artesão da comunhão, não só entre cristãos de diversas origens, mas também com os amigos muçulmanos da Igreja. Optou por disponibilizar os locais e as estruturas da sua diocese para satisfazer as necessidades da região: bibliotecas para alunos e estudantes, um centro de acolhimento para pessoas portadoras de deficiência, um centro de formação para mulheres. Com os seus companheiros muçulmanos, estabeleceu relações de confiança e de amizade que se viriam a revelar preciosas durante a trágica década dos anos noventa. Só Deus pode converter. Os fiéis cristãos são pouco

numerosos, mas um verdadeiro testemunho cristão pode ser dado a todos os muçulmanos com os quais os cristãos vivem e trabalham diariamente.

Por ocasião de uma conferência na mesquita de Paris, em junho de 1988, Pierre decidiu rejeitar toda a hipocrisia política e sublinhou, sem hesitar, que «no conjunto das relações que têm caracterizado o encontro entre cristãos e muçulmanos, o diálogo nem sempre tem sido a regra», ou melhor, tem-se verificado precisamente o contrário: «A polémica e o conflito têm prevalecido.» Fiel à sua honestidade, começou, portanto, por reconhecer os obstáculos. Para lá das vicissitudes da história – afirma ele –, o problema de fundo é a dificuldade em «admitir e aceitar a alteridade».

Quando o diálogo se limitava às palavras, muitas vezes ambíguas, por vezes enganosas, Pierre Claverie privilegiou o encontro, pois este último implicava as pessoas. Afirmava ele que nada se podia fazer se não se comesse por criar laços de confiança e de amizade. São estes que permitem fazer, imediatamente, coisas juntos, enfrentar desafios comuns e também questões mais complexas. O cristão deve poder explicar que, para ele, a Trindade não é politeísmo; o muçulmano, por sua vez, poderá sublinhar até que ponto o comove o texto do Corão ou a personalidade de Maomé, tão estranhos para um cristão. Um dos milagres que estes encontros podem realizar é contribuir para curar as feridas do passado, que fazem com que a relação entre cristãos e muçulmanos seja muitas vezes entravada por medos e preconceitos persistentes. O recíproco e honesto conhecimento de um são diálogo entre religiões ajuda a promover a liberdade religiosa, o direito ao anúncio e ao testemunho, o direito à livre conversão e adesão religiosa.

A partir de 1990, a Argélia precipitou-se numa década de violência. A tardia abertura política ao multipartidarismo, após vinte e cinco anos de regime de partido único, favoreceu o surgimento dos partidos religiosos radicais. No momento das eleições legislativas locais, estes obtiveram a maioria dos votos e quase tinham chegado ao poder quando o regime militar decidiu, em 1992, interromper o processo eleitoral para evitar que se instaurasse uma ditadura religiosa. Frustrados por não terem alcançado o poder através das eleições,

os fanáticos fundamentalistas tentaram tomá-lo pelas armas. Começaram por assassinar centenas de representantes do Estado (juízes, polícias), passando depois às figuras simbólicas de uma sociedade civil aberta (jornalistas, escritores) e, por fim, voltaram-se contra os estrangeiros. O homicídio dos dois primeiros religiosos cristãos, em maio de 1994, constituiu um trauma para todos. O dos sete monges trapistas, em 1996, escandalizou a grande maioria dos muçulmanos.

Pierre Claverie foi o último dos cristãos assassinados. Devemos acrescentar que ele não só tinha optado por permanecer no país, mas também e sobretudo continuou a falar com coragem, manifestando-se publicamente a favor de uma «Humanidade plural, não exclusiva». «Nós estamos precisamente no nosso posto, pois só neste lugar se pode entrever a luz da Ressurreição e, com ela, a esperança de uma renovação do nosso mundo.» Foi assassinado no dia 1 de agosto de 1996, juntamente com um amigo muçulmano, Mohamed Bouchikhi, que tinha tomado a decisão de ficar com ele, apesar dos riscos. A sua morte chocou os cristãos, mas também muitos argelinos muçulmanos que, nas suas exéquias, afirmaram ter vindo para chorar aquele que também era o «seu» bispo.

Outubro  
2019

## SIMON MPECKE (1906-1975)

Simon Mpecke nasceu em 1906 em Log Batombé, nos Camarões. Em 1914, aos oito anos de idade, Mpecke começou a frequentar a escola primária da missão católica de Édéa. Tratava-se de uma missão aberta pela congregação dos padres palotinos, na época das colónias alemãs. Aos onze anos, Mpecke terminou o ensino primário. A 14 de agosto de 1918, aos doze anos, Mpecke foi batizado em Édéa pelo padre Louis Chevrat, assumindo, a partir desse momento, o nome de Simon Mpecke. No dia seguinte ao do seu Batismo, Mpecke fez a Primeira Comunhão. A seguir, Simon viria a ser professor nas escolas da savana e depois na missão central de Édéa. Em 1920 obteve o diploma de professor nativo na missão católica de Édéa e, em 1923, tornou-se no primeiro professor da missão.

A 8 de agosto de 1924, Simon Mpecke entrou no pequeno seminário de Yaoundé. De outubro de 1927 a dezembro de 1935, na sequência da abertura do grande seminário de Mvolyé, seguiu, durante dois anos, os estudos de Filosofia e, durante quatro anos, os de Teologia. A 8 de dezembro de 1935, Simon foi um dos primeiros camaronenses a serem ordenados sacerdotes. Esta ordenação sacerdotal constituiu uma etapa importante na história da Igreja dos Camarões, tendo inaugurado uma nova era para o país.

Como seu primeiro ministério, Simon foi nomeado vigário da missão de Ngovayang, onde tomou firmemente posição contra as práticas das religiões tradicionais da região. Em 1947 foi nomeado para a paróquia do bairro New-Bell, em Douala, e no ano seguinte passou a ser o seu pároco. Impulsionou a paróquia e incrementou várias confrarias e congregações laicais. Apoiou os movimentos da Ação Católica e a escola, revelando uma grande

disponibilidade e uma generosidade total. Ainda em 1947, por acaso, o padre Simon Mpecke leu um artigo em que tomou conhecimento da existência de populações pagãs no norte dos Camarões. A partir desse momento, sentiu nascer dentro de si uma grande simpatia por essas populações. O estabelecimento das fraternidades dos Irmãozinhos e das Irmãzinhas de Jesus na sua paróquia aproximou-o da espiritualidade de Charles de Foucauld. Em 1953, o padre Simon Mpecke ingressou no Instituto secular dos Irmãos de Jesus e partiu para fazer um ano de noviciado na Argélia. Foi um dos fundadores a nível internacional da União Sacerdotal Iesus Caritas, e viria a ser o seu primeiro responsável nos Camarões. Durante um certo período, pensou ingressar pessoalmente na sua fraternidade.

A 21 de abril de 1957, o Papa Pio XII publica a encíclica *Fidei Donum*; foi, portanto, com esse espírito, que o padre Simon Mpecke partiu para o norte dos Camarões como missionário e como sacerdote *Fidei Donum*. Em fevereiro de 1959, a pedido de Dom Plumey, o padre Simon chegou a Tokombéré para fundar uma missão e tentar chegar aos *kirdi*, nome que significa “pagãos”. Embora o sul dos Camarões, na sua maioria bantu, se tivesse convertido quase todo ao Cristianismo, o norte, habitado por povos de origem sudanesa, era um feudo do Islão.

O médico suíço Joseph Maggi tinha-se instalado na aldeia para fundar um hospital, num lugar onde havia apenas alguns dirigentes da administração colonial francesa e vários técnicos que estavam a introduzir a cultura do algodão. Os primórdios da missão católica de Tokombéré deram ocasião a uma experiência missionária excepcional. A missão não era fácil: Simon Mpecke, com efeito, era considerado um perigo, pois não pertencia à tribo local; no entanto, o facto de ser africano facilitou as coisas. Desde o início, a escolarização dos *kirdi* tornar-se-ia na sua preocupação quotidiana. A sua lendária bondade rapidamente lhe granjeou a alcunha de “Baba”, que significa papá, patriarca, sábio e guia ao mesmo tempo. Todos – homens e mulheres, adultos e crianças, *kirdi* e muçulmanos – passaram a tratá-lo espontaneamente por Baba. Em Tokombéré, Baba Simon cumpriu a promessa

feita por Deus a Abraão: o seu êxodo, a sua missão, permitiu o nascimento de um povo.

A fé e a amizade travada com Jesus convenciam-no de que só o amor pelo homem integral o salvaria do mal espiritual do pecado e da ignorância, e do mal material da miséria e da discriminação étnica e religiosa. Para Baba Simon, a escola era a vida: a sua escola suscitou a esperança de fazer desabrochar o homem na sua luta contra a ignorância, a tirania e o medo e foi a sua forma de lutar em prol da dignidade humana. Decidiu levar a instrução “ao domicílio”, dando a todos a possibilidade de assistir à “escola debaixo da árvore”: uma escola à vista de todos, no próprio coração da vida dos *kirdi*.

Em seguida construiu a escola Saint-Joseph de Tokombéré e obteve autorização para abrir outras escolas em Bzeskawé, em Rindrimé e em Baka. Criou um internato para rapazes e outro para raparigas, gerido pelas Servas de Maria. Baba Simon ensinou os *kirdi* a amar os muçulmanos como seus irmãos de sangue, e fez o mesmo com os muçulmanos em relação aos *kirdi*. Através da escola, das estruturas sanitárias, do empenho contra a injustiça e do apelo à fraternidade universal, permitiu uma verdadeira melhoria das condições de vida das populações *kirdi*, durante muito tempo esquecidas pelo resto do país. A sua preocupação por um diálogo constante com os responsáveis das religiões tradicionais faz dele um precursor profético do diálogo inter-religioso professado pelo Concílio Vaticano II. Gostava muito de viajar, e a primeira razão que o impelia a fazê-lo era encontrar a ajuda necessária para as suas obras em favor dos *kirdi*, sobretudo para os estudantes, pertencentes ou não à comunidade. Com esse objetivo, foi a França, à Suíça, a Itália, a Espanha e a Israel. Partilhou a vida dos *kirdi*, a sua pobreza e a sua luta contra a miséria. A sua evangelização era impregnada de oração, amor à Igreja e caridade para com as suas tradições.

A 13 de agosto de 1975, esgotado pela doença, Baba Simon morreu em Édéa – depois de ter passado um período em França, para ser tratado –, longe de Tokombéré, sem poder voltar a ver os seus *kirdi*. Foi sepultado em Tokombéré.

## BEATO TITUS BRANDSMA (1881-1942)

Anno Sjoerd Brandsma nasceu a 23 de fevereiro de 1881, em Oegeklooster (Frísia Oriental, Holanda). Enquanto frequentava o liceu dos franciscanos de Megen, começou a compreender a sua vocação. Entrou no convento dos carmelitas de Boxmeer a 22 de setembro de 1898, tendo tomado o nome de Titus. Em 1901 publicou o seu primeiro livro, uma antologia dos escritos de Santa Teresa de Ávila, traduzida do espanhol. Depois de ter sido ordenado sacerdote, em 1905, foi enviado para Roma e frequentou a Pontifícia Universidade Gregoriana. Tendo regressado à Holanda, teve várias experiências como professor e continuou a cultivar atividades jornalísticas, tendo publicado as obras de Santa Teresa em holandês.

Pouco antes da afirmação do partido nacional-socialista na Alemanha, foi nomeado magnífico reitor da Universidade de Nimega. Poucos anos mais tarde, recebeu a nomeação de assistente eclesiástico da Associação dos Jornalistas Católicos. Nas suas aulas universitárias sobre a ideologia nacional-socialista, não poupou críticas nem denúncias declaradas ao sistema; como carmelita, docente, jornalista e, por fim, presidente da Associação das Escolas Católicas, opôs-se firmemente à pressão nazi.

Tendo sido preso no seu convento, foi conduzido à prisão de Scheveningen, onde foi sujeito a um apertado interrogatório no qual reafirmou com firmeza a sua posição. No cárcere, traduziu para holandês a vida de Santa Teresa de Jesus. Transferido para o campo de concentração de Amersfoort, foi obrigado a trabalhar e a viver em condições muito duras. Reconduzido a Scheveningen para completar o interrogatório, foi levado para Kleve, campo de triagem onde encontrou maior dignidade e alívio, tanto em termos humanos como espirituais.

Durante o mês de junho de 1942, foi levado numa carruagem de transporte de gado, juntamente com outros prisioneiros, para o campo de Dachau, onde as condições de vida eram extremas, quer devido aos trabalhos forçados e à escassez da alimentação, quer pelas experiências científicas a que eram sujeitos alguns prisioneiros, sorte que também tocou a Titus. Tendo sido internado no hospital do campo, doente e completamente exausto, morreu a 26 de julho de 1942, depois de lhe ter sido injetado ácido fénico por uma enfermeira à qual tinha oferecido um rosário e que, convertida, viria a testemunhar no processo de beatificação. A sua memória litúrgica celebra-se a 27 de julho.

«A oração não é um oásis no deserto da vida, mas a vida na sua totalidade»: esta bela expressão do sacerdote carmelita, jornalista e docente universitário, encerra o testemunho da sua intensa vida de oração, que o predispunha para uma particular atividade apostólica vivida com grande equilíbrio e que alimentava a sua coragem – no tempo das barbaridades nazis – para anunciar a verdade, defender a liberdade da fé, acolher todo o tipo de pobreza e viver até ao fim o mandamento do amor. Citando as palavras de Jesus, «deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz» (Jo 1,27), expressava assim o seu ardente desejo: «Gostaria de repetir esta palavra, de fazê-la ressoar por todo o mundo, sem me preocupar com quem a escutará. Gostaria de repeti-la tantas vezes que aqueles que da primeira vez tivessem virado a cabeça, acabassem por escutá-la, até que todos a tivessem ouvido e entendido [...] a nossa vocação e a nossa felicidade consistem em tornar os outros felizes.» (Conferência *Paz e amor pela paz*, Bergkerk de Deventer, 11 de novembro de 1931) Titus tinha um temperamento generoso e missionário. As experiências internacionais vividas na sua família religiosa, em particular no período dos seus estudos em Roma, alimentaram o sonho de poder ser enviado como carmelita missionário para anunciar o Evangelho. Não pôde realizar esse desejo, submetendo-se à obediência aos superiores, preocupados com a sua frágil saúde.

Embora não tivesse podido partir para terras de missão por motivos de saúde, conservou sempre uma atitude de universalidade, disponibilidade, diálogo e abertura à criação de laços de fraternidade em Cristo. A vida levou-o

realmente a desempenhar uma missão especial: a sua natural inclinação para ser consolador dos aflitos encontrou a sua máxima e heroica expressão nos campos de extermínio. Morreu no campo de concentração de Dachau como «missionário» num lugar «impossível», ao qual foi capaz de levar felicidade e de infundir coragem. São João XXIII viria a defini-lo como «vítima da sua caridade e da constante defesa da verdade», com base em numerosos testemunhos; enquanto sofria ultrajes e espancamentos, suportava com paciência e sincera compaixão os perseguidores, exortando também os seus companheiros a resistir e a rezar por aqueles que se mostravam tão implacáveis em relação ao próximo. Animava-o a convicção de que a luz eterna poderia brilhar através dos sacerdotes do campo, pela sua fraternidade, pela sua esperança e confiança em Deus, no qual se sentiam seguros. Intimamente unido a Deus, tornou-se vaso transbordante de esperança nos lugares aparentemente mais distantes do olhar divino.

Os âmbitos da sua missão foram, portanto, o convento, como lugar de oração e de acolhimento dos mais desfavorecidos, a universidade, onde fazia ressoar a mensagem evangélica, sobretudo encarnando-a, a imprensa e o campo de concentração, nos quais, indo buscar força à fé, incentivava o encontro profundo entre os homens sob o olhar de Deus, superando toda e qualquer distinção social. Isso pô-lo em condições de sobreviver e de fazer outros sobreviver em situações desumanas. Nos campos de concentração, tinha palavras de consolação que exprimiam uma firme certeza: «Confia tudo ao Senhor, dá o teu melhor, e Deus fará o resto!» A sua única perspetiva era Deus, por isso tinha bastante facilidade em adaptar-se a pessoas muito diferentes entre si e a situações difíceis. A sua solicitude em prestar socorro espiritual permitiu-lhe prestar um serviço precioso, administrando o sacramento da confissão e disponibilizando-se como diretor espiritual.

À enfermeira que o matou, disse: «Os bons sacerdotes não são aqueles que dizem belas palavras dos púlpitos, mas aqueles que são capazes de oferecer a sua dor pelos homens, por isso estou contente por poder sofrer.»

## BEATA VICTOIRE RASOAMANARIVO (1848-1894)

A rainha Ranavalona I reinou em Madagascar de 1828 a 1861, ano da sua morte. Inimiga implacável da religião cristã, venerava os *sampy* (uma espécie de ídolos) e seguia, como proteção da sua pessoa e do seu reino, milhares de práticas de superstição. A família mais poderosa e mais próxima da rainha era a de Victoire Rasoamanarivo. O seu avô, Rainiharo, foi primeiro-ministro da soberana durante mais de vinte anos. Dois dos seus filhos, Raharo e Rainilaiarivony, sucederam-lhe nas suas funções.

Rainiharo teve uma filha de nome Rambahinoro. Do casamento dessa filha com um primo nasceu Victoire Rasoamanarivo, terceira de sete ou oito filhos. Nascida em 1848, num ano que parece ser um «encontro a longa distância, como o do galo e do sol» (para usar um provérbio malgaxe) com a revolução industrial, proletária, e o despertar das nacionalidades, também Victoire adotará um comportamento que terá um forte impacto no seu ambiente, determinando o seu destino e a admiração que acabará por suscitar.

Victoire tinha treze anos quando os primeiros missionários católicos chegaram a Tananarive (hoje Antananarivo), em novembro de 1861, após a morte da rainha Ranavalona I. Foi uma das primeiras alunas das Irmãs de São José de Cluny, distinguindo-se pela sua modéstia e devoção, sobretudo pela assiduidade com que assistia à Missa todas as manhãs.

Foi batizada a 1 de novembro de 1863, aos quinze anos, fez a sua primeira comunhão a 17 de janeiro do ano seguinte e, alguns meses mais tarde, a 13 de maio, contando dezasseis anos, foi dada em casamento a Radriaka, seu primo, filho mais velho de Rainilaiarivony. Com essa idade, afirmaria mais tarde, desejaria tornar-se religiosa, acrescentando, porém, que a Providência

tinha decidido de outra maneira. Todavia, a sua nova condição não a separou das irmãs. Continuou a frequentar a escola, visto que os trabalhos domésticos estavam a cargo da criadagem.

Foi assim que começaram as dificuldades, porque os pais e as famílias de ambos tentaram convertê-la ao Protestantismo, religião do Estado e da alta sociedade. O calvário de Victoire começou nesse momento, mas ela mostrou-se irrepreensível e paciente. Não se lamentava, mas chamava a atenção do marido para o mal que as famílias estavam a fazer à sua dignidade de mulher. O marido, consciente de que Victoire tinha razão, por vezes ajoelhava-se a seu lado para rezar. O destino tomou a forma paradoxal da esterilidade conjugal: Victoire experimentou toda a amargura do estigma social associado a essa condição, interrogando-se por isso se tal não seria resultado de uma má conduta esponsal.

Rejeitada pelos seus, Victoire começou a fazer da Igreja a sua segunda morada. Passava aí sete ou oito horas por dia, encaminhando-se para lá às quatro da manhã, ao longo de todo o ano e apesar de todas as ameaças. Tinha criado um oratório em casa, onde muitas vezes passava o tempo de joelhos, prolongando as suas orações até altas horas da noite. Tinha uma especial devoção pela Virgem Santa, pelo que o rosário nunca deixava as suas mãos. Aquela vida de oração, longe de absorvê-la em detrimento dos outros deveres, ajudava-a a cumpri-los com total dedicação. Governava sua casa, que compreendia cerca de trinta servos. Era assídua nas visitas aos doentes, sem qualquer distinção de classe, dava esmolas com frequência e recebia pobres e doentes em sua casa.

Quando a Congregação laical da Virgem Santa foi fundada, em 1876, Victoire foi sua presidente, esforçando-se por infundir nas suas companheiras o zelo pela caridade. Criou um ateliê destinado à confecção de roupas para os pobres e os leprosos. Além disso, ajudou as igrejas pobres; mandou construir a capela da cidade sagrada, Ambohimanga. Na qualidade de membro da família do primeiro-ministro, Victoire era dama da Corte. Forçada a apresentar-se no palácio, ia lá como cristã, com o seu rosário na mão, bem à

vista, e rezava antes e depois das refeições. Ao ouvir tocar o sino, pedia desculpa e saía para se recolher num lugar à parte e rezar o *Angelus*. E quando a interrogavam sobre a razão de tal conduta, respondia simplesmente: «É um costume nosso, dos católicos!» Nela não havia rigidez, ostentação ou intolerância, mas apenas fé, fidelidade a Deus e respeito absoluto pelos outros.

Aquilo que mais suscitava a admiração da Corte era a heroica paciência demonstrada por Victoire, durante quase três anos, frente ao seu indigno marido. Nunca ninguém a ouviu proferir a mínima queixa contra ele. Todavia, as suas atitudes abusivas eram de tal ordem que o primeiro-ministro, de acordo com a rainha, tentou separar Victoire dele, mediante o divórcio. Mal Victoire teve conhecimento de tal projeto, lançou-se aos pés do sogro suplicando-lhe que renunciasse à sua decisão, pois, dizia ela, o matrimónio católico é indissolúvel.

A 25 de maio de 1883 deflagrou uma perseguição contra a missão católica e, depois de terem sido expulsos todos os missionários franceses, os fiéis católicos viriam a ser acusados como traidores dos costumes da ilha e, portanto, da sua pátria. No mesmo dia em que os missionários saíram de Tananarive, uma ordem emitida por uma autoridade desconhecida, divulgada por todos os funcionários civis e religiosos, proclamava que, sendo o Catolicismo a religião dos inimigos da pátria, os seus adeptos seriam considerados traidores.

No domingo seguinte ao êxodo dos missionários, os católicos olhavam com tristeza para as suas igrejas fechadas, mas nem sequer se atreviam a aproximar-se delas. Às nove da manhã, Victoire chegou diante da catedral. Ao vê-la fechada, enviou uma mensagem ao primeiro-ministro perguntando-lhe se uma ordem emitida pela rainha proibia os católicos de entrar na igreja. Não tinha havido nenhuma ordem real a esse respeito. Então Victoire, aproximando-se do oficial que liderava os guardas, ordenou que se abrissem as portas. «Se vos opuserdes pela força, o meu sangue será o primeiro que tereis de derramar. Não tendes direito algum de nos impedir de entrar nas nossas igrejas para rezar.» As portas foram abertas. Victoire foi a primeira a entrar, sendo seguida por um grande número de cristãos. Era uma primeira

vitória, a vitória mais importante, visto que, com ela, se estabelecia o princípio da liberdade da oração.

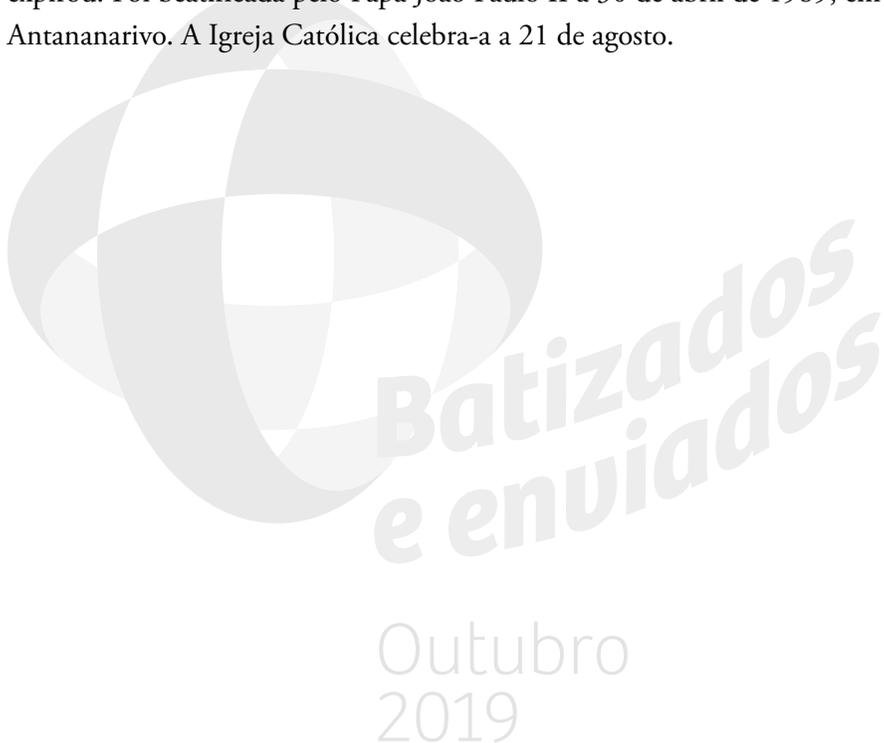
Durante a guerra franco-malgaxe, a nacionalidade francesa dos missionários pôs em risco o futuro do Catolicismo, como religião do agressor. Victoire não tinha preconceitos em relação aos missionários franceses, com os quais mantinha ótimas relações, mas tinha pedido, escrevendo para o estrangeiro e tendo em conta a situação local, que fossem enviados para ali missionários católicos, mas ingleses. Ora, a expulsão abarcou tanto os missionários franceses como o único inglês do grupo, o que tornou patente a oposição ao Catolicismo em si, independentemente da nacionalidade dos missionários.

O padre Caussèque, pároco da catedral, tinha fundado uma associação de homens chamada União Católica. Esta associação devia ser o instrumento do qual Victoire se viria a servir para manter a fé e a prática do culto em toda a missão. Os membros da União Católica reabriam as capelas, reuniam os cristãos e restauravam as escolas. Não foi tarefa fácil. Victoire viu-se forçada a visitar os principais ambientes para infundir coragem nos débeis com a sua presença. Alguns relatos da época descrevem as manifestações de entusiasmo que tais visitas suscitavam. «Tende confiança», dizia Victoire, «a religião católica não é proibida. Os franceses partiram, mas a religião permanece».

Quando os missionários regressaram ao seu posto, Victoire retomou a sua vida simples, modesta e humilde. A única coisa que ainda a preocupava era a conversão do seu marido. Rezava e punha outros a rezar por essa intenção. A sua última obra de “maternidade espiritual” teve precisamente que ver com o seu marido. Uma noite levaram-no para casa embriagado, depois de uma queda que viria a revelar-se fatal. Victoire convenceu-o a receber o Batismo, que lhe foi administrado no seu leito de morte, em 1887. Como viúva, usou luto até morrer, seis anos mais tarde. Mandou dizer numerosas missas pelo repouso da alma do marido, e aproveitou a ocasião desse luto para usar roupa ainda mais simples e para se retirar quase completamente da Corte. Os seus filhos mais queridos eram os humildes: doentes, desfavorecidos, presos

cruelmente acorrentados, leprosos continuamente atormentados pelo seu mal, marginalizados pela sociedade.

Após uma brevíssima doença, Victoire morreu a 21 de agosto de 1894. Dois meses depois, os missionários retomaram o caminho do exílio, que durou até ao fim de 1895. No seu leito de morte, Victoire ergueu as mãos ao céu, segurando o rosário, e pronunciando por três vezes «Mãe, mãe, mãe», expirou. Foi beatificada pelo Papa João Paulo II a 30 de abril de 1989, em Antananarivo. A Igreja Católica celebra-a a 21 de agosto.



## VIVIAN UCHECHI OGU (1995-2009)

O heroísmo surpreendente da história de Vivian reside no modo extraordinário como ela expressou a sua fé cristã, exercendo uma grande influência sobre a vida dos outros desde a tenra idade de nove anos, e na coragem com que pôs em prática aquilo em que acreditava quando teve oportunidade disso, aos catorze anos, optando por ser morta a ser violada.

Vivian Uchechi Ogu nasceu em Benin City, no estado de Edo, Nigéria, a 1 de abril de 1995, filha de Peter Ogu, de Enyilogugu. Segunda de quatro filhos, a sua família era uma das mais empenhadas na comunidade paroquial de St. Paul. Ao seu pai foi confiada a missão de organizar os leigos da Igreja Católica da Ascensão, perto das casernas da força aérea nigeriana. Vivian foi batizada na igreja católica de St. Paul, a 1 de julho de 1995, e recebeu a Primeira Comunhão na mesma paróquia, a 26 de março de 2005. Frequentou a catequese para preparação do sacramento do Crisma, previsto para 2010.

Nos estudos, Vivian distinguiu-se como uma das melhores alunas da escola elementar. Combinou o seu êxito escolar com o objetivo fortemente sentido de levar uma vida cristã exemplar, que inspirasse uma grande espiritualidade e um grande amor pelos irmãos e para glória de Deus. Depois de ter frequentado a escola da Sociedade das Mulheres da força aérea nigeriana (infantário e instrução primária), Vivian continuou os estudos na escola secundária Greater Tomorrow, sempre em Benin City. Quando morreu frequentava o liceu. Sonhava ser advogada para lutar em defesa das causas dos pobres e dos oprimidos, sobretudo das viúvas e dos órfãos. Tornar-se engenheira aeronáutica era outro dos seus sonhos, para provar ao mundo que essa profissão não era apenas para os homens. Vivian representou a sua escola em muitas

atividades, entre as quais o concurso «*Cowbell Mathematics Competition*», visto que a sua matéria preferida era a Matemática. Como atividades extracurriculares, Vivian juntou-se ao grupo interconfessional, em que ocupou o lugar de assistente do responsável pela oração comunitária, papel que manteve até à sua morte. Os seus *hobbies* eram a leitura, o canto e a dança.

O percurso espiritual de Vivian, depois do Batismo, conheceu um novo impulso através do Renovamento Carismático Católico, em que começou a participar, graças aos seus pais, que eram membros do mesmo. Já mais crescida, assistiu aos seus cursos de formação bíblica no «grupo da Alegria». Era intensa a sua atividade cristã junto dos seus colegas, mediante conselhos e experiências partilhadas. Foi representante da sua turma e desempenhou um papel de destaque nos encontros dos Campos Jovens, reuniões anuais que começou a frequentar a partir de 2007.

A igreja católica de St. Paul propunha que as crianças e os jovens participassem na Eucaristia dominical num lugar especialmente reservado para que recebessem uma instrução bíblica adequada e depois se pudessem juntar aos seus pais para a liturgia eucarística propriamente dita. Depois da missa, as crianças recebiam mais ensinamentos dos animadores da catequese paroquial. Foi aí que Vivian, aos nove anos de idade, começou a revelar publicamente o seu zelo e coragem ao falar com as outras crianças da amizade com Jesus, da fé, da dignidade da pureza e da virgindade. Vivian ingressou na comunidade da escola dominical, como então era conhecida, e no coro paroquial. Estava muito empenhada, apesar da sua tenra idade. Tomava parte em todos os eventos especiais da igreja, tais como a celebração anual do Dia da Criança, do Dia da Infância e da Missa cantada de Natal, e ainda na celebração de Ação de Graças no fim do ano, quando se pede às crianças que ajudem a servir nas celebrações litúrgicas.

Após o ingresso oficial no coro da comunidade cristã, em 2005, que já frequentava, tendo notado que o maestro escolhido para substituir a diretora do coro infantil era inconstante no seu papel, Vivian assumiu o cargo de maestrina do coro *pro tempore*, sem que lho tivessem pedido nem que

tivesse sido eleita. Desejava tanto organizar um coro capaz e disciplinado que, com a ajuda do seu pai, também elaborou um estatuto. A proposta foi aprovada pelo responsável dos animadores paroquiais, e assim nasceu o primeiro estatuto do coro das crianças da paróquia. Nos quatro anos seguintes, sob a orientação de Vivian, o coro cresceu, passando de um pequeno grupo de cerca de vinte crianças para quase sessenta, no momento da sua morte. Esse coro obteve muitas vezes o primeiro lugar nos vários concursos musicais organizados pela Sociedade da Santa Infância, desde 2007 até ao mais recente, em 2017. Com a sua fé profunda e o seu amor a Deus e aos seus companheiros, Vivian sugeriu a ideia do sacrifício periódico. Animou as crianças a empenharem-se em vários atos de mortificação tendo em vista a salvação, a sua conversão pessoal e as necessidades materiais e espirituais das crianças mais desfavorecidas da paróquia e do mundo.

Não admira, portanto, que, quando a Pontifícia Obra da Santa Infância Missionária (OPSI) foi inaugurada na paróquia de St. Paul, em 2006, Vivian tenha sido eleita por unanimidade sua primeira presidente. Durante o seu mandato, trabalhou incansavelmente para que a OPSI da sua paróquia não ficasse atrás de nenhuma outra na arquidiocese, em termos de realização de obras e orações. Entre os projetos que coordenou com o seu empreendedorismo contou-se, por ocasião do Dia da Criança de 2008, a angariação de fundos para cobrir as despesas médicas de algumas crianças deficientes do Hospital Central de Benin City, e também para responder às necessidades de algumas crianças dos orfanatos da mesma cidade. Duas instituições que beneficiaram de tal generosidade foram o orfanato de Edo e o orfanato de Oronsaye. Em 2009, tendo em vista o Dia da Criança, Vivian mobilizou toda a paróquia para que fosse instituído um fundo de solidariedade para os paroquianos menos afortunados. Vivian era a representante oficial da paróquia por ocasião das reuniões e das atividades da OPSI na arquidiocese. Também foi o primeiro membro da Sociedade da Santa Infância a contribuir para a criação e circulação do boletim informativo da OPSI da arquidiocese, chamado *Amigos de Jesus*. Vivian gostava muito de ler as Sagradas Escrituras

e de pedir explicações aos sacerdotes e animadores relativamente aos ensinamentos da Igreja. Movida pelo seu amor à Palavra de Deus, empenhara-se em pôr por escrito aquilo que entendia dos evangelhos. Tinha chegado ao capítulo 16 do evangelho de São Mateus quando foi morta.

Através dos cursos de formação arquidiocesanos organizados para as crianças da Obra Pontifícia da Santa Infância, Vivian travou conhecimento com a história de Santa Maria Goretti. Utilizava constantemente a história desta sua santa preferida quando convidava os seus companheiros para uma vida de fé, travando uma amizade pura com Jesus, e os instruía sobre o valor da virgindade. Com a sua morte heroica, Vivian deu um exemplo concreto de tal ensinamento, que continuou a transmitir até à manhã do próprio dia em que morreu.

Domingo, 15 de novembro de 2009, estando em casa, à noite, ladrões armados assaltaram a sua família e depois levaram Vivian e a sua irmã para fora da cidade, para uma zona rural anexa à área industrial governamental da comunidade Eboriaria. Os ladrões tentaram violá-la, mas Vivian repeliu-os vigorosamente; dispararam contra ela, matando-a. Depois da Santa Missa do funeral, na igreja católica de St. Paul, o seu corpo foi levado para a sua cidade natal de Aboh Mbaise, para ser sepultado, a 27 de novembro de 2009. Tendo tido notícia da morte heroica da rapariga, o governo do Estado de Edo concedeu à arquidiocese católica de Benim City o terreno onde Vivian morreu. Dois anos mais tarde, o Conselho do Governo local de Ikpoba Okha deu o nome de Vivian Ogu à estrada onde a rapariga fora assassinada.

Desde 2010, todos os fiéis da arquidiocese de Benim City reúnem-se no lugar da sua morte no dia 15 de novembro, por ocasião do Dia da Memória Anual de Vivian Ogu. A 29 de março de 2014, o arcebispo de Benim City, Augustine Obiora Akubeze, inaugurou o Movimento Vivian Ogu, confiando-lhe a missão de dar a conhecer a história da sua vida exemplar, preservando a terra onde foi morta e recolhendo testemunhos das pessoas sobre as suas virtudes e os seus eventuais milagres, tendo em vista a possível promoção da causa da sua beatificação.

## WANDA BŁEŃSKA (1911-2014)

Wanda Maria Błęńska nasceu a 30 de outubro de 1911 em Poznan (Polónia), filha do casal Teofil Błęński e Helena Brunsz. A 9 de dezembro do mesmo ano foi batizada na paróquia de São Martinho, também em Poznan. Em virtude da doença que atingiu a sua mãe, a família mudou-se para Puszczykowo, mas o estado de saúde de Helena não melhorou. Contando apenas quinze meses, a pequena Wanda ficou órfã de mãe. Em 1920, com o seu pai e o seu irmão Roman, mudou-se de novo, desta vez para Torun. Aí, fez a Primeira Comunhão e frequentou a escola média feminina estatal. Em 1928, passou no exame de maturidade e recebeu o diploma do ensino secundário. Em seguida deu o primeiro passo para realizar o seu sonho, regressando a Poznan para estudar na Faculdade de Medicina.

Embora ainda tivesse de esperar muitos anos para partir em missão, enquanto estudava envolveu-se muito no ambiente missionário, tanto em Poznan como a nível nacional. Inicialmente fazia parte da Secção Missionária do movimento de Sodalicja Marianska, depois teve a ideia de fundar um Círculo Académico Missionário. A 20 de janeiro de 1927, na aula magna da Universidade de Poznan, na presença do cardeal August Hlond (primaz da Polónia), foi inaugurado o primeiro Círculo Missionário Académico. Naquele tempo, contava cerca de cento e cinquenta pessoas. Muito rapidamente, outros grupos desse tipo foram instituídos nas Universidades de Cracóvia, Lviv (Leópolis), Lublin, Varsóvia e Vilnius. Atualmente, o Círculo de Poznan (Círculo Missionário Académico, reativado em 2002) tem o nome de Wanda Błęńska e envia todos os anos jovens para fazer experiências missionárias. Wanda participou ativamente na organização e na animação do Congresso

Internacional dos Círculos Missionários Acadêmicos em Poznan (de 28 de setembro a 2 de outubro de 1927), a que assistiram mais de duas mil pessoas. Nessa época foi fundada a Associação das Sociedades Acadêmicas das Missões na Polónia, tendo Wanda sido nomeada membro do seu conselho central. Durante vários anos participou nos congressos missionários nacionais e internacionais. Em 1931, tornou-se membro do conselho de administração do grupo missionário de Poznan. Participava ainda na redação da *Annales Missiologicae*, a primeira revista missionária da Polónia, que, após a interrupção da guerra, retomou a sua atividade, com o título de *Annales Missiologicae Posnanienses*. Em 1932, Wanda recebeu, do Papa Pio XI, o diploma para difundir a Pontifícia Obra da Propagação da Fé.

Wanda licenciou-se em Medicina a 20 de junho de 1934. Depois de ter terminado os estudos, começou a trabalhar, primeiro no hospital municipal, depois, até ao fim da guerra, no Instituto Nacional da Higiene. Em 1942, incorporou-se nas fileiras da organização militar secreta Gryf Pomorski, que mais tarde passaria a integrar a Armia Krajowa (o Exército Nacional, principal movimento de resistência da Polónia ocupada; em 1978, Wanda receberia a condecoração da Cruz de Armia Krajowa). A 23 de junho de 1944, dia do seu onomástico, Wanda foi presa pela sua atividade conspiratória. Na prisão foi condenada à morte, mas, ao fim de dois meses de prisão, viria a ser libertada.

Depois da guerra, Błęńska assumiu a direção de um dos hospitais de Torun e trabalhou no Departamento de Higiene de Danzig. Em 1946, decidiu ir visitar o seu irmão Roman, moribundo, que estava na Alemanha. Não tendo recebido o seu passaporte, tomou um navio para Lubeque, onde, depois de ter viajado escondida no depósito de carvão, se encontrou com o seu irmão. Após a morte de Roman, já não conseguiu regressar à Polónia. Ficou na Alemanha, onde trabalhou em hospitais militares polacos. Em 1947 frequentou o curso de Medicina Tropical, em Hamburgo. Mudou-se depois para Inglaterra, onde prosseguiu a sua formação no campo da Medicina Tropical e foi admitida na Royal Association of Tropical Medicine and Hygiene de

Londres. Precisamente aí conheceu um missionário da Congregação dos Padres Brancos, que lhe falou dos seus planos de construção de uma leprosaria em Fort Portal, no Uganda. Em 1950, a Dra. Błęńska foi convidada pelo bispo local para trabalhar no Uganda e, em março desse mesmo ano, deu início ao seu serviço no hospital de Fort Portal. Infelizmente, porém, a leprosaria nunca viria a ser construída.

Os hospitais de Nyenga e Buluba, construídos nos anos trinta pela Madre Kevin, fundadora da Congregação das Irmãs Franciscanas para a missão em África, representavam, no Uganda, os primeiros centros de tratamento da lepra. Durante anos trabalharam aí apenas enfermeiros e técnicos de laboratório. Faltavam os médicos. A 24 de abril de 1951, Błęńska chegou a Buluba, junto ao lago Vitória, e começou a trabalhar no hospital de São Francisco, onde permaneceria por mais quarenta anos como médica e missionária leiga. Ao princípio, as condições de trabalho eram deploráveis, mas Wanda modernizou os dois institutos, elevando-os a um alto nível de tratamento e de cuidados dos pacientes. Em 1956, fundou um centro de formação de assistentes médicos, em vista do diagnóstico e tratamento da lepra, que hoje tem o seu nome. Ensinou muitos estudantes em diversos países africanos, participou nos congressos internacionais de médicos especializados em lepra e tornou-se numa das especialistas mais qualificadas do mundo no tratamento da lepra. No princípio dos anos oitenta, a Dra. Błęńska confiou a gestão do centro de Buluba ao seu aluno, Dr. Joseph Kawumie. Apesar disso, permaneceu ali, trabalhando como médica consultora até 1992. Em 1986 foi ter com o padre Marian Żelazek, na Índia, onde trabalhou, durante nove meses, no centro para leprosos de Puri. Os dois missionários polacos mantiveram-se unidos por uma sincera amizade durante muitos anos.

Wanda Błęńska conquistou o coração dos ugandeses, tanto pelas suas capacidades profissionais como pela forma como abordava os doentes. Chamavam-lhe a «Mãe dos Leprosos». Graças ao seu trabalho, ajudou a superar o estigma social em relação aos leprosos e empreendeu muitas ações destinadas a recuperar a sua dignidade. Examinava-os sem luvas, não querendo

que se sentissem discriminados, calçando-as apenas quando alguma ferida estava aberta ou quando operava. Passados anos, contaria: «Antes de mais, queria fazer com que os meus pacientes se habituassem à sua doença e se familiarizassem com ela, para reduzir o seu medo. Tal como acontece com qualquer outra doença, também com a lepra os pacientes precisam de se familiarizar. Estes doentes são pobres. Há sempre muita gente que os faz aperceber-se do seu medo. Por vezes cria-se um ambiente de medo, porque o medo difunde-se, é contagioso. Eu dizia sempre a todos: “Olhem para mim, porventura os meus dedos têm chagas?” Sempre mantive os habituais princípios higiénicos: depois de ter examinado um paciente, lavava as mãos. Contudo, lavava-as não só depois de examinar alguém com lepra, mas depois de cada paciente... a fim de que todos pudessem ver que esse gesto faz parte dos hábitos de qualquer médico.»

Wanda Błęńska regressou à Polónia em 1992, mas durante mais dois anos ainda viajou entre as suas duas pátrias (Polónia e Uganda). Estabeleceu-se definitivamente em Poznan no ano de 1994. Foi ao Uganda pela última vez em 2006. Apesar da sua idade avançada, participou na vida missionária da Igreja até ao fim da sua vida. Até aos noventa e três anos ensinou no Centro de Formação Missionária de Varsóvia. A 7 de junho de 2003, o Instituto dos Leigos Missionários associado à Conferência Episcopal Polaca recebeu o seu nome. Durante anos visitou escolas, paróquias, centros pastorais e grupos missionários, animando de modo particular as crianças e os adolescentes: «Quando falo com os jovens, digo sempre: “Se tens alguma ideia boa e luminosa, cultiva-a! Não a deixes adormecer, não a rejeites! Mesmo que pareça impossível de alcançar e demasiado difícil, não desanimes. Deves cultivar os teus sonhos!”»

Além de participar em conferências e convénios missionários, organizava assistência médica e financeira para os missionários e as missões, inclusive com o seu próprio dinheiro. Fez parte do grupo dos iniciadores da fundação humanitária Redemptoris Missio e era membro honorário do conselho da fundação. A escola particular de Poznan e o complexo escolar de Niepruszew

têm o seu nome. Recebeu numerosos prêmios, condecorações e menções honrosas, entre os quais a Cruz *pro Ecclesia et Pontífice*, a medalha de São Silvestre, a Ordem da Polónia (que depois decidiu devolver), a cidadania honorária do Uganda, o título de *Honoris Causa* da Academia das Ciências Médicas de Poznan e, da parte das crianças, a Ordem do Sorriso.

Wanda Błęńska morreu em Poznan a 27 de novembro de 2014, com cento e três anos de idade. Atualmente, a arquidiocese de Poznan está a recolher todo o material relativo à vida e à santidade da Dra. Wanda Błęńska para dar início ao seu processo de beatificação.

